



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO RURAL – PPGMADER

MARIA DA CONCEIÇÃO DO NASCIMENTO OLIVEIRA



**O PROCESSO DE RETERRITORIALIZAÇÃO E O MODO DE
VIDA DE FAMÍLIAS PIONEIRAS DO ASSENTAMENTO
TRÊS CONQUISTAS, DISTRITO FEDERAL**

Brasília, DF

2019

MARIA DA CONCEIÇÃO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

O PROCESSO DE RETERRITORIALIZAÇÃO E O MODO DE
VIDA DE FAMÍLIAS PIONEIRAS DO ASSENTAMENTO TRÊS
CONQUISTAS, DISTRITO FEDERAL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (PPG-MADER) da Faculdade UnB de Planaltina (FUP), Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dOL48p do Nascimento Oliveira, Maria Da Conceição
O Processo de Reterritorialização e o Modo de Vida de
Famílias Pioneiras do Assentamento Três Conquistas, Distrito
Federal. / Maria Da Conceição do Nascimento Oliveira;
orientador Mônica Celeida Rabelo Nogueira. -- Brasília, 2019
98 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Meio Ambiente e
Desenvolvimento Rural) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Desterritorialização . 2. Reterritorialização . 3.
Assentamentos de Reforma Agrária. 4. Memórias
Multibiográficas. I. Celeida Rabelo Nogueira, Mônica,
orient. II. Título.

Ao meu pai, à minha mãe e à você que
está lendo.

*A casa dos meus sonhos
É feita de ilusão
E vive sempre cheia de amor
Amor e solidão*

*Na casa dos meus sonhos
Virá para aquecer
Minha alma sempre a te esperar
Eu sei que esse sol vai um dia aparecer*

*Na luz que existe
Em teu lindo olhar
Pra minha alma iluminar*

*A casa dos meus sonhos
É feita de ilusão
E vive sempre cheia de amor
Amor e solidão*

*Na casa dos meus sonhos
Virá para aquecer
Minha alma sempre a te esperar
Eu sei que esse sol vai um dia aparecer*

*Na luz que existe
Em teu lindo olhar
Pra minha alma iluminar*

*A casa dos meus sonhos
É feita de ilusão
E vive sempre cheia de amor
Amor e solidão*

(A casa do sol nascente , Agnaldo Timóteo)

MEUS AGRADECIMENTOS

Quando penso nesse mestrado como mais um presente que a vida me concede, basta um aceno de cabeça e um sorriso de gratidão, aceitar e agradecer.

Quando penso nesse mesmo mestrado como uma conquista por mérito, tenho que agradecer às muitas pessoas, pois sem estas eu não teria chegado até aqui.

Quero agradecer aos meus pais, Francisco Batista e Maria Aldeci, em memória. Aos meus filhos, Jorge Costa, Vivian Nascimento e ao meu neto Apolo, que está aqui me ajudando com palmas e sorrisos. Aos meus amores dessa vida, especialmente ao Ivan Alves, pois optei por fazer um mestrado para aguardá-lo para outros projetos.

Em nome de Zezinho agradeço a todos os meus queridos agricultores e em nome de Boneca agradeço a todas as mulheres do Três Conquistas. Essa homenagem é nossa!

Em nome de Thais, agradeço a todos os meus caros ex educandos do pró jovem e do Pronatec. Verdadeiramente aprendemos enquanto ensinamos.

Agradeço ao Pedro, que me ajudou com o pré-projeto de mestrado. Sem ele, eu não estaria aqui.

Aos colegas do MADER, que me inspiram e apoiam. Especialmente à Joice, pois essa é uma amizade que levarei pela vida afora.

Agradeço à minha elevada mestra, Mônica Nogueira, que sabe inspirar e encontrar a criatividade de seus orientandos. Sem ela, eu abandonaria o processo de pós definitivamente. Obrigada por não desistir de mim!

Agradeço a Deus, essência presente em todas as pessoas e reinos, pura magia, sinônimo de amor.

RESUMO

O objetivo do estudo foi caracterizar e analisar o processo de reterritorialização e o modo de vida de famílias pioneiras do Assentamento Três Conquistas, Paranoá - Distrito Federal, com base nas memórias e narrativas dos sujeitos e práticas presentes, a fim de contribuir com o campo de estudos sobre reterritorialização camponesa e o modo de vida de assentados da Reforma Agrária. O primeiro capítulo traz relatos multibiográficos, que descrevem e interpretam as memórias dos interlocutores sobre os processos de desterritorialização vivenciados, desde as suas origens até o momento em que se integraram à luta do MST. Os relatos foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas. O segundo capítulo apresenta o MST e descreve como se deu a organização dos sujeitos desterritorializados para a reivindicação do assentamento, desde o acampamento em abril de 1996. O último capítulo descreve as dinâmicas sociais, traços culturais e particularidades percebidas nas práticas cotidianas do Assentamento, desde a fundação, em 1998. O Assentamento é o fruto resultante da luta social de seus sujeitos. Ao mesmo tempo, espaço construído e constituinte da territorialidade de seu povo.

Palavras-chave: Desterritorialização; Reterritorialização; Assentamentos de Reforma Agrária; Memórias Multibiográficas.

ABSTRACT

This master's thesis aimed to describe and analyse the process of reterritorialization and the way of life of pioneer families from Assentamento Três Conquistas, Paranoá - Distrito Federal, based on the memories and narratives of the subjects, as well as their practices, in order to contribute to the field of peasant reterritorialization studies and the way of life of land reform settlers. The first chapter presents multibiographic narratives, which describe and interpret the memories of the interlocutors about the processes of deterritorialization experienced, since the settlement's beginning until the moment it is incorporated in MST's land struggle. The narratives were collected through semi-structured interviews. The second chapter presents MST and describes how the settlers organized themselves in order to demand the settlement, since the first actions in April, 1996. The last chapter describes the social dynamics, the cultural traits and particularities perceived in the daily practices in the settlement, since its foundation in 1998. The settlement results from the social struggle of the subjects. It is, at the same time, a space that builds and is built by the territoriality of its people.

Keywords: Deterritorialization; Reterritorialization; Land Reform Settlements; Multibiographic Memories.

Lista de tabelas e figuras

Figura 1 - A luta pela terra. Eu e meu pequeno Jorgim, em 1996, na ocupação da Fazenda Grotão. “MST: a luta é pra valer, mãos em punho!”	43
Figura 2 - Oficinas e brincadeira desenvolvidas por alunos da UnB junto às crianças do acampamento....	45
Figura 3 - A inauguração do assentamento pelo governador Cristóvão Buarque, Arlete Sampaio e João Luiz Homem de Carvalho, então, Secretário de Agricultura.....	50
Figura 4 - Mapa do Assentamento Três Conquistas.	56
Figura 5 - Agroindústria do Centro Comunitário – que jamais foi utilizada.....	74
Figura 6 - Casa no formato original de 25m2. No entorno, plantio de soja, após venda do lote.....	76
Figura 7 - Igreja conduzida por dona Abadia, localizada próximo ao final da chácara 12.....	79

Lista de siglas

ASTRAC – Associação dos Trabalhadores da Reforma Agrária do Três Conquistas

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CEASA – Centrais de Abastecimento do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

DFE – Distrito Federal e Entorno

DO – Diário Oficial

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FUP – Faculdade UNB campus Planaltina

FZ-DF – Fundação Zoobotânica do Distrito Federal

GO – Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IFB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LOP – Licenças de Ocupação Provisórias.

MASTER – Movimento dos Agricultores Sem Terra

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MG – Minas Gerais.

PAD-DF – Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal

PROCERA – Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e emprego

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

PIB – Produto Interno Bruto

PT – Partido dos Trabalhadores

RA – Região Administrativa

SAB – Sociedade de Abastecimento de Brasília

SR28 – Superintendência Regional do INCRA 28

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - O QUE MOVIMENTA A VIDA? NECESSIDADE E DESEJO, ESPERANÇA E BUSCA. MEMÓRIAS DE RETERRITORIZAÇÃO.....	10
1.1 Memorial de Ceíça, a Autora.....	10
1.2 Entre idas e vindas, mazelas e sonhos, se desenha o início da pesquisa	17
1.3 Trajetória da menina Dionar: Deixa ver o que vou te contar... Te contar do pé de goiaba ou da latrina?.....	19
1.4 Talvez eu não seja essa pessoa pra você tirar experiência de mim	20
1.5 O sonho de Maria	24
1.6 Aquele era um mundo bom, a gente não sabia que faltava tanto	27
1.7 O que essas histórias têm em comum?	30
CAPÍTULO 2: A LUTA E A CONQUISTA DO ASSENTAMENTO	33
2.1 O percurso histórico e a origem do MST	34
2.2 Outros Assentamentos de Reforma Agrária do Distrito Federal.....	37
2.3 O acampamento Sarandí II, precursor do Três Conquistas	39
2.4 A Marcha Nacional e a ocupação da Fazenda Grotão.....	47
2.5 Gestaçã e nascimento do Assentamento Três Conquistas	50
CAPÍTULO 3: FUNDAÇÃO DO ASSENTAMENTO TRÊS CONQUISTAS E A RETERRITORIZAÇÃO DOS SUJEITOS EM VINTE ANOS DE HISTÓRIAS	55
3.1 Descrição inicial do espaço geral do Assentamento Três Conquistas.....	55
3.2 A primeira roça de arroz foi coletiva e em sistema de mutirão.....	58
3.3 A criação da primeira associação do Assentamento Três Conquistas e o acampamento geminado.	59
3.4 O esperado dia do sorteio das chácaras.	59
3.5 A minha pendência	60
3.6 O despejo de Ledir.....	63

3.7	Distanciamento do MST.....	65
3.8	A ocupação das chácaras individuais	66
3.9	Instalação das infraestruturas básicas	67
3.10	Os projetos iniciais	68
3.11	O principal projeto.....	71
3.12	Descrição da paisagem atual.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS		81
REFERÊNCIAS		83
APÊNDICES		i

INTRODUÇÃO

O Brasil é um Estado Nacional imenso, composto de diversos biomas e diversas territorialidades. Desde seu estabelecimento, como Colônia de Portugal, até os nossos dias, apresenta uma característica: a concentração de terras. Ainda hoje encontramos uma grande concentração de terras no país sob o controle de uma elite econômica. Esta estrutura fundiária, concentrada e capitalista, é geradora de pobreza e miséria no meio rural (OLIVEIRA, 2001), produzindo um grande número de pessoas desterritorializadas. O desenvolvimento capitalista aumenta a concentração de terras, expulsa as pessoas do meio rural para as periferias urbanas, alimentando as migrações do campo em direção às cidades.

Muitos eventos contribuíram para o êxodo rural no Brasil, desde a década de 1960. O regime militar, entre os anos 1964 e 1985, implantou no Brasil uma política de desenvolvimento agrícola baseada no uso intensivo do solo, na utilização da mecanização e de insumos químicos, a chamada Revolução Verde, que promoveu uma modernização conservadora da agricultura, aumentando a produção, mas gerando como efeito colateral a exclusão social de mais de 28 milhões de pessoas que deixaram os campos devido ao desemprego e aos baixos salários (DELGADO e BERGAMASCO, 2017).

Os conflitos e as precárias condições de trabalho no campo também se constituíram em fatores das migrações rurais – urbana. Esses mesmos conflitos justificaram o surgimento de movimentos sociais rurais de luta, entre eles o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O MST é o resultado do enfrentamento das massas desterritorializadas frente à histórica concentração de terras no Brasil. Desde seu nascimento, o MST defende a mesma bandeira: luta por terra, por Reforma Agrária e por uma sociedade justa. Seu modo de atuação abrange desde a formação política de sujeitos dos meios urbano e rural, a formação de militantes, até as manifestações públicas e ações diretas em defesa de suas bandeiras de lutas, como os acampamentos e ocupações de terras.

O MST é o mais expressivo movimento social rural de luta por terra, por justiça social e por Reforma Agrária no Brasil. A Reforma Agrária tem sido um dispositivo potente de retorno de muitos sujeitos para o rural, e o MST foi um importante catalisador no processo de reterritorialização de muitos sujeitos migrados do rural para o urbano.

Nos acampamentos, pessoas provenientes de diversos estados brasileiros, homens e mulheres de diversas idades, com traços culturais distintos, se organizam em torno de um objetivo comum: adquirir terras para nela e dela viver. Muitas vezes a opção de compor um acampamento de luta é também a única solução de moradia diante do desemprego e da falta

de renda. Não foi diferente a mobilização que originou o Acampamento Sarandí II, o precursor do Assentamento Três Conquistas, no Distrito Federal.

O Acampamento Sarandí II foi um acampamento do MST, composto por cerca de 1.200 pessoas provenientes das periferias da capital federal, Brasília. O acampamento manteve-se na região da Embrapa Cerrado, na cidade de Planaltina, Distrito Federal, entre abril e setembro de 1996. Após esse período, o conjunto das famílias acampadas no Sarandí II foi remanejado para diversos acampamentos e pré-assentamentos no DF e Entorno. Dentre eles o Assentamento Três Conquistas, localizado na área rural (DF 130, Km 21) da Região Administrativa do Paranoá, Distrito Federal. Sessenta e cinco (65) famílias foram remanejadas do Acampamento Sarandí II, para a área que hoje corresponde ao Assentamento Três Conquistas.

O processo de constituição do pré-assentamento se deu em tempo recorde - um período de cinco meses do acampamento ao pré-assentamento. A área, uma região plana caracterizada por topo de morro, com trechos de solo arenoso e áreas de cascalho, aonde ocorrem ventos fortes e queimadas frequentes, já fora explorada pela silvicultura de eucaliptos (*Eucalyptus grandis*) e pinheiro (*Pinnus*). É nesse espaço que as famílias vindas do acampamento Sarandí II seguiram partilhando uma história de reterritorialização.

O MST e as diversas experiências de acampamentos e assentamentos mobilizados pelo movimento ensejaram estudos em diferentes áreas do conhecimento e abordagens. Assim, o leitor interessado encontra esforços de registro e análise da história do movimento (FERNANDES, 2000; CARTER; YAMAGAMI, 2010; BRANFORD; ROCHA, 2004), de suas práticas e símbolos (COMPARATO, 2001; CALDART, 2001), bem como análises sociológicas do movimento (PORTO-GONÇALVES, 2005) tanto quanto etnografias sobre a memória e o cotidiano de acampamentos e assentamentos (RIBEIRO *et al.*, 2002; SILVA, 2017), apenas para citar alguns.

A presente dissertação associa-se a esse último conjunto de estudos, dirigidos a compreender os processos coletivos de reterritorialização de sujeitos no campo, por meio da luta pelo acesso à terra mobilizada pelo MST. Tem também como foco as práticas e narrativas desses mesmos sujeitos sobre o processo de luta e reterritorialização, sendo um estudo em chave (multi)biográfica, como se verá adiante. Ainda que essa seja uma história comum a milhares de outras famílias no país, o estudo se justifica pela persistência do silenciamento das vozes dos trabalhadores sem terra, tornados assentados rurais – não obstante o acúmulo de trabalhos dedicados ao tema. A presente dissertação dedica-se, assim, a registrar a memória e

a experiência coletiva das famílias pioneiras do Assentamento Três Conquistas, procurando responder às seguintes perguntas: Como se deu o processo de estabelecimento do assentamento? Quais os desafios percebidos e enfrentados por essas famílias ao longo do tempo? Quais as mudanças significativas ocorridas no assentamento desde sua fundação até o presente? E como, afinal, elas estabeleceram um modo de vida nesse lugar? O objetivo é, portanto, caracterizar e analisar os processos de reterritorialização e o modo de vida de famílias pioneiras assentadas da Reforma Agrária do Assentamento Três Conquistas – Distrito Federal.

Breve apresentação da autora e seu envolvimento com o assentamento

Convêm socializar minha participação na história do Assentamento Três Conquistas. Fui acampada, contribuí na militância para a gestão do acampamento ao Assentamento. Vivi ali por mais de 16 anos, minha vida acontece no contexto dessa comunidade.

Com o passar dos anos, vivendo o processo de reterritorialização ali na comunidade constituída no Três Conquistas, habitando, aumentando a família, tive ali meu segundo casamento e minha segunda gestação, trabalhando, participando como liderança comunitária presidindo a associação por dois mandatos, ampliando as relações e responsabilidades, ampliando a compreensão de mim e do mundo à minha volta.

Fiz EJA no PAD-DF, depois Técnico em Turismo no Colégio Agrícola de Planaltina, que mais tarde se federalizou, tornando-se o Instituto Federal Tecnológico (IFT), o que oportunizou a formação e graduação de muitas pessoas do meio rural, como eu. Após a minha graduação em tecnóloga em Agroecologia, em 2014, passei a dar aulas de ciências agrárias no *Projovem Campo: Saberes da Terra*, um programa do Governo Federal para jovens do meio rural. Agora, como mestranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural - MADER, pela Universidade de Brasília (UnB), campus Planaltina, percebo a importância de dar voz ao meu povo, à minha gente. Levar também a minha própria voz para o universo da academia, pois todos são espaços de disputa e o pobre sabe como é difícil a sua luta, como é difícil se fazer ouvir. Hoje, não moro no assentamento em função de uma separação. Contudo, compreendo que onde eu estiver, esse é o meu lugar de luta.

Método Multibiográfico: o diálogo entre memórias é possível?

O presente estudo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso no Assentamento rural de Reforma Agrária Três Conquistas, Paranoá, Distrito Federal, com características próprias, o que justifica a abordagem adotada. Para compreender o processo de reterritorialização das famílias pioneiras do Três Conquistas, lancei mão da memória de membros dessas famílias – grande parte mulheres - entendendo memória como a capacidade de lembrar, o estado de consciência presente desses sujeitos sobre experiências passadas, conforme as proposições de Maurice Halbwachs (1990).

Mas outra dimensão da memória se entrecruzou na realização da pesquisa: as minhas próprias lembranças, a minha memória individual sobre o processo, visto que participei da criação do Assentamento e vivi nele por 16 anos. A incidência de minha própria memória e história de militância agregou a este trabalho um sentido particular: o da luta pela memória, para registro das lembranças dos sujeitos entrevistados, sempre silenciados pela história, em uma afirmação da memória popular sobre o vivido. A presente dissertação é, assim, uma pesquisa qualitativa, descritiva, baseada em biografias e narrativas vivenciadas por sujeitos pioneiros de um Assentamento de Reforma Agrária no Distrito Federal - as minhas e a dos meus interlocutores e, nesse sentido, é baseada em uma multibiografia, ou em um diálogo de memórias.

Para esse exercício, encontrei apoio na fenomenologia, enquanto abordagem teórico-metodológica, para a descrição de experiências singulares, fatos sociais vivenciados e descritos pelos sujeitos, a partir de suas próprias consciências/memórias, procurando também preservar seus próprios termos no relato. A dissertação procura, assim, oferecer um relato sobre fatos sociais passados e presentes, revividos e ressignificados, a partir da reconstrução de fragmentos de memórias. Memórias de vivências singulares que, de modo consciente ou não, definem e conformam tanto o mundo do sujeito quanto o sujeito e sua visão de mundo. O caminho de análise visou, portanto, o resgate dessa memória popular sobre o vivido no fenômeno da reterritorialização no assentamento Três Conquistas.

O cenário da pesquisa foi o assentamento rural de Reforma Agrária Três Conquista, fundado pelo Governo do Distrito Federal (GDF) em 1998, localizado na área rural do Paranoá, Distrito Federal. Convidei para tomar parte nessa pesquisa algumas famílias pioneiras ali residentes. Os critérios de seleção foram somente ter participado da luta por terra desde o início do acampamento e se disporem a compartilhar suas memórias da experiência vivida – portanto, uma amostra por conveniência e adesão espontânea. Todos os entrevistados

concederam, através de declaração escrita, autorização de uso de suas imagens e relatos biográficos para a elaboração desse estudo e, posterior publicação.

Cinco narrativas singulares se entrecruzam na tessitura desta dissertação: a de quatro sujeitos pioneiros do assentamento de Reforma Agrária Três Conquistas – três mulheres e um homem – e a minha própria narrativa, com foco sobre o vivido. Foram minhas interlocutoras: a senhora Dionar Monteiro de Souza, residente na Chácara 28; a senhora Santa Ribeiro dos Santos, Chácara 08; a senhora Maria Domingas Ribeiro, Chácara 40; e o senhor José Neres de Almeida; Chácara 51.

Além dessas, foram ouvidas outras pessoas, ainda que de forma menos sistemática, a saber: Jovino Rodrigues Correia e sua senhora, Maria da Abadia Rodrigues Correia; Marinalva Alves dos Santos; Marinalva Alves Pereira “Boneca”; Antônio Carlos de O. Souza; José Neres de Almeida e sua senhora, Cassilene Ferreira Campos; Gilberto Ribeiro dos Santos e sua irmã, Maria Domingas Ribeiro dos Santos; Adroaldo Antônio de Souza e Delvani Rodrigues de Oliveira.

Para a coleta/elaboração dos dados da pesquisa realizei entrevistas semiestruturadas e também utilizei um caderno para o registro da observação direta dos dias em campo e das minhas memórias. A coleta de dados se deu em quatro imersões em campo, todas realizadas em 2018. A primeira ocorreu em janeiro e as seguintes em setembro, outubro e dezembro, respectivamente. Durante as imersões estive hospedada na casa de Marinalva Alves Pereira, apelidada carinhosamente de Boneca desde a infância, na chácara de número 21.

A sistematização dos dados se deu também em 2018. A partir das narrativas, analiso os elementos centrais referentes às experiências relatadas de desterritorialização, reterritorialização e do que hoje constitui o modo de vida, uma nova territorialidade desses sujeitos no Assentamento.

A memória social da comunidade do Três Conquistas, de 1996 até o presente, está impregnada de vivências de um momento histórico das lutas por justiça dos movimentos sociais do campo. Aprender as memórias desses sujeitos, buscando entender como se deu o processo de luta e reconstrução de sua própria identidade implica, também, em uma luta pela manutenção de uma memória coletiva que é teórica e prática, objetiva e subjetiva. Trata-se, a rigor, da memória do oprimido, de quem vivencia a realidade no processo de reconstruir seus valores, sua identidade, sua própria territorialidade. Um momento no qual percebo a mim mesma como esse sujeito histórico, crítico, reflexivo e que tem algo a dizer.

A história oficial inclina-se a tomar o futuro pelo significado do passado. Os historiadores privilegiam a palavra escrita do texto que serve como estatuto da lei. Tal reivindicação acaba por marginalizar outras fontes. Deste modo, a sua ideologia impede as pessoas de construir sua própria história ou histórias. Por outro lado, a memória popular considera o passado enquanto uma questão política. Nesta condição, o passado não é só visto como um ponto de referência, mas também enquanto um campo de disputa. Para a memória popular, não há mais “centros” ou “margens”, já que muitas designações indicam que algo foi convenientemente posto de lado (TESHMONE apud CHAM, 2012, p. 299).

Nesse sentido, a memória popular também está a serviço da afirmação de um modo de vida que se intenta realizar no presente, uma luta permanente de resistência desses trabalhadores rurais. Por isso, me desafiei a trazer para o papel, no âmbito da Academia, a minha vivência como membro do grupo e do povo assentado no Três Conquistas. Por isso também – e por minhas implicações com o assentamento – integro à dissertação meu pensamento, a minha memória individual, uma manifestação singular do coletivo que represento, tanto quanto a memória coletiva e popular das famílias pioneiras do assentamento, em um exercício de *escrevivência*, inspirado por obras de intelectuais como Conceição Evaristo e Carolina de Jesus. Essas autoras e suas obras oferecem referências teórico-práticas para o exercício a que me lancei: o de escrever e descrever narrativas de experiências reais vivenciadas por consciências singulares, objetivando entender o todo a partir da individualidade.

Conceição Evaristo é mestra em Literatura Brasileira, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Uma escritora mineira que reivindica o conceito de *literatura negra* para repensar a escrita de si pelos escritores e escritoras negros. Ela é também ensaísta e poeta desde os anos 90 e vem se dedicando a desvelar os estereótipos reforçados na representação das personagens negras no cânone literário brasileiro. A escritora inaugura um construto discursivo forte – *escrevivências* -, um termo que se soma ao pensamento negro feminino brasileiro. Sua primeira obra publicada individual foi *Ponciá Vicêncio*, em 2003 onde aborda a discriminação racial, de gênero e de classe.

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora negra que nasceu em 1914 em Sacramento MG. Viveu muito tempo na favela do Canidé em São Paulo, onde criou três filhos sozinha, trabalhando como catadora de papel. Encontrava velhos cadernos, nos quais escrevia um diário contando o dia a dia da favela. Esse trabalho veio a ser publicado em 1960 sob o título *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, livro que foi publicado em 14 idiomas, tornando Carolina a escritora negra mais publicada no mundo.

As duas, Conceição e Carolina, são referências para o meu trabalho porque são vozes subalternas que se afirmam pela escrita. As duas escritoras mineiras retratam sujeitos, momentos e lugares que a sociedade prefere ignorar, fazer de conta que não existem, que não os vê. Quando olha, é com um olhar de reprovação, julgamento errôneo e condenação explícita e imediata, sem direito a justificativa ou defesa. Como se o *ser* ou *estar* pobre fosse uma escolha pessoal e vergonhosa. Ser negro, ser mulher, ser residente de uma favela ou acampamento, estar sem teto, Sem-Terra, militar por justiça social: todas são situações de exclusão. Identifico-me, pois. Nessa dissertação, procuro retratar, a partir de fragmentos das vivências narradas, uma realidade socialmente invisibilizada. As duas escritoras, em suas trajetórias, confirmam o fato de que é necessário transgredir a ordem para se fazer ouvir. Em suas obras, elas retratam personagens e momentos de sujeitos desfavorecidos, como os pioneiros do Assentamento Três Conquistas.

Vejo-me como a Carolina, lutando pelo pão de cada dia, tendo que optar entre a comida ou o dinheiro do transporte para que seus filhos pudessem ter acesso à escola, à educação formal. Vejo-me, como ela, devorando livros com avidez, sobrevivendo com tão pouco e lutando para superar a própria pobreza, que devora lentamente tantos destinos.

Vejo-me como Conceição Evaristo, que teve que aguardar por muito tempo para conseguir concluir seus estudos, se pós-graduar. Nem sempre é possível estudar, diante da imediata necessidade de correr pelo cuidado e sobrevivência da família, prioritariamente. Como a Conceição, quero falar das injustiças do mundo, do meu lugar, da minha gente, dos eventos vividos, das dores, amores e sonhos que conformam o que nos tornamos.

Meu pressuposto, portanto, é de que há importância em se estudar e analisar os processos vivenciados por sujeitos como eu, como meus companheiros de acampamento e assentamento, bem como em levar suas vozes, através da pesquisa, para o espaço da universidade.

O fenômeno estudado, o processo de reterritorialização de famílias pioneiras do Assentamento Três Conquistas, dialoga com uma diversidade de outros temas. Portanto, com o intuito de construir um fio lógico que estabeleça o pano de fundo da pesquisa, se fez necessário também adentrar em temas relacionados: território, desterritorialização e êxodo rural; movimento social dos sem terra, Reforma Agrária, acampamentos e assentamentos no DF, reterritorialização, análise da territorialidade construída pelas famílias nos 20 anos de assentamento. A opção, contudo, por uma *escrivência* – uma narrativa de orientação fenomenológica – também gera efeitos sobre a apresentação desta dissertação. Sua estrutura e

forma narrativa subvertem a ordem comum às dissertações acadêmicas. O desenvolvimento dos temas associados e da análise se entrelaça com as narrativas dos sujeitos, seguindo a cadência e a direção dada por seus relatos/memórias, em um experimento textual que faça jus ao intento de registrar e compreender suas (e também a minha) experiências.

Apresentação dos capítulos

Para compreender a experiência passada e presente das famílias pioneiras do assentamento Três Conquistas, faz-se necessário resgatar suas histórias passadas até o momento em que se estabelecem como comunidade assentada. Caracterizar seu território e compreender sua territorialidade, desde a luta como acampados até o estabelecimento do assentamento como uma comunidade, um território. Descrever suas dinâmicas sociais e o seu modo de vida, seus processos produtivos, seus valores, particularidades específicas, as quais lhes conferem identidade e a importância atribuída por eles ao seu próprio processo de construção como comunidade.

Assim, o objetivo maior desse estudo é caracterizar e analisar o processo de reterritorialização e o modo de vida das famílias pioneiras do Assentamento Três Conquistas, Paranoá, Distrito Federal, com base na memória dessas famílias – cotejando-a com a minha própria memória - e de suas narrativas e práticas presentes, a fim de contribuir com o campo de estudos sobre reterritorialização camponesa e os modos de vida de assentados da Reforma Agrária.

No capítulo 1, descrevo e interpreto a memória de meus interlocutores sobre o seu processo de desterritorialização - desde as suas origens até o momento em que se integraram ao MST. Neste capítulo, apresento também o meu memorial. Se falamos de onde estamos, importa saber e conhecer de onde viemos, para supor quem somos. A história de cada um guarda um momento histórico, uma parcela do todo que buscamos visualizar e entender. Ver o mundo a partir de diversas janelas dá uma visão mais ampla do horizonte. Entrelaçada aos depoimentos das famílias entrevistadas, a minha memória contribui para construir um fio lógico, a compreensão sobre os processos de desterritorialização de cinco diferentes pessoas que se encontram no momento de iniciarem uma jornada de reterritorialização. Procuo, então, identificar os pontos comuns e o que eles nos informam sobre tais processos.

No capítulo 2, *A luta e a conquista do Assentamento*, apresento o MST e como se deu a organização dos sujeitos desterritorializados para a reivindicação do Assentamento. Caracterizar o acampamento como um espaço de luta permanente, apresentar as dinâmicas, dificuldades e marcos importantes na luta até a conquista do assentamento e sua implantação é o objetivo desse capítulo.

No capítulo 3, *Descrever a vida no Assentamento: reterritorialização*, caracterizo a comunidade: número de famílias, quem ficou, quem saiu, quem chegou, o papel da associação, os parceiros e as atividades produtivas. Descrevo as dinâmicas sociais, traços culturais e particularidades percebidas nas práticas cotidianas da comunidade. Procuo apresentar as percepções das famílias sobre os tempos passado, presente e futuro do assentamento, quais são os códigos e valores operados pelas famílias pioneiras e ainda residentes na comunidade, e o que mudou ao longo do tempo.

A proposta, então, foi registrar, no sentido de descrever o processo de reterritorialização da comunidade do Assentamento Três Conquistas, uma parcela pequenininha de um segmento crescente no país. Acampados e assentados da Reforma Agrária, sujeitos fundantes de diversas territorialidades, que, com garra e determinação, ousam sonhar com um modo de vida que proporcione alguma autonomia, seja sobre a produção de alimentos para a vida, seja sobre sua existência.

Nas considerações finais, esclareço o que motivou esse estudo e que lições podem ser extraídas da história do Assentamento Três Conquistas para compreender processos de reterritorialização rural. Também reflito sobre o que o processo de pesquisa me proporcionou e destaco outras perguntas que o estudo suscita.

CAPÍTULO 1 - O QUE MOVIMENTA A VIDA? NECESSIDADE E DESEJO, ESPERANÇA E BUSCA. MEMÓRIAS DE RETERRITORIALIZAÇÃO

*Pus o meu sonho em um navio
e o navio em cima no mar,
Depois, abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar.*

*Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entre abertas,
e a tinta que escorre dos meus dedos
colore areias desertas.*

*O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio.
Embaixo da água vai morrendo
Meu sonho em um navio.*

*Chorarei quanto for preciso,
Para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.*

*Depois tudo estará perfeito;
Praia lisa, águas ordenadas,
Meus olhos secos como pedras
E as minhas duas mãos quebradas.*

(Canção, Cecília Meireles)

1.1 Memorial de Ceíça, a Autora

Me chamam de Ceíça. Cheguei aqui no Distrito Federal em 1989, com meu pai. Fugíamos da fome, do desemprego, da miséria e outras carências. Eu sou nordestina nascida em Simões, Piauí, em uma casinha de taipa de dois cômodos e meio, na noite de São Pedro, de 1974. Contaram-me que a fogueira ainda conservava as chamas quando fiz presente a minha voz nesse mundo, pela primeira vez. Minha avó paterna, Mãe Maria, Mainha para os netos. Ela que me pegou, cortou o umbigo e estabeleceu o meu nome, Maria da Conceição, pois eu seria afilhada de nossa senhora da Conceição, segundo sua devoção.

Minha história ronda em torno da família desde sempre. Nasci nas mãos da avó paterna, nas terras do avô materno. Acho o grupo familiar muito importante na configuração dos valores de uma pessoa, não imagino uma vida sem família, sou um ser gregário. Eu existo como uma espiral circulando a família. Sou a primogênita dos nove filhos de minha mãe. Passei os meus primeiros anos nas terras do meu avô, depois rodopiei com meus pais por diversas cidades próximas, e também distantes. A nossa vida no Nordeste se resumia a rodopiar entre Pernambuco, Piauí e Bahia, sempre correndo de um lugar para outro, aonde houvesse algum trabalho e meu pai pudesse suprir de alimentos a sua casa. Ele sempre trabalhava vendendo sua força de trabalho como agricultor, pedreiro, oleiro ou vendedor ambulante em Petrolina, Juazeiro, Araripina, Nascente, para citar as principais localidades e atividades, levando consigo, quase sempre, a penca de filhos.

Uma época, ele conseguiu trocar sua casinha em Araripina, Pernambuco, por umas quatro tarefas de terras no Sítio Canto da Onça, nas proximidades de Morais, também Pernambuco. Ali, criávamos porcos, galinhas, peru e uma vaca leiteira. Plantávamos de tudo um pouco. Lembro-me do amarelo das flores de girassol que enfeitavam o caminho entre a nossa casa e a casa onde morava Mainha, minha avó paterna. Lembro o cheiro dos pepinos (chamados meloinha por aqui, um tipo de pepino que se come com açúcar), rachados de tão maduros. Seu aroma enfeita também as minhas memórias infantis. Vivemos ali alguns anos plantando, colhendo no Sítio Canto da Onça e pescando na barragem de Lagoa do Barro.

Lembro-me da fartura, havia comida para fartar-se! Meu pai guardava batata-doce enterrada na areia juntamente com abóboras e jerimuns de leite, de um inverno para o outro. Plantava-se e colhia-se muito milho, feijão, abóbora, mandioca, batatas e favas, abóboras e melancias, bananas e pepinos. Minha irmã Janaina nasceu nessa terrinha, e seus mingaus eram feitos de milho verde ralado na hora. Se havia chuva, de tudo se colhia em abundância. Havia, nessa terrinha, uma meia dúzia de pés de pinhas erados. Colhíamos de sacos de náilon que, cheios de frutas, deixávamos guardados embaixo das moitas para, em três dias, pegar as frutas maduras, no ponto.

Quando a seca castigava, pai corria atrás de trabalho e outros sonhos. Em uma destas buscas, veio parar em Brasília pela primeira vez. Não foi bem sucedido e, para voltar, trocou a vaca pelo dinheiro das passagens. Vendeu à distância mesmo, para um seu amigo que vivia no Distrito Federal, cujo pai era das redondezas lá de Araripina, Pernambuco.

A vida ficou ainda mais difícil sem o leite e os queijos da vaquinha, então fomos todos para o Pará em busca de melhores condições de vida. A região mais distante em que

moramos, Km 12, não sei exatamente onde se localiza, sei que havia um rio imenso em que atravessávamos de balsa, possivelmente esteja localizado nas proximidades de Marabá no “Belém do Pará”. Uma região tão distante, “Belém do Pará”, que minha avó Mainha acreditava que se tratava do mesmo Belém onde nasceu Jesus. Foi a época em que a carne de boi capava os homens¹, lá para o lado dos garimpos daquelas terras distantes.

Meu pai arranhou trabalho e moradia em uma serraria. Tanta pobreza, tanta miséria, tantos fracassos... Meu pai surtou, ficamos pouco tempo por ali e foi necessário o meu avô materno ir lá resgatar filha e netos. Meu pai, que estava incontrolável, louco varrido, ficou em alguma parada do caminho, não houve meios de colocá-lo no ônibus, fugiu. Chegou a salvo em Araripina em menos de 2 meses graças aos anjos de Deus, que cuida dos inocentes. Veio andando a pé e de carona, pedindo alimentos, sem um pingão de juízo. Foi levado e internado no manicômio de Recife. Assim que melhorou, de lá fugiu e, para o resto de sua vida, conseguiu conviver com a esquizofrenia e a loucura - subjetiva e social. Nunca aceitou como são esse mundo louco de ganância, exclusão e misérias mil.

Entre os anos de 1985 a 1988 estivemos morando na fazenda do meu avô materno, Seu Né, localizada no município de Simões, na divisa entre Piauí e Pernambuco, e é nesse contexto que me aproprio dos meus valores e conceitos, principalmente em relação à família, terra e modo de vida.

Ajudei meu pai a construir nossa nova moradia. Oleiro, como ele era, em 32 dias bateu o tijolo, queimou e levantou a casa, seu orgulho. Viveríamos agora do lado da casa do meu avô. Devido ao surto sofrido por meu pai, tínhamos medo de ficar distantes da parentela, temíamos novas crises, novos surtos. Tiramos a madeira para o telhado e portas nas matas ao redor da própria casa, localizada a menos de 1.000 metros da casa do vovô. Já as telhas, essas vieram de caminhão provenientes de alguma fábrica das redondezas, compradas provavelmente com o dinheiro da venda da antiga moradia, a terrinha lá perto de Moraes, Sítio Canto da Onça.

Nessa época, minha mãe já contava quatro filhos: eu, Fransualdo, Janaína e José Ribamá. Mãe havia perdido duas barrigas entre eu e meu irmão mais velho, o Fransualdo. Agora esperava mais um, que veio a chamar-se Josemar. Meu pai trabalhava, reclamava e praguejava que não era justo o seu dia de serviço, não dava para comprar um quilo de carne de bode magro. Ele se recusava a buscar água distante no lombo de jumentos, falando que não

¹ Naquela época saiu umas histórias por lá de que os homens que comiam as carnes de boi nos garimpos ficavam capão, ou seja, não teriam mais filhos, pois as injeções que se aplicava nos rebanhos para capar os bois deixavam princípios ativos que ficavam na carne, e quem consumisse estava condenado a nunca mais ter filhos.

escolheu viver ali, naquele lugar seco do cão. Essa tarefa sobrou para mim por longos anos. Desesperavam-se todos quando a chuva tardava. O gado sofria sede e fome, as pessoas mais ainda. As autoridades políticas da região abriam frentes de trabalho chamadas de *Emergência*, em que empregavam as pessoas por salários irrisórios que, ainda assim, salvavam as famílias da fome feroz. Priorizavam na contratação mulheres viúvas, grávidas, ou chefes de famílias em extrema pobreza. Era uma benção de Deus tirar o serviço no lugar da minha mãe, lá na frente de *Emergência*. Ela estava grávida de novo, e os encarregados aceitavam outro parente tirar serviço no seu lugar. Nesse período, eu contava 11 anos, aproximadamente. Ajudei na construção de uma barragem na região de Monte Santo, Piauí, por meio da *Emergência*.

Quando o inverno era bom, a vida fluía tranquila na fazenda do meu avô - digo avô porque ali é um mundo de homens, onde as mulheres não são consideradas, apesar de todas as tarefas e cargas que suportam. Na mesa grande da casa do meu avô se reuniam muitos tios, tias, primos e primas aos domingos. Éramos quatro famílias, todas vivendo em casas distintas na mesma propriedade, além das tias e tios solteiros que ainda estavam na casa paterna.

Havia tempo de plantar e tempo de colher. Dividíamos os anos em seca e inverno; se chovia era inverno, se o sol rachava era seca e miséria. Os jovens, meninos e meninas, trabalhavam nas roças de seus respectivos pais, e na hora da colheita havia troca de dias e mutirões. Emprestava-se os filhos para executar as tarefas de colheitas, às vezes até por semanas. Os tios pagavam nosso trabalho com um “Deus te abençoe”. Cabia às meninas, como eu, cuidar das criações miúdas, como ovelhas, porcos, galinhas e, claro, cabras leiteiras. Era o leite dessas cabras que garantia a primeira refeição do dia em minha casa. Além dessa rotina de apartar as cabras à tarde e ordenhá-las pela manhã, ainda cabia a mim cuidar dos cabritos enjeitados e enfermos, alimentando-os na mamadeira e curando suas bicheiras.

Fazia parte do meu rol diário de tarefas, cuidar das criações miúdas da minha casa e da casa de vovó, moer milho para o cuscuz, pegar lenha para o fogão da cozinha, pegar água distante utilizando ancas de jumentos, cuidar dos meus irmãos menores. Na época de seca, os homens preparavam as brocas, roçados e cercas. Eu e minha prima Sônia preparávamos ração à base de palmas para as vacas de vovô.

Meu avô mantinha essa fazenda como produtora de toda sorte de alimentos para subsistência: fava, milho, guandu, feijões, batatas, cana, bananas, palmas. Para comercializar, produzia algodão e mamona. Nunca ouvi falar de correção de solo ou de defensivos agrícolas naquela época, só necessitávamos que o bom Deus, São Pedro e Padre Cícero mandassem chuva. A terra era pedregosa, então havia terras distantes em uma chapada onde se produzia

mandioca, e anualmente havia um ritual de produção de polvilho e farinha, a boa e velha farinhada. Era uma festa! Acampávamos umas duas semanas na serra, fazendo farinha, e essa atividade envolvia quase todos os parentes. Este era o mundo da minha pré-adolescência, o único que conhecia.

Passaram-se alguns anos e mais uma gestação, agora minha mãe teve gêmeos. Sem a menor condição de vida, sem aguentar a escassez, meu pai a convenceu a mudarem-se para Petrolina ou Juazeiro, pois ali havia os projetos irrigados nas margens do São Francisco. Ali, com certeza, teria trabalho e fartura. Minha mãe buscava também um meio de não ter mais filhos. Pensou que lá, em um hospital maior, talvez pudesse conseguir uma sonhada ligadura de trompas. Meu pai sonhava com um mundo com mais água, mais comida e uma cachacinha.

Lembro-me da figura da minha vó materna (vó Zefinha) balançando a cabeça e baixando as vistas timidamente, em um leve sorriso de incredulidade, e dizer:

- Esse meu cumpade Chiquim é um sonhador!

Ela não acreditava na história que meu pai acabara de contar-lhe.

- Pois é, cumade Zefinha, num tô lhe dizendo? Pode acreditar, minha sogra, tem lugar que a gente cava uma cisterna dentro da cozinha, assim no terreiro, se quiser, e dá nágua, água boa, água doce.

Vejo nessa memória a incredulidade, o assombro diante do novo. Para minha avó, era um sonho ter água doce, água boa, em uma cisterna próxima à cozinha. Ela não estava habituada a ter oferta de água em abundância, tampouco conhecia outros mundos.

Mudamos com mala e cuia. Agora minha mãe já não tinha seu pai, que faleceu. Em compensação, teve mais duas gestações. Somava agora 7 filhos. Nos primeiros meses, nesse novo lugar, os gêmeos morreram. Um adoeceu, foi internado, mas não resistiu. E o outro morreu porque o primeiro morreu - foi o que me disseram, nisso acreditavam. Hoje, acredito que foi falta de uma nutrição adequada, já nasceram fraquinhos. Minha mãe conheceu uma enfermeira nesse período, e ela arranjou uma ligadura de tropas para minha mãe, despesas por conta do Estado. Um sonho realizado, não sem enfrentar as críticas de algumas pessoas da família.

- Mulher direita não tem o que esconder, não tem porque fazer ligação!

Palavras da minha Mainha, avó paterna, claramente declarando que mulher honesta tem quantos filhos Deus permita e com certeza todos nascerão com a cara do pai, como prova da fidelidade. Mulher ligada (tendo feito ligadura de trompas) queria era vadiar - ou seja,

deitar com outros homens sem o medo de o filho nascer com a cara do amante, é o que ela queria dizer.

Vivemos alguns anos entre Petrolina e Juazeiro. Meus pais trabalharam com vários patrões, como vendedores ambulantes, o conhecido mascate/crediaristas. Eles trabalhavam nos municípios ao redor. Às vezes passavam a semana inteira sem vir em casa. Eu era a responsável pelos irmãos menores. Numa dessas semanas de ausência, minha mãe deu um pulo em Simões, Piauí, levando consigo o filho caçula Josemá e muitas mercadorias, roupas de cama para vender. Nessa mesma semana meu pai esteve em Sobradinho, Bahia também vendendo a crediário, com a equipe do senhor Natal, seu patrão. Nesse tempo, morávamos em uma ocupação (que, na época, chamávamos invasão), em um barraco de madeirite e papelão, localizada nas margens do bairro Areia Branca, em Petrolina - PE. Eu ali, com 13 anos, cuidando de 3 irmãos menores. Nos encontrávamos sozinhos no estado do Pernambuco, já que mãe estava no Piauí e meu pai na Bahia. Nesses dias, passei por um grande desafio, que vou contar aqui.

Nessa época, era comum as pessoas de bairros pobres, favelas, se espremerem na frente das janelas das casas que tinham televisão para assistir as novelas, durante a semana, e os Trapalhões aos domingos. Numa dessas aventuras, para ver a novela através da janela da sala de alguém, deixei as crianças sozinhas. Eles encontraram distração e diversão queimando os fiapos da cortina com a vela que iluminava o barraco de 2,5 metros por 4 metros. A brincadeira saiu do controle e virou incêndio. Queima total do barraco e de muito dos cacarecos que compunham a mobília da casa. Por sorte, os vizinhos conseguiram salvar todas as crianças, incluindo a que se escondeu embaixo da cama no barraco em chamas, minha irmã Janaína.

Contando aqui essas memórias, lembro que meu irmão Fransualdo tem uma tendência pirofóbica. Ele já havia queimado uma broca antes da hora, lá na fazenda de vovô, e perdemos toda a madeira com a qual faríamos as cercas, pois as madeiras ainda estavam espalhadas no meio do brocado quando o menino, por brincadeira, ateou fogo no brocado. Essa travessura do moleque Fransualdo nos valeu uma bela surra coletiva. Só para esclarecer, se meus irmãos faziam coisas erradas, eu era cobrada e punida juntamente e até mais. Por ser a mais velha, era minha responsabilidade responder pelos erros deles, na ótica do meu pai.

Quando a novela terminou e cheguei em casa... Olha a surpresa! Só um monte de cinzas molhadas. Logo tomei ciência do ocorrido, reuni a prole, encontrei abrigo para essa noite e logo cedo no outro dia comecei minha tarefa hercúlea. Meu desafio era encontrar uma

nova moradia, um aluguel, sem um tostão, sem muitos conhecidos, sem credibilidade ou idade. Consegui! Aluguei uma casa fiado, numa rua próxima à ocupação. Cuidei de instalar a prole e, quando nossos pais apareceram dias depois, não houve surra. Importante registrar que essa ocupação foi a que originou o bairro João de Deus, em Petrolina – PE. Em 1986, foi ainda discutida a possibilidade de se nomear o bairro pelo nome de Dois Irmãos, devido à morte dos gêmeos de minha mãe.

Rodopiamos por Petrolina e Juazeiro e depois voltamos para Nascente – PE, aonde passamos mais uns anos. Plantando em terras de terceiros, moramos de favor em casa de um tio abençoado, e logo meu pai fez uma outra casa. Sem emprego, sem renda, decidimos vir para Brasília em 1989.

Chegando aqui no Distrito Federal, meu pai encontrou trabalho como caseiro em uma chácara perto do Colorado, em Sobradinho, e em dois meses mandou dinheiro das passagens para que minha mãe viesse com os meus irmãos. Dinheiro das passagens, somente. Vieram passando fome, pois não havia o suficiente para as refeições. Eu e meu pai viemos em condições piores, pois nem as passagens nós tínhamos. Em Teresina - PI, pedimos as passagens no serviço social. Uma alma abençoada nos deu. Para comer, trocamos tranças de alho por refeições, nas paradas do caminho.

Aqui, trabalhei de doméstica e babá. Matriculei-me na sexta série do Ensino Fundamental, na Escola n. 5 da Quadra 10 de Sobradinho. Passei por diversos trabalhos: padarias, açougue, caixa na boa e tradicional pastelaria Viçosa, da rodoviária do Plano Piloto. Quero relatar aqui uma passagem, quando estava trabalhando de doméstica na casa da patroa do meu pai, senhora dona Fernanda. Um dia perguntei.

- Dona Fernanda, porque a senhora e seu Rude não têm filhos?

- Tenho a vida muito boa pra ter filhos!

No ano seguinte ela engravidou - só para registro -, pois o que marcou em mim foi um padrão de valores que eu desconhecía. Questionei: como assim, não ter filhos? Para mim, não existia nenhum outro caminho, nenhuma outra forma de existir, de viver, senão crescer, casar e ter filhos. Não entendia como pessoas ricas, com empresa, chácara, apartamento, carros, empregados, não queriam filhos. Foi o meu primeiro estranhamento frente aos padrões, valores e caminhos trilhados por indivíduos da sociedade estranha que se apresentava ao meu redor, na qual eu não me via como parte.

Quando, anos antes, os gêmeos de minha mãe faleceram, lá em Petrolina, eu pensei: “Deus sabe de tudo, são duas bocas a menos nesse mar de escassez”. Então, no meu mundo

pequeno, a única coisa que inviabilizava o aumento da família era a falta de alimentos, a falta de recursos financeiros. Houve algum momento de crise conjugal entre pai e mãe, em que eu lembro de ouvir a frase “a família necessita muito mais que alimentos...”.

Casei em 1992, tive o meu primeiro filho em 1993 e fiquei viúva em 1994. Em 1996, entrei no Movimento Sem Terra. Fui convidada por meu pai a participar do acampamento Sarandí II. Acreditei, aceitei o convite. Queria ter uma casa, um lugar para viver. Sem casa nem emprego formal, viúva e com um filho para criar, o movimento sinalizava um caminho possível, uma opção de vida para mim. No primeiro mês de acampamento, já participei de algumas formações para militantes, e passei a coordenar grupos e participar de ações na luta pela terra aqui, no Entorno do DF.

1.2 Entre idas e vindas, mazelas e sonhos, se desenha o início da pesquisa

Faço minha primeira imersão na comunidade do Assentamento Três Conquistas, para fins de pesquisa, em 29 de janeiro 2018. Logo cedo, passei em quatro chácaras agendando visitas para a tarde e para os dias seguintes. Conforme acordado, volto e esclareço o motivo da visita para os meus ex-vizinhos. Estou propondo uma pesquisa de mestrado que estude o processo de reterritorialização das famílias pioneiras do assentamento, a partir das nossas memórias e vivências. Socializo com o presidente da associação, senhor Gilberto Ribeiro dos Santos, o propósito da pesquisa. Esclareço que serão muitas idas e vindas para aprofundar o olhar na leitura e descrição da comunidade.

Falo da importância de levar para o mundo da Academia o nosso olhar sobre esse pedacinho de mundo que construímos. Resgatar os fragmentos de lembranças que guardamos, e que define o que somos. Estudar a nossa história e, a partir dela, quem sabe, compreender melhor o momento histórico que vivemos e, se possível, ressignificar nossos próprios conceitos, a partir da análise do vivido.

A proposta da pesquisa é bem acolhida, e em poucos dias visito mais de 10 famílias. Entre risos e cafés, nos atualizamos, conversamos sobre nossas vidas na atualidade, sobre nossos filhos, estudos, trabalhos, os que já partiram e os que se mudaram, falamos dos sucessos e mazelas vividas.

Ensaio algumas entrevistas com alguns casais. O primeiro, senhor Carlos e dona Dionar; O segundo, senhor José Neres e Cassilene. Seu José Neres é conhecido por Zezinho. Entrevisto no dia seguinte outras pessoas, dona Boneca da Chácara 21, dona Abadia da

Chácara 10. No dia, repito a tarefa: visitar, conversar e entrevistar outras pessoas. Dona Domingas, da Chácara 40; Dona Marinalva, da Chácara 50. Explico sempre do que se trata, que é só o início, uma proposta de pesquisa. Nesses primeiros contatos, começamos por relembrar eventos impactantes ocorridos no processo de fundação da comunidade. Estas pré-entrevistas importam para nortear a proposta de pesquisa, dar corpo ao projeto de dissertação proposto na qualificação da pesquisa. Além disso, nos proporciona uma amostra do que teremos pela frente e, dessa forma, podemos eleger, convidar alguns destes sujeitos para contribuir com suas narrativas no estudo final.

Na primeira noite na comunidade, depois de cinco anos residindo fora dali, a lapiseira imprime em letras o que as emoções embalam em meu interior. São tantos pensamentos, tantas perguntas sem respostas que orbitam o meu ser. Anoto no meu caderno de campo as primeiras impressões que o olhar de pesquisadora me permite, mas confesso que o olhar de pioneira também fala tanto quanto. Meu olhar vê e fala de um lugar construído de lutas e sonhos, palco de muitas esperanças. O Assentamento é o resultado de uma luta que, nesse momento, nunca foi dor ou sofrimento, foi apenas o desafio, a aventura e a conquista. Uma saudosa e doce lembrança.

As imersões, as vivências seguintes, só ocorreram a partir de setembro de 2018. Agora com a pesquisa qualificada e os objetivos bem definidos, optamos por aprofundar na releitura da comunidade. Fazer um quadro geral do que foi aquele espaço e no que se tornou ao longo do tempo. Entrevistar as pessoas, ouvir seus relatos, suas narrativas. As senhoras Dionar, Santa, Maria Domingas, Abadia e os senhores Zezinho, Gilberto e Carlos gentilmente se dispuseram a compartilhar conosco suas memórias, um pouquinho de suas histórias. Esses momentos de diálogos e escutas fraternas foram de muita importância para que pudéssemos desenvolver essa pesquisa. Estudar, aprofundar na compreensão das diferentes histórias vividas.

A proposta aqui é apresentar com mais detalhes momentos marcantes das trajetórias de vida de algumas famílias Sem-Terra que vieram a se tornar assentadas da Reforma Agrária. Vou relatar, segundo a minha compreensão, um pouquinho das histórias dos meus vizinhos. São histórias semelhantes à minha, semelhantes às histórias de milhões de outros sujeitos, brasileiros e brasileiras, vivendo em situações de exclusão e exploração em todo o país.

1.3 Trajetória da menina Dionar: Deixa ver o que vou te contar... Te contar do pé de goiaba ou da latrina?

Dionar José Monteiro de Souza, nossa querida dona Dionar, recorda com ternura e mágoa uma pequena parte de sua história para alimentar nossa pesquisa. Ela começa respirando fundo e falando:

- Ei, Ceíça, é muita luta!

Conta como foram seus primeiros anos, em terras perto de São João D'Aliança, Goiás, onde vivia com seus pais. Nas terras de seu pai tinha muita fartura, a fazenda era grande, com produção de tudo que se pensasse: feijão, milho, mandioca, farinha, polvilho, batata, cana, rapadura, melado entre outros. Frutas, verduras, gado miúdo e gado grande, como se diz. Seu pai dispunha das tecnologias daquela época, pois tinha engenho e casa de farinha. Mas por uns eventos do destino, veio a falecer e a vida mudou. Ela e as irmãs foram espalhadas para trabalhar em casa de famílias prósperas na cidade de Formosa de Goiás. O objetivo seria trabalhar, ganhar seu dinheirinho e estudar.

Conta como sua vida mudou. E começa a falar da época em que foi para a cidade de Formosa trabalhar, e já com a ideia de arranjar um jeito de estudar. Quando ela fala em estudar seu semblante muda, ela respira fundo e diz:

- Deixa ver o que vou te contar... Te contar do pé de goiaba ou da latrina?

Nesse momento seu olhar fica distante, como quem olha o entardecer buscando compreender as silhuetas, estreita os olhos para que esses não se enganem.

Ela conta que trabalhou numa casa junto com sua irmã, e algum tempo depois surgiu uma escola noturna nas proximidades, aonde elas duas decidiram se matricular. A senhora patroa não gostou da ideia e colocava toda sorte de impedimentos para que as duas desistissem dos estudos. Trancava a porta, o portão do quintal, e as duas escalavam o muro para entrar em casa após a aula, se apoiando em um pé de goiaba que existia ali e, por fim, a senhora mandou tirar também o pé de goiabas.

Dionar nos conta que, muitas vezes, chegavam da escola e a senhora, a patroa, havia fechado a porta dos fundos, e as duas meninas passavam a noite abrigadas na latrina. Essas mocinhas tinham, nesse ambiente, sobre roupas sujas encontradas por ali mesmo no quintal, por muitas noites, o seu único lugar de descanso, sua “merecida” cama, por querer estudar, desejar a oportunidade de diminuir a ignorância.

- Filho de pobre não precisa estudar!

Essa frase se fez presente em muitos lares, em muitas casas, pronunciadas por muitas bocas, tendo influenciado muitas mentes nas décadas passadas. Um traço cultural que, a muito custo, vem sendo quebrado, na verdade.

- Filho de pobre não tem que estudar! Pra quê? Que fiquem do lado de fora! Não vou levantar para abrir porta, nem deixar a casa aberta.

Esse era o lema da patroa.

Dionar casou-se em 22 de junho de 1974, na igreja do padre Roque, lá no Núcleo Bandeirante. Morava e trabalhava como doméstica nas cidades do Distrito Federal. Constituiu uma família baseada nos princípios cristãos; teve três filhos e uma filha. Essa menina, na hora do parto, sofreu um acidente. A enfermeira deixou o bebê cair, e o evento causou uma lesão cerebral que a deixou com sequelas. A filha de Dionar é especial, dependente dos pais para quase tudo, até os dias de hoje.

Este fato lamentável é só mais um exemplo, com consequências graves, do descaso com o qual somos tratados todos os dias. Somos massacrados e humilhados desde os ambientes de trabalho até os segmentos que deviam nos assegurar serviços básicos, como escolas e hospitais. Seja na prestação de serviços como trabalhador, seja na busca pelos direitos cidadãos garantidos em lei, o pobre, em todos os meios, público ou privado, sofre a exploração, o descaso e a discriminação.

Vivendo na periferia de Brasília, com seu esposo motorista de ônibus urbano, criando seus filhos e vivendo do minguado salário do seu companheiro, Dona Dionar nos conta que - percebendo que metade dos jovens de seu bairro estão seguindo um caminho sem volta, adentrando a marginalidade, os caminhos do crime, das drogas, da morte prematura - se inquietava pelo destino dos filhos. Ela percebia que teria que encontrar um lugar ameno, onde a influência negativa do meio fosse menor, um lugar melhor para viver e criar seus filhos.

Um amigo de seu esposo fala sobre o MST, sobre os acampamentos “para tirar terra”. Dona Dionar encontra na proposta do MST, *terra para quem nela trabalha*, uma sinalização de que outros mundos sejam possíveis. Ela encara e acampa com sua família.

1.4 Talvez eu não seja essa pessoa pra você tirar experiência de mim

Começo cumprimentando a minha vizinha – ex-vizinha, visto que não vivo mais no assentamento. Cumprimento Santa. Já havia esclarecido do que se trata a entrevista, então

começo perguntando quem é Santa e de onde vem, quem é essa mulher ali diante de mim. Ela responde com muita alegria e descontração, uma gargalhada mesmo, pois lembra e repete o próprio nome.

- Santa, Santa... Quem é Santa?

Ela fala que não gosta desse nome, pois remete à origem da palavra santa, de onde vem: vem da igreja, que estabelece quem é santo. Se refere à Igreja Católica, à qual ela atribui a origem do seu nome.

Santa começa contando que viveu com seus pais nas vizinhanças de Santo Antônio de Jacinto, Minas Gerais, com mais dois irmãos, em uma terrinha deles mesmos. Ela faz uma pausa silenciosa e as gargalhadas de instantes anteriores dá lugar a um semblante distante e, logo em seguida, a tristeza se estampa em seu rosto.

Santa é uma mulher alta, de corpo forte, usa cabelos grandes – razão porque sempre se referiam a ela como uma das mulheres mais bonitas do acampamento. Naquele início de acampamento, ela contava uns 35 anos, aproximadamente. Mãe de três filhos, casada, uma mulher em comunhão com sua fé protestante, sempre ativa. Lembro que, no início, ela vendia bolos em pedaços na comunidade e em eventos onde pudesse comercializar suas guloseimas. Em outros momentos, quando já de posse de sua terra (a sua chácara), fabricava artesanalmente e vendia deliciosos queijos e derivados do leite de sua criação de vacas.

Ela, agora com um semblante envolto em tristeza, diz que sua história vai me fazer chorar. Ela diz que sua história é triste, suas memórias guardam sofrimentos sufocados por muito tempo. São lembranças de vergonha de humilhações vividas, suportadas para sobreviver, vergonha do tratamento e do preconceito vivido. Uma história que é mais um desabafo, um grito calado pelo tempo, mas jamais esquecido.

Santa conta que seus pais eram pobres lá na roça onde moravam em Minas Gerais, mas a vida era boa. Até que, um dia, o pai adoece e fica impossibilitado de trabalhar a terra, então se veem obrigados a vender o sítio, suas terrinhas, e migrar para a cidade de Santo Antônio de Jacinto, em Minas Gerais, aonde compram uma casinha. Em pouco tempo, o dinheiro acaba e a escassez se abate sobre a família. Resta aos filhos se virar, é trabalhar no que dá, como catar lenha das árvores caídas no meio das terras dos ricos. Aproveitava-se as madeiras de menor qualidade, as que não fizessem falta para o proprietário das terras, pois se colhia lenha nas terras dos outros.

Por fim, sua mãe acha que deixar a filha morar com a dona do cartório da cidade pode significar mais qualidade de vida, comida, roupas, estudo para sua pequena Santa. Então, a

menina com apenas oito anos, é levada para morar e trabalhar como doméstica numa das casas mais importantes da cidade: a casa da dona do cartório da cidade. “Eu dormia junto com os ratos, era o lugar, o depósito onde é que os ratos viviam, comia, dormiam, eu não conseguia dormir, ia comer bananas junto com os ratos. Essas coisas eu retive tudo dentro de mim, e aguentei pra poder sobreviver” (Santa Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Ela chora muito e fala:

- Talvez eu não seja essa pessoa pra você tirar experiência de mim.

Nessa casa, a pequena Santa aprende a engolir o choro. Ali, aprende que empregado come depois dos patrões, somente o que sobra. Aprende que as crianças da casa estudam e dormem, enquanto a empregada mirim, de apenas oito anos, desperta às 04 horas da manhã para garantir acesso à água no caminhão-pipa. Leva muitas latas para encher e transportar uma a uma, antes de preparar o café dos patrões. Conforme o relato de Santa:

Já fui até escrava, porque os meus pais eram muito pobres na época. Quando eles (os patrões) estavam dormindo, eu estava trabalhando, quando eles comiam eu tinha que esperar pra comer a rapa da panela, eles comiam carne, eu comia ovo frito. Eles iam dormir, eu ia chorar dentro de um banheiro, presa. Você vai chorar nesse instante! Você vai chorar, tenho certeza! Nem meus pais se davam conta disso. Eles achavam que me mandando pra lá, que eu ia ter uma vida melhor, que eu ia comer do melhor, vestir do melhor (Santa Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Santa nos conta que, por muitas noites, chorava baixinho, ou no banheiro ou no depósito, a despensa aonde dormia todas as noites.

A mãe de Santa está pertinho da gente nesse momento da entrevista, ela se expressa concordando que é muito difícil mesmo. Percebo que ela não alcança a totalidade da conversa, ela já está com a idade muito avançada. Há poucos meses Santa trouxe ela para viver com a família, na chácara que hoje abriga quatro casas: a sua, a de duas filhas casadas e, agora, uma para a mãe.

Santa conta que a vida seguiu sempre com muita dificuldade e muita pobreza. Casou-se lá mesmo em Minas Gerais. Seu esposo também provinha de uma família nas mesmas condições de pobreza e dificuldades. Eles faziam farinha para viver e criar os filhos. Menciona que, até hoje, não gosta nem de passar nessa cidade onde viveu, pois só tem tristeza e ressentimento de um lugar que lhe imprimiu tanto sofrimento, tanta humilhação. Menciona Santa:

Lembrar de lá, uma parte eu me alegro, outra só me dá dor. Piso o pé dentro da cidade parece que é como se tivesse desabando o mundo pra cima de mim. Lembro o sofrimento, a humilhação, aonde todo mundo passeava e eu não tinha tempo pra passeio. O dia de domingo que o povo tava se reunindo pra festejar alguma coisa, eu tava vindo do trabalho, às vezes suja, mexia com farinha né? Às vezes até falava assim: lá vem a pobretona, lá vem a pior da história (Santa Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Ela relembra que, um dia, uma tia de seu esposo, de visita por lá, ficou chocada com tanta pobreza, vendo a escassez e as crianças de Santa naquele sofrimento, junto dos pais, fazendo farinha para sobreviver. Santa tinha três filhos: um menino e duas meninas. A caçula, Vanessa, era tão pequena que ficava comendo massa de mandioca nas gamelas da farinhada. Para esclarecer, a massa da mandioca libera um líquido chamado de manipueira. Esse líquido contém ácido cianídrico, venenoso e nocivo à alimentação humana e animal, podendo causar intoxicação.

A tia falou que, se eles quisessem vir para Brasília, os apoiaria por um tempo até eles se ajeitarem. Santa conta que vieram para Brasília sem nada, só com as crianças. Nem chinelo seu esposo tinha, veio com uma calça doada, sendo que foi necessário fazer um ajuste, pois era para uma pessoa muito maior que seu esposo. Sua sogra apertou a calça e ele veio assim mesmo, de pé no chão.

Aqui em Brasília, trabalharam no que apareceu, moraram de aluguel em vários barracos nos arredores da capital. Seu esposo começou como ajudante em obras e logo aprendeu a profissão de pedreiro. Em pouco tempo, no mundo da construção civil, seu marido também conheceu as drogas. Ela fala que em menos de três anos que estavam aqui no Distrito Federal apareceu a chance de ir parar no Sem-Terra, a sorte. Ela conta que viu na luta uma chance, uma chance de vida para ela e para as suas crianças. Queria uma vida melhor para os seus filhos. Conta que seu esposo estava encantado com a cidade ou desencantado com a vida de tal forma que não queria mais saber do acampamento. Nesse momento, podemos constatar que a decisão de Santa fez a diferença, podemos perceber a força da mulher, a capacidade de resiliência do gênero no enfrentamento das dificuldades.

Meu esposo, ele quis desistir, teve um momento que ele falou que se eu quisesse, e que eu ia ficar lá sozinha, que ele não viria. Eu segurei e eu falei - Oh meu amigo, com marido ou sem marido, eu vou ficar até o fim. Se você quiser ficar, fique. Se não quiser, que vá! Eu vou ficar até o fim. Eu segurei até o fim (Santa Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Ela fincou pé, ela decidiu permanecer na luta até o fim. Ela se impôs, e a sua decisão prevaleceu. Hoje, toda a família agradece a Deus e a perseverança da mãe Santa, pois sua luta e força definiu o futuro de todos. Hoje, todos têm o seu lugar de viver.

1.5 O sonho de Maria

Começo a entrevista cumprimentando Maria Domingas, da Chácara 40, uma das tantas mulheres fortes do assentamento que mudaram suas histórias e a das pessoas à sua volta a partir da decisão de lutar por um sonho. Hoje com 40 anos, casada, mãe de 2 filhos, Maria Domingas é uma pessoa inspiradora, e foi a acampada mais jovem do Assentamento Três Conquistas.

Ela me cumprimenta serena, característica que mantém até o final da entrevista. Me agradece a oportunidade e compartilha suas memórias. A história de Maria Domingas inicia-se de modo distinto. Ela, em 1996, contava somente 17 anos. Naquele início de ano de 1996, veio para Brasília à procura de trabalho. Necessitava trabalhar, ganhar salário, crescer na vida. Proveniente do interior do Maranhão, da cidade de Fortaleza dos Nogueira, via em Brasília, a sonhada capital, um mundo de oportunidades. Maria era uma das mais jovens de uma família numerosa. Eu, pessoalmente, conheço oito deles: Gil, Gilberto, Edmilson, Dorivan, Maria Alzirene, Maria Luciana, Maria José e a nossa entrevistada, Maria Domingas Ribeiro dos Santos. Maria me fala dos demais: Maria Cristiane, José Filho, Maria Graciele e Maria Edirene, 12 irmãos ao todo.

Conta que veio para a Capital Federal com o apoio de uma tia, ficou em sua casa. Arranjou alguns trabalhos em casas de famílias, mas infelizmente não durava muito tempo no emprego. Seus dotes culinários não se pareciam com os hábitos e gostos do povo daqui da capital. Seu modo de arrumar a casa e tudo o mais não se encaixava nos padrões exigidos aqui.

Já veio do Maranhão em abril de 1996 para ficar na casa da tia, cuidando dos 2 primos. Ficou pouco tempo. Logo ficou sabendo do acampamento e foi acampar.

Seu pai perguntou:

- Tu quer ir mesmo? Lá é muito longe é o fim do mundo, lá é a mesma coisa de você tá num buraco e botar uma pedra na boca: tampou, 'cabou. De lá, não tem como mandar notícias não, se quiser voltar.

Já havia orelhão, mas era longe. Tinha que ligar e marcar para chamar a pessoa para atender.

- Mas eu quero ir assim mesmo, respondeu Maria.

Quando chegou, Maria passou alguns dias lembrando do Maranhão. Batia aquela saudade, aí chorava e a tia consolava, falando: - Chora não, minha filha, daqui uns dias você acostuma e quando acostuma, ‘cabou, não sofre mais. Dito e feito.

Maria Domingas veio do Maranhão para cuidar dos primos, filhos de sua tia. Conta que, através de sua tia, ficou sabendo do acampamento de Sem-Terra e decidiu partir para a luta. Contava com a companhia de um irmão que, como ela, estava em Brasília em busca de trabalho e de uma oportunidade na vida, o Gil. Ao decidir acampar, se defronta com um mundo todo novo, um novo jeito de ver e viver a vida, uma proposta nova que deu sentido à sua própria vida.

Maria conta que, no primeiro dia no acampamento, ela se perdeu em meio a tantas barracas iguais. Ela e seu irmão Gil fazem uma barraquinha de lona preta, acampam e se surpreendem com a organização, tudo muito organizado.

No acampamento, ela conhece o MST. Conta que nunca tinha ouvido falar nada sobre o MST até entrar na luta. Uma luta que gira em torno dos sonhos e necessidades e, nesse sentido, *rotacionada*. Como um motor que funciona, se põe em movimento pelos sonhos das pessoas, pelas necessidades de muitos, pelo pensamento de um coletivo que ainda acredita que um novo modelo de sociedade é possível.

No decorrer da luta por terra, crescia o acampamento e crescia na cabeça da menina Maria um sonho, um sonho de mulher, um sonho de mãe! Tirar uma terra e poder compartilhar com toda sua família, trazer todos eles do Maranhão para perto de si, seus pais e seus irmãos, o seu povo.

Antes, contavam somente com o apoio da tia para garantir sua sobrevivência, sua alimentação, uns trocados para pagar passagens de ônibus, coisas assim. Agora, percebia que no coletivo do Assentamento as pessoas cuidavam uma das outras, tinham o apoio, a proteção do MST, todos eram o MST, todos se cuidavam mutuamente. Os líderes buscavam doações e havia distribuição de alimentos em fila, tudo organizadinho, tudo dividido, conforme relata.

Recorda que, durante a luta do acampamento, as manifestações, fechamento de pista, caminhada... O grupo de acampados se junta à Marcha Nacional dos Sem Terra, ao que Maria muito se orgulha de sua própria participação.

Até hoje eu admiro de mim, que eu era tão jovem e estava ali naquele meio, animada com todo vigor, tudo o que vinha eu estava pronta, pronta pra lutar. A gente fazia caminhada, fechamos a BR 020, queimamos pneus com foice e com pau na mão. Teve outra que a gente foi de pé até lá no Plano, dormimos lá no Balão do Colorado, já chegamos de noitinha e no outro dia já dormimos lá na Asa Norte, cê lembra? (Maria Domingas Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Ela me convida a resgatar memórias de momentos vivenciados juntas, o que provoca em mim uma cascata de lembranças de tantos outros momentos também importantes, silenciados e guardados nos recônditos da memória. Tivemos uma ação longa de reivindicação de diversas pautas importantes no contexto da Reforma Agrária, uma ação que durou semanas. Ocupamos o *Grande Circular*, um espaço destinado à utilização pública que já nem existe mais. Localizava-se ali onde hoje temos o Museu Nacional. Recordo da ocupação, melhor utilização do *Grande Circular* por sem terras de vários acampamentos do Distrito Federal e Entorno. As pessoas ficaram ali muitos dias, de duas semanas para mais. As pautas de reivindicações eram grandes, todas em favor dos sujeitos do campo, homens e mulheres, trabalhadores desterritorializados, explorados, cansados, mas que na comunhão do espírito de rebeldia do movimento encontraram forças para seguir adiante. Aquela luta era por um sonho para os nossos filhos, para que eles tivessem menos sofrimentos e um lugar de viver.

Maria é uma das mais novas de uma família de 12 irmãos. Ela toma a frente nessa luta, nesse desafio de conquistar um lugar para viver para si e para sua família. Seu sonho era conquistar uma terra e trazer toda sua família para Brasília, ficarem juntos.

Era meu sonho, né? Eu falava assim, que eu queria ganhar uma terra e trazer toda minha família para cá. O povo me pergunta se tem brigas aqui, eu respondo que não. Não tem briga. Na minha família só é paz, graças a Deus. Como se diz, todo mundo me respeita, tudo que eles vão fazer, eles me perguntam. Posso gradear essa terra aqui? Posso plantar ali? Posso fazer uns quebra mola diante de casa? (Maria Domingas Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Maria Domingas Ribeiro dos Santos se casa em 2001 com Reginaldo Ambrósio dos Santos. O rapaz é sobrinho de Marinalva da Chácara 50, uma das famílias vizinhas. Os dois têm dois filhos, o Joabe, de 16, e a Ludmylla, 11 anos.

Maria prossegue com seu relato. Hoje sua chácara abriga uma igreja e oito casas, onde habitam três irmãos e três irmãs, todos casados, além de seu pai e sua mãe, que foram os últimos a chegar. Faz aproximadamente três anos que seus pais se mudaram do Maranhão

direto para o Três Conquistas. Todos cultivam a terra, cada um mantém roças individuais, bem como suas criações em áreas separadas. Tem de tudo, de criação de peixe, gado, galinha, porcos, equinos etc. Produzem de tudo um pouco, prevalecendo a produção de subsistência. A convivência pacífica entre irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas, tios e tias, sobrinhos, primos e avós é de causar espanto e admiração. Em 2018, Maria arrendou pela primeira vez uma parte da terra, 6 hectares para plantio de soja.

Maria declara, ainda, que a falta de oportunidades e postos de trabalho na vizinhança sempre foi um dos fatores limitantes, desde a época de acampamento até os dias de hoje. A falta de dinheiro para garantir o sustento da família continua até hoje como um dos maiores desafios para a permanência das famílias no Assentamento. Hoje, essa mesma escassez de oferta de trabalho e renda continua persistindo como um fantasma presente, que assusta a todos, principalmente os mais jovens. Estes, muitas vezes, se deslocam para as cidades próximas à procura de trabalho e renda.

1.6 Aquele era um mundo bom, a gente não sabia que faltava tanto

Cumprimento Zezinho, um homem baixinho de semblante tranquilo, que sempre transmite paz e segurança. Uma das pessoas marcantes do Três Conquistas. Seu nome, seu rosto, sempre me traz à mente as histórias que contava quando, na época de acampados, nos juntávamos no final do dia para conversar, contar anedotas, contar mentiras, como se diz.

“Tengo, terengo, tengo. Não deixa eu esquecer minha música. Cara de jaracuçu mendengo! Que é: Tengo, terengo, tengo...” Essa é a abertura de histórias contadas na boca da noite, ao pé da fogueira, por Zezinho. Uma pequena parte de uma das muitas historinhas que ele contava para entreter as crianças e os adultos que, como eu, se encantam com as fábulas e anedotas da vida.

José Neres é um nordestino nascido na cidade de Monte Alegre, Piauí, em 1956. Conta que seu pai tinha seis filhos. Era um luxo e um orgulho ter muitos filhos naquele tempo. Assim como tantos outros vizinhos, todos tinham muitos filhos. Zezinho tem um raciocínio matemático invejável, conta com precisão de datas como se deu os primeiros anos de sua vida. Ele conta como era a vida no seu tempo de criança:

A vida era muito boa. Até então, a gente não tinha costume com outro modo de vida. Aquilo era bom demais. A gente só foi ver uma diferença quando a gente foi ver o outro lado da vida, morar na cidade, viver na cidade, os

costumes, ver como era a forma de ser na cidade, aí que agente viu que lá era bom, mais que faltava muita coisa pra que a gente se sentisse completo como ser humano (José Neres, o Zezinho. Entrevista em 2018).

Fala que nasceu em 1956, no Piauí, e que em 1959 seu pai se muda com a família para o Goiás. Passa os primeiros 20 anos de vida percorrendo os estados do Piauí, Maranhão e Goiás, permanecendo mais tempo em Mateiros, na região do Jalapão, que hoje configura parte do estado do Tocantins. Sempre correndo para onde houvesse trabalho, ora com seu pai, ora sozinho.

Vem para Brasília pela primeira vez em 1979, tenta se estabelecer, passa por diversos trabalhos, a maioria informal, tenta adquirir meios de vida, uma estabilidade, uma profissão. Volta para o Goiás em outubro de 1981, para uma cidade pequena, Novo Acordo, que hoje é Tocantins. Ele se casa, tem seus quatro filhos e adota um sobrinho. Trabalha com seus sogros numa terra boa onde se produzia de tudo que se imaginasse, tudo de que necessitavam. Plantavam e colhiam mais de cinco variedades de feijões, arroz, favas, milho, mandioca, bananas, cana e muitos outros alimentos. Fazia farinha, tiravam o polvilho, fazia melado para adoçar, criavam porcos para a carne e para a banha, criavam animais, vacas, galinhas. Leite, queijos e ovos tinham com fartura. Nesse lugar, em 6 anos, nascem seus quatro primeiros filhos que são: Merejoana, Marcelo, Márcia e Rafael. Zezinho conta que adotou Niltomar, um sobrinho.

Pergunto o que eles comercializavam, e ele me fala que não vendiam nada, produziam de tudo só para o sustento das famílias, a sua e a casa de seu sogro. Em 1989 resolve se mudar para Goiânia. Passam três anos nessa cidade. O casamento chega ao fim, se separam e Zezinho decide voltar para sua cidade natal no Piauí, em 1992, levando consigo seus quatro filhos maiores. A mãe fica com o caçula, Rafael.

De volta a Monte Alegre do Piauí, Zezinho busca recomeçar a vida com seus quatro filhos pequenos. No ano seguinte, abril de 1993, inicia um segundo relacionamento com uma jovem mãe, a Cassilene, com a qual tem mais um filho, o Vinícius, no ano seguinte.

O pai de Zezinho falece em 1994, e esse fato contribui para a decisão de abandonar de vez o seu lugar de origem. Buscar outro lugar para viver.

As heranças que eu era de ter lá no Piauí, quando eu saí de lá eu abandonei. Quando saí de lá meu pai já tinha falecido. Hoje aqui onde eu estou é o meu lugar. Como fui criado filho sem mãe e meu pai faleceu em 94, eu vim pra cá... Minha família passou a ser minha esposa e meus filhos. O meu ciclo, meus parentes, são meus vizinhos (José Neres, Zezinho. Entrevista em 2018).

Decidem tentar a vida em Brasília pela segunda vez. Agora, a família aumentou. São sete pessoas, sete bocas para alimentar. Chegam em Planaltina, DF, no final de 1995. Contam com o apoio de um parente com quem se abrigam. Sonham com boas oportunidades, um trabalho para que possam garantir as despesas da família, querem encontrar um lugar seguro para criar os filhos.

Chegando ao Distrito Federal, começam a trabalhar na Feira de Planaltina como feirantes, comprando e vendendo frutas e verduras. Nesse período, ou comiam ou pagavam aluguel: a renda não era o suficiente para as duas coisas. Portanto, compartilhavam o mesmo espaço com o parente que os acolheu desde a chegada em Brasília. Zezinho garantia a alimentação, enquanto a família que o acolheu pagava o aluguel, e assim seguiram durante um tempo.

O fiscal da Feira de Planaltina, na época, optou por implicar com o seu Zezinho. Um retirante nordestino que já chega e vai se inserindo no comércio local, será que está cumprindo todas as exigências? Investiga, conversa, conhece. Depois que conhece o seu Zezinho, solidariza-se com sua história. Passa a buscar solução. Já que não pode resolver os problemas de todos, pelo menos daquele homem baixinho, trabalhador comprometido com a vida e a família, iria tentar fazer a diferença. Algum tempo depois, o fiscal da feira comunica a seu Zezinho que estava acontecendo um grande acampamento dos Sem-Terra ali perto, que essa seria a oportunidade de seu Zezinho adquirir um chão, um lugar pra produzir. Vender ele já sabia vender, era feirante. Daí para a frente, as coisas seriam mais fáceis, pensava.

Seu Zezinho abraçou a ideia, principalmente porque sonhava em encontrar um lugar onde pudesse criar os filhos, um lugar mais parecido com o mundo de sua meninice. Um mundo em que os homens dependiam de poucas coisas para viver com dignidade. Utilizando suas forças e algumas ferramentas, poderia criar um lugar seu, para viver com sua família. Queria um lugar e um tempo onde a vida fluísse em paz e abundância, onde os filhos crescessem vigorosos juntamente com as plantas, frutas e legumes. Acampou com Cassilene e os cinco filhos em meados de abril de 1996, no Sarandí II.

Seu Zezinho nos conta que, até entrar para o acampamento, não sabia do que se tratava o MST, não tinha conhecimento da luta por terra, por Reforma Agrária. Vivendo com sua família embaixo da lona, descobriu a organização, os princípios e a solidariedade, conheceu um novo modo de ver e conviver em comunidade. Ressalta como foi importante para ele aqueles meses em que aprendeu muito e sentiu-se integrado a um grupo em que os problemas de um eram também da responsabilidade de todos. Se admirou de existir uma coisa assim, em

que as famílias lutam por seus direitos, moram e ainda comem, conforme a fala de sua esposa Cassilene:

Eu entrei lá e até hoje eu falo, diz que em todo lugar tem erro, mas se teve erro eu não participei, só participei dos acertos, só vi a organização. Gostei da organização deles. Lembro que nunca faltou alimentação, aquele tanto de gente tudo desempregado, e nunca ouvi falar que alguém ficou com fome. Eu mais Zezinho, cheios de filhos, nunca ficamos sem comer nem um dia. Achei muito organizado, nós desempregados e numa organização que come todo dia (Cassilene Ferreira Campos, Entrevista em 2018).

1.7 O que essas histórias têm em comum?

Todos esses relatos, memórias e vivências, trazem para o pano de fundo a dinamicidade comum à própria vida. Percebemos que, por motivos diversos, todos os sujeitos buscam uma vida nova, uma vida diferente, uma vida melhor, e o seu foco é inicialmente a cidade grande e, posteriormente, o retorno para o meio rural. Afinal, essa busca é necessariamente por uma vida melhor?

A busca é constante, desejamos muitas coisas. É a própria busca do novo que nos move. Temos a necessidade de nos afirmarmos como pessoas capazes e responsáveis pela nossa própria subsistência, pela manutenção das nossas necessidades. Quando buscamos a tal *vida melhor* na cidade grande, estamos exatamente buscando o novo, as descobertas, os desafios que começam já na decisão da partida. A ansiedade por essa busca de algo que dê sentido à própria vida é fruto de inquietações profundas, enraizadas nas emoções. São tantos sentimentos que internamente nos movem! Buscamos realizações pessoais, tão logo tenhamos garantido a sobrevivência.

Necessitamos ter uma vida com acesso à moradia, alimentação, educação. Dessa forma, poderíamos compreender melhor nossos anseios e, quando optássemos por partir em busca do novo, seria por realização pessoal, para expandir as capacidades criativas, para se fazer útil para o mundo que compomos, não para saciar a *fome de pão*. Se fugimos da pobreza, a busca é pela sobrevivência.

Os pioneiros do Assentamento Três Conquistas tiveram em comum a coragem para desbravar, buscar novos caminhos. Para sair de um estado, lugar, enfrentamos muitos desafios, pessoas e emoções. Saímos dos nossos lugares de origem por falecimento de um pai provedor, por necessidade de se afirmar como adulto. Resumindo, por emprego e pelo pão. Sonhávamos com a cidade grande. Brasília era a luz, a esperança.

Trilhar esse caminho se mostrou desafiador e duro, pois aqui o nosso trabalho não foi suficientemente aceito ou suficiente para nos garantir renda e dignidade. Todos os interlocutores da pesquisa, incluindo eu aqui, habitamos de favor ou em quatinhos de empregados domésticos. Em muitos momentos, habitamos somente embaixo do chapéu. Buscamos, através de subempregos, a necessária e sonhada renda, em vão. Descapitalizados, nos restou a opção da ocupação de espaços subutilizados.

A novidade marcante que Brasília nos oportunizou foi o contato com o MST, um sujeito representativo da classe dos trabalhadores Sem-Terra. No acampamento, tivemos acesso a uma outra visão de mundo, um outro olhar sobre nós mesmo, e pudemos, enfim, em lágrimas, entender que tínhamos valor. Éramos todos ali, sobreviventes de um sistema opressor, ilusório, que nos fez acreditar que somos nós “o pobre”, o flagelo da humanidade. Na verdade, a pobreza é um flagelo criado pelo próprio sistema, e nós, as suas vítimas.

No momento presente, o desenvolvimento da civilização humana tem capital financeiro, conhecimentos e tecnologias suficientes para a resolução de muitos problemas atuais. A desigualdade, a fome, as misérias e mazelas que assolam a humanidade são resultados da decisão de quem manda, de quem detém o poder e os recursos, dos grupos que têm o mundo nas mãos.

Todos nós nos decepcionamos com a cidade grande. A nossa busca por um lugar de viver continuava, queríamos a autonomia, a renda. Queríamos uma *vida digna*. Qual o caminho para acessar os bens mais preciosos e desejados, alimento, moradia e oportunidade?

A solução bateu em nossas portas. Através de amigos e parentes, soubemos da novidade: acampar para ganhar uma terra. Essa era agora outra luz, outro caminho, uma nova busca pela mesma solução, uma *vida digna*. Quando olhamos para os relatos acima, nos deparamos com a busca incansável por uma *vida digna*: queremos moradia, alimento, segurança e sossego. Uma terra para *nela e dela* viver, produzir como nossos ancestrais, nossos pais e avós.

O MST oportunizou um mundo todo novo de informações e oportunidades, um mundo em que não estávamos mais sozinhos. Dadas as mãos, éramos fortes e respeitáveis, mesmo diante da opinião pública deturpada a nosso respeito. Agora podíamos erguer a cabeça e, num sutil sorriso, ensaiar novos passos. Acampar, lutar por terra e por justiça social.

Cada um de nós tinha motivos para estar e continuar ali na luta pela terra. Contudo, todos mantinham em comum um sentimento de esperança. Acreditamos que um novo modo de vida seria possível, entendemos que as coisas não são tão simples como se apresenta

superficialmente. Entendemos que o *messias* de cada um seríamos nós mesmos. As mudanças só ocorreriam na medida em que lutássemos por elas, o nosso mundo seria o que fizéssemos com ele. O MST foi o espelho que nos apresentou o messias que há em cada um.

No final das contas, o que vai mal é o fato de que desconhecemos os motivos dos nossos flagelos, necessidades e desejos. Se a sobrevivência está garantida, ainda assim fugimos, buscando outras realizações pessoais que deem sentido, que justifiquem a própria existência. A vida é dinâmica e uma busca constante. Cabe a cada um eleger onde investir os seus anseios e sua busca.

CAPÍTULO 2: A LUTA E A CONQUISTA DO ASSENTAMENTO

Seu moço eu já fui roceiro no triângulo mineiro onde eu tinha meu ranchinho. Eu tinha uma vida boa com a Isabel minha patroa e quatro barrigudinhos. Eu tinha dois bois carreiros, muito porco no chiqueiro e um cavalo bom, arriado. Espingarda cartucheira, quatorze vacas leiteiras e um arrozal no banhado.

Na cidade eu só ia a cada quinze ou vinte dias pra vender queijo na feira. E no mais estava folgado, todo dia era feriado, pescava a semana inteira. Muita gente assim me diz que não tem mesmo raiz essa tal felicidade. Então aconteceu isso, resolvi vender o sítio e vir morar na cidade.

Já faz mais de doze anos que eu aqui já tô morando, como eu tô arrependido. Aqui tudo é diferente, não me dou com essa gente, vivo muito aborrecido. Não ganho nem pra comer, já não sei o que fazer, tô ficando quase louco. É só luxo e vaidade, penso até que a cidade não é lugar de caboclo.

Minha filha Sebastiana que sempre foi tão bacana me dá pena da coitada. Namorou um cabeludo que dizia ter de tudo, mas fui ver não tinha nada. Se mandou pra outras bandas, ninguém sabe onde ele anda, e a filha tá abandonada. Como dói meu coração ver a sua situação: nem solteira e nem casada.

Até mesmo a minha veia já tá mudando de ideia, tem que ver como passeia. Vai tomar banho de praia, tá usando mini-saia e arrancando a sobancelha. Nem comigo se incomoda, quer saber de andar na moda com as unhas todas vermelhas. Depois que ficou madura começou a usar pintura, credo em cruz, que coisa feia.

Voltar pra Minas Gerais sei que agora não dá mais, acabou o meu dinheiro. Que saudade da palhoça, eu sonho com a minha roça no triângulo mineiro. Nem sei como se deu isso, quando eu vendi o sítio para vir morar na cidade. Seu moço, naquele dia eu vendi minha família e a minha felicidade!

(Caboclo na cidade, Dino Franco e Mouraí)²

² A música Caboclo na cidade, autoria de Dino Franco e Mouraí foi um sucesso dos anos 80, canta a insatisfação e tristeza que acomete o sujeito desterritorializado, descreve exatamente as mudanças que o mundo urbano impõe e que o sujeito do meio rural nem sempre se adapta. Esse sujeito, que na música é nomeado de caboclo, leva consigo onde quer que vá os seus valores, o seu modo de vida e não encontrando conexões que o satisfaça nesse novo espaço, padece e sucumbe, pois, a territorialidade do sujeito é fluida e ele leva consigo onde quer que vá.

2.1 O percurso histórico e a origem do MST

Na última metade do século 20 ocorreu, de um lado, um acentuado aumento do êxodo rural brasileiro e, de outro, a projeção de movimentos sociais de luta no campo, em especial do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). É composto por pessoas dos meios rurais de todo o país, que, por razões diversas, migraram para as cidades e, posteriormente, somam-se ao movimento.

Parte do contingente de migrantes do campo para as cidades retorna para o meio rural, através dos movimentos sociais, nos processos de luta por Reforma Agrária, expressa nos muitos acampamentos e assentamentos espalhados pelo Brasil. Atualmente, contamos com um percentual expressivo de acampados e assentados da Reforma Agrária, compondo uma fração da população brasileira.

O percurso histórico das lutas do campo origina o MST como sujeito social e coletivo, alicerçado na teoria revolucionária. Para compreender o MST, passaremos, sem dúvida, pelas trajetórias de lutas e ações práticas em prol da Reforma Agrária no campo brasileiro.

Falar de um movimento, sujeito social e coletivo, implica em compreender o contexto histórico e social, bem como os sujeitos que o compõe, atuando em um determinado momento. A presente pesquisa não tem a pretensão de defender lados. Preocupa-se apenas em descrever o modo de vida de um grupo que representa uma fração desse sujeito social coletivo, no período compreendido entre 1996 e 2018, aqui no Distrito Federal.

O MST é o resultado de um processo de resistência nascido das contradições sociais, sendo a concentração de terras e a exploração do trabalhador seus motores. Os primeiros avanços históricos do MST se dão entre 1979 e 1983 (Morissawa, 2001), um período marcado pelas mobilizações, lutas e ocupações massivas em diversas regiões do país, marcando o fim de um longo período de governos militares. O modelo produtivo implantado na ditadura se centrava na industrialização e modernização capitalista, desestimulando e inviabilizando a agricultura camponesa, empurrando a contragosto o homem do campo para as periferias urbanas.

Neste contexto histórico pelo qual passava o país, houve um aumento populacional nos centros urbanos, ocasionando diversos problemas de ordem social e política, levando para a arena de poder as questões relacionadas com a necessidade da redemocratização, pondo fim o regime militar. Justo nesse tempo histórico se consolida o segundo período do MST, com a realização do I Encontro Nacional dos Sem-Terra, em Cascavel, Paraná, em 1984. O evento contou com a presença de representantes de 16 estados brasileiros, onde finalmente se

oficializa o nascimento do MST como movimento nacional de luta dos Sem-Terra. Neves (2012) afirma que o momento histórico, de emergência do MST, foi marcado por diminuição do espaço dos “intelectuais tradicionais”, favorecendo a formação de “intelectuais orgânicos” originários das classes em confronto. Com isso, o MST está comprometido com a Reforma Agrária, com uma sociedade menos injusta, e em ocupar os espaços de formação e educação.

O movimento procurou resgatar as experiências de outras organizações, estudando os erros e acertos, as experiências vivenciadas pelos movimentos camponeses, e sempre se identificando como descendente direto das Ligas Camponesas. O MST se constituiu em um movimento de massa que utiliza diversos instrumentos de pressão, como ocupações, caminhadas, marchas, ocupações de repartições públicas, assembleias e outros (STÉDILE, 1997).

Os princípios norteadores e organizativos do movimento, segundo a tese de doutorado de Marco Antônio Baratto Ribeiro da Silva, “A Questão Agrária e Luta pela Terra: a consolidação dos assentamentos de Reforma Agrária do MST no Distrito Federal e Entorno” (2017), são:

- 1) Vinculação permanente com as massas: não é possível organizar um movimento social nacional sem trabalho permanente com sua base social e de enraizamento junto às massas. Assim, jamais se deve perder o vínculo direto com o povo organizado.
- 2) Luta de massa: nunca se deve iludir com as “boas” vontades de governos ou autoridades. A Reforma Agrária somente tem condições de avançar com luta social de massa, pressão política e tensionamento. Não há outro caminho de avanço social senão com o povo organizado e mobilizado em torno de objetivos gerais da luta política, sendo a Reforma Agrária um dos elementos dentro da política geral. As negociações com os governos são importantes, mas fazem parte de uma correlação de forças políticas que somente avançam com pressão social, e se constituem favoráveis na medida em que o povo organizado demonstre força.
- 3) Divisão de tarefas: todas as atividades dentro do MST sempre foram realizadas pelo maior número de pessoas possível. Dividir as tarefas é descentralizar as ações políticas.
- 4) Direção coletiva: no MST, todas as instâncias, desde os núcleos de base dos acampamentos e assentamentos até a direção nacional são exercidas coletivamente, na forma de colegiado, sem distinção de poder. O que difere são as tarefas.
- 5) A disciplina: nenhuma organização social, por menor que seja, funciona se não houver um grau de disciplina, que ajude a garantir os encaminhamentos coletivos. No MST a disciplina é princípio fundamental, tanto do ponto de vista a garantia do método de trabalho como no respeito às decisões coletivas.
- 6) Formação de quadros: nenhuma organização terá sucesso se não formar e preparar seus próprios quadros. A formação política é peça fundamental para a elevação do nível de consciência da militância. A disciplina para o estudo é

central, luta melhor quem consegue aliar o estudo e a formação com as ações concretas.

7) Por último, no MST, sempre se procura exercer a mística. Reforçar os saberes populares, da classe trabalhadora, dos símbolos, da luta, dos mártires, inovando nas linguagens, incorporando a poesia, a música. A mística é muito mais que alguma apresentação cultural, ela parte do sentimento, e alimenta-se da luta e da esperança, por uma sociedade justa e fraterna (SILVA, 2017).

Na presente pesquisa, o MST é entendido como sujeito coletivo em luta pela Reforma Agrária e por um novo projeto de sociedade.

O MST chega no DF entre 1994 e 1996, através de seus representantes: Gilberto, Keno, Aparência e Sandra, trabalhando a partir de um escritório no centro da capital, na época sob a direção de um governador do Partido dos Trabalhadores (PT), Cristóvão Buarque. O MST inicia sua atuação organizando e apoiando ações já iniciadas de luta pela terra nos municípios de Formosa (GO) e Buritis (MG) além de outros municípios de Minas Gerais - áreas que correspondem ao DF e Entorno - DFE.

Atua também participando na construção de políticas públicas de interesse dos segmentos diretamente ligados às suas propostas para o meio rural. A exemplo disso, o MST ajuda na criação do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária)³, objetivando proporcionar acesso à educação aos trabalhadores rurais da alfabetização à pós-graduação, passando por arranjos intermediários (Silva, 2017).

O MST chega no DF no seu 1º Encontro Estadual em 1994. Conta com a presença de aproximadamente três dezenas de delegados, que desenvolvem um trabalho de base, mobilizando pessoas de todos os cantos do quadrado⁴. O movimento estabelece estreita relação com ONGs, parceiros e simpatizantes, e em abril de 1996 coordena o maior acampamento do DF, o Sarandí II, que chegou a contar 1080 famílias cadastradas. A ocupação da Fazenda Grotão acontece em 1º de agosto do mesmo ano, como resultado do trabalho de base e mobilização desenvolvido por militantes nos primeiros tempos do MST-DF. Nesse momento, Brasília se destacava como um grande centro de desenvolvimento, a Capital Federal, o centro do poder, e para cá ainda migravam trabalhadores de todas as regiões do país.

³ Política Pública de Educação do Campo, precursora de muitas das políticas públicas de Educação para os povos do campo desde seu surgimento como política de governo, em 1998. Se tornou efetivamente uma Política Pública de Estado em 2010. Em seus 20 anos de existência, o Pronera contribuiu para profundas transformações no campo, a partir da educação. Atende aos beneficiários do PNRA (Programa Nacional de Reforma Agrária).

⁴ Referência ao formato do Distrito Federal no mapa geográfico, que se assemelha a um quadrado / retângulo na sua forma física.

A ocupação resultou na fundação de um dos mais importantes assentamentos do MST no DF, o Assentamento Três Conquistas. O mais rápido processo, do acampamento em abril de 1996 até a sua regularização, em 13 de novembro de 1998, conforme publicado no Diário Oficial do DF, somou apenas 29 meses de luta. O Assentamento Três Conquista, ainda na fase de acampamento, ou melhor dizendo, Pré-Assentamento⁵, tornou-se um importante espaço de referência e acolhimento para outros trabalhadores.

2.2 Outros Assentamentos de Reforma Agrária do Distrito Federal

A situação fundiária no Distrito Federal apresenta particularidades em suas diversas Regiões Administrativas (RAs), com áreas de expansão e contenção urbana, áreas de assentamentos de Reforma Agrária, assentamentos rurais como PAD-DF⁶, áreas nas quais prevalece a presença de propriedade de lazer e chácaras de fim de semana, áreas com predominância de agricultores familiares, alguns presentes a partir da construção de Brasília. Toda essa diversidade de atividades e usos rurais confere características únicas a cada Região Administrativa, uma infinidade de pormenores que faz do Distrito Federal uma Unidade da Federação tão emblemática quanto diversa no que se refere às questões fundiárias.

O DF é uma das quatro regiões mais populosas do Brasil com densidade demográfica de 444,66 hab/km², com seu território medindo 5779,997 Km². Apresenta o PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* de 73971,05 reais e tem IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,824, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) (IBGE, 2014).

Tabela 1- Assentamentos no Distrito Federal, 2018.

	Projeto de Assentamento- PA	Região Administrativa	N. de famílias assentadas (fundação)	Ano de fundação
1	Três Conquistas	Paranoá	61	1998
2	Recanto Da Conquista	São Sebastião	18	1998
3	Sítio Novo	Planaltina	38	1998

⁵ O termo *Pré-Assentamento* é muito utilizado no Distrito Federal e Entorno, para designar o período específico em que o acampamento se encontra na área definida, faltando a conclusão dos trâmites legais, parcelamento, sorteio e publicação no Diário Oficial.

⁶ Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal.

4	Assentamento Fazenda Larga	Planaltina	82	1996
5	Núcleo Rural Córrego Coqueiro	Planaltina	102	1998
6	Núcleo Rural Nova Vitória	São Sebastião	25	1997
7	Núcleo Rural Zumbi Dos Palmares	São Sebastião	58	1997
8	Núcleo Rural Aguilhada	São Sebastião	71	1999
9	Núcleo Rural Capão Comprido	São Sebastião	56	1999
10	Engenho Das Lages	Gama	43	1994
11	Marcia Cordeiro Leite	Planaltina	64	2011
12	Pequeno Willian	Planaltina	22	2011
13	Oziel Alves Iii	Planaltina	168	2012
14	Estrela Da Lua	Paranoá	7	2014
15	Nova Camapuã	São Sebastião	19	2014
16	15 De Agosto	São Sebastião	54	2014
17	1 De Julho	São Sebastião	60	2014
18	Santarém	Ceilândia	23	2015
19	10 De Junho	Recanto das Emas	35	2015
20	Patrícia E Aparecida	Paranoá	24	2017
21	Chapadinha	Brazlândia	44	Pré-assentamento

Elaborado pela autora com base em dados da Seagri/DF e Borges (2018).

Tabela 2 - Acampamentos no Distrito Federal, 2018.

	Acampamento - PA	Região Administrativa	Número de famílias
1	Renascer dos Palmares	Planaltina	60
2	8 de Março	Planaltina	120
3	3 de Maio	Planaltina	40
4	Roseli Nunes	Planaltina	100
5	Terra Prometida	Paranoá	50
6	Dorothy Stain	Brazlândia	10
7	Canaã	Brazlândia	120
8	Fascinação	Gama	17
9	José Wilker	Sobradinho	100
10	Pinheiral	São Sebastião	110
11	Tiradentes	São Sebastião	175
12	Deus é nossa Força I	Brazlândia	400

13	Deus é nossa Força II	Brazlândia	200
14	Deus é nossa Força III	Brazlândia	400
15	Deus é nossa Força IV	Brazlândia	200
16	BR- 251 Cava de cima	São Sebastião	64

Elaborado pela autora com base em dados da Seagri/DF e Borges (2018).

2.3 O acampamento Sarandí II, precursor do Três Conquistas

Depois de mais de vinte anos, volto o pensamento para o passado, a fim de recobrar as lembranças vividas no processo de ocupação, acampamento e assentamento do Assentamento Três Conquistas. Resgatar não só os fatos, mas também o momento histórico, a conjuntura e - por que não? - as minhas vontades e desejos naquela época.

Ano de 1996, abril. Eu havia recém chegado do Rio de Janeiro, pois havia vivido por lá desde junho de 1994 até janeiro de 1996, um ano e meio. Viúva e com um filho de 2 anos para criar, voltei para o DF. Abriguei-me na casa de minha mãe, em um barraquinho de fundo na cidade de Planaltina, Setor Itiquira no Mestre D'Armas.

Ela morava com seus filhos com idades entre 10 e 16 anos, vivendo em dois cômodos. Ainda assim, me acolheu. Acolheu a mim e ao meu pequeno. Cheguei trazendo sua outra filha, Janaína, que morava comigo no Rio de Janeiro, desde que fiquei viúva. Minha mãe tentou viver no Rio de Janeiro comigo, passou uns 6 meses por lá com seus dois filhos menores, ela não se adaptou e retornou para Brasília.

Meu pai vivia de alguns trabalhos de chacareiro, vivia por fora devido ao seu grau de dependência com o álcool. Quase impossível passar uma semana sem confusão com minha mãe. Então eles já viviam separados.

Minha mãe, Maria Aldeci, meu exemplo de esforço e positividade, sempre se desdobrou para garantir o pão de cada dia para os filhos, trabalhando de faxineira, costureira, vendedora de roupas, doméstica, cozinheira e tantas outras ocupações. Uma mulher destemida, batalhadora, minha inspiração e força genética.

Tentei alguns trabalhos com vendas, mas não evoluiu. Meu pai me convidou para umas reuniões do MST. Ele me pediu para que eu ocupasse sua vaga em um acampamento grande que iria iniciar-se, pois teria que terminar umas empreitas - uns serviços - que havia se comprometido. Só depois, poderia ficar acampado definitivamente. Eu sempre fui uma aventureira solidária, traços que herdei de meu pai. Aceitei.

Começa aí o meu percurso como Sem-Terra. Assisti algumas reuniões do MST, no mesmo bairro onde morava, Setor Itiquira no Mestre D'Armas, em Planaltina - DF. As lideranças do MST que atuavam aqui no DF, naquela época, eram poucas pessoas. Lembro bem de Valmir de Oliveira Motta, o Keno⁷, que era uma liderança nacional do MST e coordenava as atividades e ações por aqui naquela época.

Ouvimos o Keno falar, ficamos encantados com o MST e seus objetivos, sua luta. Como trabalhadores, éramos merecedores do nosso lugar no mundo, nossa dignidade. O MST era todos os que aderiam a essa luta. Teríamos que lutar pelo direito de viver, uma luta de todos, do campo e da cidade. Nos foi apresentada uma proposta. Estava previsto o início de um acampamento nos próximos dias na área de um assentamento já existente. O objetivo era fortalecer a luta deles e iniciar a nossa.

Faríamos a organização do acampamento, e não se sabia o que poderíamos esperar desta ação. Eu participei de duas reuniões de mobilização, ouvi dos militantes do MST qual seria o objetivo, o método e o porquê, mas muitos companheiros entraram com menos esclarecimento sobre o propósito da luta.

Fiquei sabendo do MST pela minha cunhada, que eles tava arrumando pra ir, disse que para acampar, pra vê se tinha jeito de tirar uma terra para trabalhar, aí eu me interessei, achei que isso aí seria uma porta pra mim né, pra melhorar minha vida. Abracei essa causa! (Santa Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

O acampamento teve início em abril de 1996, na área de um outro acampamento, próximo à Embrapa Cerrados, adjacente à cidade de Planaltina - DF. Havia o acampamento chamado Sarandí e foi acordado pelo MST que estabeleceríamos um grande acampamento lado a lado, chamado Sarandí II. Essa ação fortaleceria a luta destes, e era só por um tempo. Para preparar, organizar o povo, os Sem-Terra do acampamento Sarandí II, para uma ocupação em outra área.

O MST, através de suas lideranças, reunia pessoas das áreas periféricas do DF, discutia os problemas do momento e apontava a luta por Reforma Agrária como um caminho possível, tanto como solução imediata para a falta de moradia e o desemprego, como uma proposta de luta por terra e por justiça social.

⁷ Hoje se soma às vítimas na luta por Reforma Agrária, terra e por justiça social. Keno foi assassinado em 21 de outubro de 2007, aos 34 anos, em Cascavel, Paraná. A transnacional suíça Syngenta foi condenada pelo Tribunal de Justiça do Paraná em 29 de novembro de 2018 pelo assassinato.

O acampamento cresceu rápido, em duas semanas já somava mais de 600 pessoas inscritas, e em um mês mais, 1200 pessoas. Muitos barracos, muitos problemas sendo gerenciados, água, banheiros, alimentação, portaria, cadastro, saúde, comunicação e segurança.

Nos primeiros dias, um choque de realidade: muitas pessoas chegando de todos os lados do DF e Entorno. Instalando-se e fazendo seus barracos lado a lado, originárias de diversos estados brasileiros. Parecia uma feira, de tão movimentado que eram aqueles espaços entre árvores, arbustos e capim onde se erguia um acampamento. Da noite para o dia, tínhamos uma efervescência de pessoas e ideias, hábitos e sotaques. Jogos de cartas e dominó, histórias de vida sendo compartilhadas, assim como as comidas ali preparadas.

As pessoas ali se apresentavam e contavam suas aventuras e desventuras, contavam de suas penas, suas dores e seus amores. Uma coisa que me chamou muito a atenção é que muitos tinham uma necessidade de se apresentar, de contar pormenores, demonstrar o seu interior, se fazer entender pelo outro, querer contar de si, querer imprimir suas próprias lembranças no outro. O acampamento é realmente um lugar ímpar, um lugar interessante para ser estudado, quem sabe, desvendado.

Um das questões marcantes deste início foi o momento de entrar no acampamento, entrar em um novo arranjo comunitário, acampar no meio do nada, com todas as precariedades presentes, como a falta de água, a improvisação na construção dos barracos, banheiros e latrinas. Uma multidão de pessoas, todas estranhas. Era um desafio assustador. Todas as manhãs, uma fila enorme para pegar água potável no caminhão pipa, serviço prestado diariamente pela administração de Planaltina. Água para as demais necessidades, como lavar roupas ou banhar-se, provinha de um córrego localizado nas proximidades.

Nos primeiros momentos, quando as pessoas estavam chegando, visualizando uns aos outros com curiosidade e esperança, foi um momento de estranhamento frente ao novo, e também um momento de abertura. Motivados, já estávamos! Chegamos até ali, caberia agora ao destino contribuir para manter acesa a chama da empolgação e da persistência até o fim, e que o fim fosse um resultado positivo, por favor! Na fala de Maria Domingas, podemos confirmar o estranhamento, o choque frente o novo:

Não conhecia o MST, quando cheguei lá era gente demais, demais... Ai agente foi, eu e Gil, meu irmão, fizemos a nossa barraquinha, a gente ficou naquela barraquinha só nós dois, e no primeiro dia que eu cheguei lá eu me perdi. É porque os barracos tudo igual né? Eu me perdi. De tanto barraco que

tinha, eu não reconheci o meu, entendeu? Fiquei andando, andando... (depoimento de Domingas, Três Conquistas, 2018).

Uma curiosidade: quando viajamos (por turismo, mesmo), bem antes do exato dia marcado na passagem, a viagem já começa em nível mental, com a escolha do local de destino, com uma breve decisão do que se espera da viagem. Se é a comida, se é a diversão, se são os festejos, se é a oportunidade de reencontro com pessoas queridas ou não. Para os estudiosos do fenômeno turismo, começa aí um ritual. Viajar é um rito de passagem em que o sujeito prepara sua mente para o novo, se desprende de suas travas culturais e dogmáticas e se permite, se dá a oportunidade de novos aprendizados.

No acampamento, ocorre algo similar, algo nesse sentido.

Veremos se até o fim desta dissertação, encontro um termo que melhor defina esse fenômeno de abertura e transformação que o acampamento, a luta pela terra, imprime nas pessoas que vivem essa *viagem*. Acampar, lutar pelo nosso lugar no mundo ombro a ombro com outros sujeitos, pessoas estranhas, que acabamos por adotar como parte da nossa família, e que têm tanto em comum, nos proporciona uma transformação profunda. Um ritual de passagem para uma vida pautada sob uma nova ótica: “Olha, eu, pelo menos, posso falar por mim, quando eu me vi no meio daquela quantidade de gente, lutando por uma causa justa, da qual eu me integrei para fazer parte, sinceramente eu vi eles tudo como família, era o meu ponto de vista. Era tudo uma família, ali” (Zezinho, Três Conquistas, 2018).

A expectativa de acampar para conquistar um sonho, para umas pessoas pode ser um desafio forte, assustador, adentrar um pedacinho de mundo todo novo, apesar de tão perto e tão nosso, ainda assim um estranho completo. Para outras, descobrir esses mundos novos já é, em si mesmo, o motor que o mantém em marcha, sempre em frente.

Eu não sabia de nada, não sabia nem o que que era um acampamento. Um colega de trabalho do meu marido que falou: “[...] olha, lá perto de Sobradinho tá tendo um acampamento”. Eu não tinha nem ideia do que qui era aquilo. Ai ele falou: “É um pessoal que junta lá pra adquirir terra, pra chácara, pra essas coisas”. E eu, como tinha muita vontade de adquirir uma chácara, fui nessa! Com muita vontade, e não me arrependi. Por incrível que pareça, o tanto de gente desconhecida, e eu me senti em casa. Foi tão bom, tão bom, que se fosse preciso eu fazia tudo de novo (depoimento de Dionar, Três Conquistas, 2018).

No acampamento Sarandí II foram criados a portaria, os grupos, as coordenações. Foram definidos os locais de banhos, banheiros, barraca da saúde e da cantina. A cantina era uma espécie de mercado solidário. Quem não tinha nada, recorria a ela.

A organização interna do acampamento era coordenada pelas lideranças, através dos grupos. Separamos todos os acampados em grupos, cada grupo com um coordenador e um vice, e de cada grupo saíam voluntários para compor os grupos de gestão do todo.

Figura 1 - A luta pela terra. Eu e meu pequeno Jorgim, em 1996, na ocupação da Fazenda Grotão. *“MST: a luta é pra valer, mãos em punho!”*



Arquivo pessoal da autora, 1996.

Passamos aproximadamente quatro meses acampados ali, no Sarandí. Aprendemos muito sobre organização interna de um acampamento, e sobre como manejar situações de

conflitos e escassez. Havia um grupo que viabilizava doações para o acampamento. Recolhíamos as sobras de verduras e frutas da feira de Planaltina. Algumas casas de carne e frigoríficos viabilizavam doações de pé de frango, ossos bovinos, rins e língua para a comunidade acampada. Vamos ver se esclareço melhor: Tínhamos o grupo de pessoas responsável por angariar alimentos para o Assentamento. Esses alimentos iam para a cantina, ali era dividido entre todos ou entre os mais necessitados, conforme quantidade e decisão coletiva: “Eu achava bacana que todo mundo comia junto, se viesse os pães de doação ia lá e dividia, o leite, tudo dividido. Os ossos, os rins, tudo era dividido” (Santa Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Esta parte específica da organização em garantir alimentação para o coletivo de acampados é um marco no processo de ressignificação dos valores dos sujeitos. Sujeitos estes provenientes de um mundo competitivo, geralmente com um histórico de luta diária pelo suado e escasso pão de cada dia, esses sujeitos se percebem agora diante de um novo modo de ver e viver a vida, começam a compreender os princípios de uma vida mais igualitária, onde as dificuldades de um são de todos, e a solução acontece a partir de decisões coletivas.

Lembro que nunca faltou alimentação. Aquele tanto de gente, tudo desempregado, e nunca ouvi falar que alguém ficou com fome. Eu mais Zezinho, cheios de filhos, nunca ficamos sem comer nem um dia. Achei muito importante, desempregados e numa organização que come todo dia (Cassilene Ferreira Campos, Entrevista em 2018).

Havia diversos grupos: grupos de famílias acampadas, de coordenação, de saúde, de alimentação, de educação, de segurança, de comunicação, de saúde e de infraestrutura. O último mencionado cuidava da logística do acampamento: onde instalar as barracas, latrinas, pontos de fornecimento de água, marcação da parte do córrego destinada para uso das mulheres e a parte destinada para os homens, etc. Com a gestão compartilhada, a participação incentivada e cobrada, não havia como não haver mudanças nos padrões comportamentais destes sujeitos.

O grupo da educação logo criou atividades pedagógicas para desenvolver com as crianças, um tipo de escolinha, vista de início como uma distração atrativa para a meninada. O grupo de coordenação logo arranjou tempo para facilitar palestras onde tratávamos de diversos temas. Autogestão do acampamento, conjuntura e atualidades, luta de classes, questões de gênero, desigualdade social, entre outros. Muitos destes temas eram novidade para as pessoas acampadas.

Figura 2 - Oficinas e brincadeira desenvolvidas por alunos da UnB junto às crianças do acampamento.



Arquivo pessoal da autora, 1996.

Tínhamos também um local chamado de *farmácia*, onde havia medicamentos e materiais para primeiros socorros. Vez ou outra aparecia uma criança ralada, um adulto com um espinho no pé, dor de cabeça, náusea, dor de barriga, entre outros. Se alguém passava mal ou necessitava de medicamentos, buscava-se soluções coletiva.

Os dias no acampamento começavam cedo. Com o clarear do dia, já se ouvia o típico barulho de quebrar gravetos e ascender fogo. O cheiro de fumaça logo alcançava as barracas distantes, seguido pelo cheiro de café. Muitas das barracas eram coletivas, duas ou mais famílias ali representadas por uma pessoa. Havia as barracas que abrigavam famílias numerosas também. Os homens jogavam conversas fora, pegavam água, lenha, faziam segurança e controle na portaria. As mulheres cozinhavam, lavavam crianças, louças e roupas. Mulheres e homens participavam dos grupos e faziam todas as atividades, mas na rotina da vida acampada o rol de atuação permanecia claramente característico. Serviços de homens e de mulheres se diferenciavam bastante. Estávamos longe de uma proposta igualitária e menos machista.

As pessoas acordavam, tomavam café, chá, o que seja. O cuscuz predominava como primeira refeição do dia. Cuidar da higiene pessoal e da barraca, participar de atividades de grupo ou sair na luta por recursos. Essa era a rotina.

Preparar as refeições principais do dia. Havia doações de alimentos, muitas doações de pé de frango e ossada. Nossa! Como era gostoso o feijão cozido com ossos, defumado pela fumaça do fogo à lenha!

Lembro uma vez que houve certo tumulto para distribuição de um pouco de carne. Na barraca da cantina havia menos de 3 kg de carne em uma tábua, para ser dividida. A fila já abrigava mais de 20 pessoas, todas inquietas e resmungando, querendo ser contempladas com um pedaço de carne. Recordo esse evento porque participei, cheguei na fila, e em bom som, chamei os meus colegas à realidade.

- Minha gente vocês estão vendo que não há carne para todos. Então eu peço que façam uma reflexão e permaneçam aqui nessa fila somente as pessoas que realmente não dispõem de mistura pra janta hoje. Peço o bom senso de vocês, não estamos aqui para competir, ver quem ganha mais. Vamos deixar essa carne para as pessoas que realmente não têm. Então eu peço pra vocês, saiam da fila os que podem ficar sem receber essa carne hoje.

Só vi os companheiros dando meia volta. Ficaram na fila umas poucas pessoas e, assim, foi possível dividir com estes a minguada porção de carne.

Ouvi uma pessoa bater palmas e falar: - *Essa ai é uma líder nata!* Eram visitantes ilustres que estavam presente. O presidente do sindicato dos funcionários da Embrapa, vim a saber depois, que se chamava Wilmar Lacerda, estava ali possivelmente em sua primeira visita ao acampamento. Havia também PMs disfarçados, infiltrados. Querendo mesmo saber nossos próximos passos, e ver como se davam os processos de formação e organização interna do acampamento. Sei disso porque reconheci o senhor Joedson, um P2 da PM-DF de Planaltina xeretando por lá.

A equipe de alimentação conseguiu, nos meses seguintes, grandes doações de arroz, através desse mesmo senhor Vilmar Lacerda. Distribuíamos em outras ocupações e acampamentos do DF e entorno. O Vale da Esperança, um grande assentamento hoje, em Formosa GO, cuja ocupação havíamos realizado em julho de 1996, foi contemplado com muitos fardos de arroz.

As lideranças do MST presentes no acampamento Sarandí II eram: Keno, Lúcia e Davi. Houve participações especiais de outros militantes. Houve uma formação de militantes em maio de 1996, na cidade de Formosa - GO para a qual fui convidada e participei. Foi a

minha primeira formação de militante. Vejo hoje como é longo, árduo e controverso o percurso que um sujeito faz na busca da compreensão de sua própria realidade.

A figura do Estado é muito forte no imaginário das pessoas, confere segurança e credibilidade. Acredita-se que o Estado, quando se faz presente, através das instituições, é uma garantia, conforme a fala do seu Zezinho:

Aí o que me deu coragem pra encarar a luta foi quando a gente teve o primeiro contato com as pessoas de um órgão público que fazia parte do governo, quando eles se aproximaram da gente fazendo um cadastro feito pelo INCRA primeiramente, depois pela Zoobotânica (José Neres, o Zezinho).

Por outro lado, destoa de outros relatos de exclusão e preconceitos sofridos, o que nos leva a avaliar que, na verdade, a figura do Estado representa no imaginário das pessoas um justo mentor, capaz de garantir o bem-estar da população. Então, porque nos atos e fatos de pessoas, de indivíduos constituintes da sociedade, desde os espaços privados até os espaços ou mesmo nas instituições e engrenagens do Estado, essa proteção e essa justiça não se apresenta?

Avalio que faltam investimentos comprometidos nos processos de educação e formação dos valores norteadores dos indivíduos constituintes da nossa sociedade, para que estes possam crescer, imbuídos de um novo olhar, uma nova ideologia, que valorize primeiramente o sujeito, a pessoa humana, independente de sua posição nessa mesma sociedade, que tanto acredita em um Estado que se revela negligente, omissivo, demagogo e explorador, em se tratando dos interesses referentes às pessoas e à natureza.

2.4 A Marcha Nacional e a ocupação da Fazenda Grotão

A vida no acampamento seguia seu curso. Por aqueles dias de 1996, participamos de manifestações e protestos. Fechamos a BR 020, queimamos pneus e, durante uma manhã inteira, nos fizemos ouvir: *“Terra para quem nela trabalha, Reforma Agrária nem que seja na marra!”* *“Ocupar, resistir e produzir!”* essas eram as palavras de ordem do MST, nós ali éramos o MST.

Houve a Marcha Nacional dos Sem-Terra. Nos somamos à marcha. Fizemos essa caminhada desde a Fazenda Sarandí, em Planaltina, até o centro de Brasília, e nos juntamos a

essas centenas de pessoas que, como nós, estavam conformando novos acampamentos, originando novos assentamentos Brasil afora. Foi a maior manifestação da qual participei.

Em 1º de agosto de 1996, partimos para a ocupação da fazenda Grotão, localizada a poucos quilômetros da fazenda Sarandí II, onde estávamos acampados desde abril daquele ano. Outro “Deus nos acuda”. Ocupar uma fazenda na madrugada, organizar novamente um acampamento, com um adicional: a preocupação com a segurança, pois em uma ocupação pode haver conflitos violentos, choques e assassinatos. Tivemos sorte, os conflitos foram somente ameaças e insultos, uns capangas do fazendeiro deram uma passada pela área do acampamento, fizeram algumas ameaças, somente. A polícia rondava a região até de helicóptero. Concordando com a fala do seu Zezinho, o senhor Carlos relembra que a presença da polícia dava tranquilidade. Ele se sentia em segurança, enquanto os helicópteros da polícia rondavam a área. Temia menos possíveis ataques por parte dos capangas da fazenda.

Passamos aproximadamente dois meses nesta ocupação, as negociações progrediram rapidamente e positivamente. Houve uns rachas. Parte das pessoas ali na ocupação optou por se somarem a outras lutas, outras áreas de ocupação e acampamentos. De uma saída só, partiram umas 600 pessoas. Essas saídas eram discutidas pelo coletivo de coordenação dos grupos do acampamento.

Durante o tempo que estivemos acampados na Fazenda Grotão, a dinâmica do acampamento e das nossas rotinas pareciam similares ao acampamento anterior, com dois aspectos ligeiramente distintos: Havia a presença frequente de repórteres e mais preocupação com a segurança do local. Destinávamos mais pessoas para a segurança, e um pequeno grupo alinhado com as nossas propostas e reivindicações para tratar com a imprensa.

Algumas semanas ali, e o lugar e seus arredores pouco a pouco se apresentavam domesticados. Já conhecíamos as trilhas e árvores destacadas, as curvas do córrego e seus paredões de pedras. Descobríamos os limites da área, o cerrado à nossa volta, fauna e flora ali presentes. Descobríamos cercas, canavial, pastos e carrapatos.

Havia muitos carrapatos. Na noite da ocupação, chegamos ao local depois da meia noite, dormimos no relento. Como se diz, o céu estrelado era o nosso teto. Na manhã seguinte, o romantismo deu lugar a marcas e coceirinhas desagradáveis, muitos carrapatinhos grudados nas nossas peles. Queimávamos com cigarros, para que estes morressem e se desgrudassem da pele.

Uma repórter foi fazer uma entrevista no local, e me foi designada a tarefa de acompanhá-la, responder algumas perguntas. Então, seguimos andando pelo acampamento, conversa vai conversa vem, convidei-a para conhecer meu barraco. Só para registro, eu achava meu barraco de lona, com varanda sob uma árvore, com fogão de lenha lateral e um quartinho do outro lado - que servia de banheiro - uma gracinha. Devido ao posicionamento dele em relação às árvores e umas latas de plantas beijo que havia, decorando o local, era lindo!

Estávamos passando em frente ao meu barraco e havia algumas amigas sentadas ali, Lucia com suas filhas e meu filho Jorginho, brincando. Falei para a repórter:

- Vamos conhecer o meu barraco?

Ela, em um impulso, seguiu andando e falou:

- Não é necessário! Eu sei que é horrível morar assim.

Ela nem se deteve o suficiente para entender que me referia àquele espaço mesmo, que já estávamos praticamente no meu barraco. Ela deu bom dia para a Lúcia, que estava sentada na varanda olhando as crianças, e seguimos andando. A Lúcia, que percebeu a situação, sorriu discreta nesse momento. Foi motivo de gozação por muito tempo. Essa é uma memória cômica que guardo, sem rancor. Meu pequeno pedaço de mundo, meu barraco lindo, era, para a repórter, um lugar horrível.

No final de setembro de 1996, fomos transferidos para três áreas distintas: São Sebastião, Paranoá e Estrutural. Não foi oferecida aos acampados a opção de escolha para qual área se deslocar. A mudança foi feita por meio de ônibus e caminhões da Fundação Zoobotânica do Distrito Federal (FZ-DF). Fomos levados sem conhecimento dos endereços de destino. Famílias foram divididas neste processo.

Próximo à Papuda, em São Sebastião, fundou-se o Assentamento Recanto da Conquistas. No Lixão da Estrutural fundou-se o Assentamento 26 de Setembro. Na área rural do Paranoá, na rodovia DF 130, fundou-se o Assentamento Três Conquistas, foco desta dissertação.

Figura 3 - A inauguração do assentamento pelo governador Cristóvão Buarque, Arlete Sampaio e João Luiz Homem de Carvalho, então, Secretário de Agricultura.



Arquivo pessoal da autora, 1998.

2.5 Geração e nascimento do Assentamento Três Conquistas

O momento da chegada do grupo de acampados provenientes da ocupação da Fazenda Grotão, os mesmos que formaram o Assentamento Três Conquistas, foi marcado por dois momentos distintos. Em um primeiro momento, uma calorosa discussão entre o povo e as lideranças do MST. Logo depois, um incêndio. Literalmente.

O povo reclamando, pois foram levados sem saber o destino, e agora estavam em um pinheiral no meio do nada, sem água e sem seus parentes ou amigos, que agora estavam em outros locais, até então desconhecido por nós. Viemos a saber, depois, que haviam sido levados para a Estrutural e para os arredores de São Sebastião, enquanto nós, 62 famílias, ficamos na RA do Paranoá.

Esse momento específico marcou também um segundo estranhamento no processo de configuração da territorialidade das famílias pioneiras do Três Conquistas. As mudanças são momentos de desapego e abertura a novas oportunidades, mas o primeiro impacto é sempre de estranhamento e relutância, ainda mais assustador quando deixamos para trás outros companheiros, os mesmos que, ombro a ombro, começavam a fazer parte da nossa história.

As pessoas estavam apáticas, e o descontentamento se fazia ver em seus semblantes. Ainda agora, duas décadas depois, ainda se fala desse evento, conforme fala de Dona Dionar, se referindo ao impacto da chegada aqui na área que hoje compreende o Assentamento, e da divisão dos acampados. Ela fala pausadamente, em um tom de indagação, como quem está buscando a minha concordância. Fala sobre esse segundo momento, em que se defronta com a necessidade de se erguer um novo acampamento. Agora em pausas suaves, reflexivas e saudosas ela conta como se sentiu: “Dessa vez eu já me senti diferente, porque assim... Parece que a gente separou a família, né? Então cada um foi pra um lugar, porque dividiu em três, né? Então eu me senti assim... Um vazio! Depois que dividiu, senti o vazio”. (Dionar, Três Conquistas, 2018).

Depois de umas 2 horas de lamentações, já havíamos descarregado os ônibus e caminhões. Já menos impactados com a situação, íamos estudando onde e como fazer as barracas. Começou um barulho distinto, *crec, crec, crec* seguido por uma gritaria de pânico... Estávamos em uma silvicultura de pinus. O pinheiral forma um tapete grosso de folhas secas no chão. As folhas são fiapos finos de fácil combustão e, em setembro, aqui no cerrado, os incêndios ocorrem com facilidade. Um incêndio acontecendo exatamente na área em que estávamos. Alguém ateou fogo em umas folhas para limpar o local da nova barraca, e o fogo espalhou-se. Todos correndo, gritando, salvando suas trouxas e sacos de mudança. O cheiro de mato queimado, os estalidos, a gritaria, correria e fumaça marcaram a nossa chegada e a fundação do acampamento Três Conquistas, no dia 26 de setembro de 1996. Passamos a nomear o acampamento de Pré-Assentamento Três Conquistas.

Acampamento é o resultado da manifestação da classe trabalhadora rural, do camponês, da família agricultora, proveniente de um longo processo de despossessão e exploração. Organizam-se e fortalecem-se como sujeito coletivo, na intencionalidade de reivindicar direitos. Terra para produzir, habitar e nela e dela viver: “Acampamentos são espaços de luta e resistência e é a materialização de uma ação coletiva que torna pública a intencionalidade de reivindicar o direito à terra para produção e moradia”, nas palavras de Fernandes (2012).

O acampamento é uma forma de manifestação permanente por Reforma Agrária. Traz em si os principais elementos organizativos do próprio MST, e é um espaço de transição, acolhimento e transformação. Ao organizar um acampamento, os sujeitos ali reunidos se dividem em comissões, frentes, equipes ou grupos de trabalhos, e compartilham as responsabilidades de gestão do acampamento. São nomeados os grupos de saúde, educação,

alimentação, produção, segurança, comunicação, entre outros. Os grupos compostos por sujeitos acampados, homens e mulheres de diversas idades, elegem um coordenador e, juntos, farão a gestão. O acampamento pode durar poucos meses ou muitos anos, passando para a condição de assentamento somente após a fundação formal do assentamento por órgão público competente.

Acampamento e assentamento se distinguem. Há diversas categorias que podem ser conceituadas como assentamentos. Por exemplo: projeto de Reforma Agrária, reassentamentos provenientes de realocação de populações rurais, em razão de construções de usinas hidrelétricas, barragens, projetos de colonização, projetos agroextrativistas, de assentamento florestal, de desenvolvimento sustentável, entre outros (FERNANDES, 2012).

Duas questões marcam a conceituação do termo *Assentamento*. Uma refere-se à diversidade de lutas que podem motivar a construção dos assentamentos. Existem muitas organizações de lutas por terra e por recursos naturais, responsáveis pela construção dos projetos de assentamentos. A maioria deles está atrelada à bandeira da Reforma Agrária. A outra se refere às categorias de trabalhadores e suas ações produtivas praticadas nesses novos espaços, ou à forma como se materializa.

Entende-se, ainda, que todas as formas de lutas são válidas, independente de o trabalhador ser proveniente do meio urbano ou rural. Posteriormente, os acampamentos se tornam assentamentos, e são compostos por famílias provenientes de espaços urbanos e rurais. Famílias com traços culturais e valores ancestrais também da vida no campo.

Durante o período em que vivemos ali no pinheiral, às margens da rodovia DF 130, aproximadamente dois anos na condição de pré-assentamento, desenvolvemos muitas atividades cooperadas. A construção de um barracão escola foi uma dessas atividades.

A Regional de Ensino de Planaltina viabilizou professores que davam aulas formais para as nossas crianças, ali mesmo na *barraca-escola*. Plantamos roças coletivas por dois períodos chuvosos, trabalhando em mutirão. Fundamos a primeira associação.

Durante esse período, a FZ-DF definia as dimensões do assentamento, o número de chácaras, elaborava os processos necessários para a divisão do espaço em chácaras. A vida seguia seu curso, escola para os jovens e para os adultos, trabalhos. Para as crianças menores, uma escolinha na comunidade. Para os adolescentes, a opção foram as escolas da Tabatinga, Café sem Troco e PAD-DF.

Muitas pessoas dependiam totalmente das doações, outras se preocupavam em arrumar trabalhos, alternando dias no pré-assentamento e dias trabalhando fora. Bem nessa época, seu

Monteiro, um fazendeiro vizinho, estava preparando sua fazenda para torná-la um atrativo turístico, o Pesque e Pague JK, e ele absorvia a mão-de-obra de alguns homens do pré-assentamento nos trabalhos em sua fazenda. Havia trabalhos como reparo de cercas, limpeza das trilhas, colheitas de frutas, abacaxis, entre outras atividades. Mulheres buscavam trabalho como diaristas ou domésticas nas cidades próximas, enquanto seus companheiros ficavam no pré-assentamento. Em algumas famílias, o homem trabalhava fora. Em outras, era a mulher quem saía para trabalhar.

Eu e Cassilene arrumamos trabalho numa mansão no Lago Norte. Eu como cozinheira, forno e fogão. Competia à mim também lavar as roupas da família. À Cassilene, competia faxinar, arrumar e passar as roupas. Esse trabalho proporcionou a renda necessária para que eu comprasse o meu primeiro lote no DF, no Arapoangas. Estava com muita pressa para ter o meu lugar de viver, e temia que a luta não resultasse positiva.

Todos se arranjavam como podiam: uma família abria uma birosca, um tipo de bodega que vendia coisas de primeira necessidade. O que mais vendia era pão, cachaça e velas. Havia até concorrência, umas três biroskas.

Meu companheiro, o Anásio, vendia os abacaxis de seu Monteiro na beira da pista, nos finais de semana, no período de colheita de abacaxis. Depois que acabou os abacaxis, passou a comprar gelo em barras em Planaltina e cervejas em lata. Gelava em um isopor e vendia. O negócio cresceu, melhorou a barraca e botou uma mesa de sinuca e, então, o point do lazer passou a existir. O boteco ganhou até apelido, *Cassete Armado!* Então havia esses comércios. Outras pessoas vendiam roupas, produtos da Avon, cremes, doces etc. O Rafael e o Guto, dois adolescentes, filhos da senhora Dionar, vendiam laranjas. A senhora Ledir vendia leite, criava duas vacas leiteiras na corda, por ali mesmo, aproveitando os pastos que saíam embaixo das árvores.

Muitas mulheres nesse período se destacaram, mostrando toda sua força, sua capacidade de resiliência, de se reinventarem e se posicionarem frente à difícil decisão: ficar ou desistir. As mulheres se fizeram fortes na luta, foram capazes de se impor, decidir por permanecer na luta mesmo a contragosto de alguns esposos e companheiros. Conforme mencionamos anteriormente, a dona Santa relembra como foi necessário tomar uma decisão, e como foi difícil colocar para o seu marido a situação: “Vou ficar, ainda que sem você, eu não vou desistir!” (Santa Ribeiro dos Santos, Entrevista em 2018).

Esses dois anos se estenderam, passando como se fossem uma vida inteira. Conforme relato, dona Abadia também relembra que deu um ultimato. Seu esposo não estava gostando

de trabalhar na cidade, passando a semana sozinho e sem ter quem fizesse sua comida. Queria que todos voltassem para a cidade, desistissem da terra. Ela deu a palavra final: “Você vai ficar lá na cidade sozinho, sim, vai trabalhando lá pra fazer a feira da gente, enquanto eu fico com os meninos no pré-assentamento e pronto, num tem conversa, não” (Maria da Abadia Rodrigues Correia, Entrevista em 2018).

CAPÍTULO 3: FUNDAÇÃO DO ASSENTAMENTO TRÊS CONQUISTAS E A RETERRITORIZAÇÃO DOS SUJEITOS EM VINTE ANOS DE HISTÓRIAS

Nas imersões e vivências de setembro e outubro de 2018, busquei aprofundar a compreensão das histórias e trajetórias vividas pelos sujeitos entrevistados. Enquanto trafego pelos conhecidos caminhos e estradas, faço uma leitura superficial da paisagem que se descortina ao meu redor, mesclando com uma comprometida reflexão do que vem a ser o Três Conquistas hoje, na perspectiva de uma territorialidade construída nos últimos 20 anos.

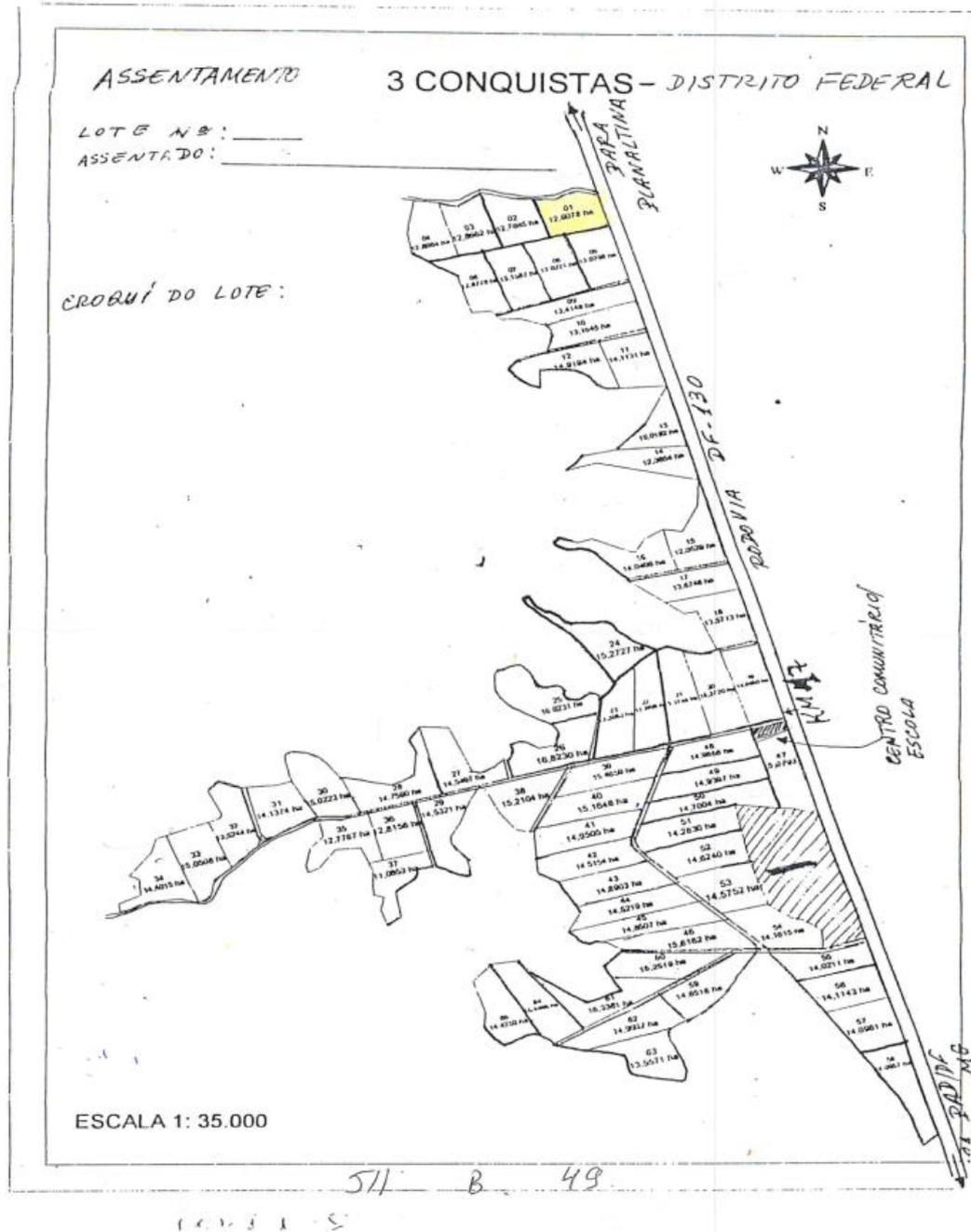
3.1 Descrição inicial do espaço geral do Assentamento Três Conquistas

Em um primeiro olhar, vejo um assentamento, como tantos outros, em que o tempo se encarregou de modificar tanto as paisagens quanto as caras, as feições dos sujeitos presentes, em um dinamismo próprio à vida, à existência.

Depois de duas décadas, busco na memória uma imagem do que foi aquele espaço que hoje comporta o Assentamento. Recordo que era uma região clara, assim cor de palha, que foi subdividida em 65 chácaras e mais uma pequena gleba destinada para o centro comunitário. Um espaço marcado por trechos verdes, onde surgiram as primeiras rocinhas de milho, que emblemava nossa infante comunidade bem nos dias de sua fundação, cada uma com uma casinha minúscula, parecia uma maquete. Região em forma de triângulo margeando a DF 130, recortada por 5 estradas principais entre o Capão da Onça e a Quebrada dos Neres. Um espaço de terra que lembra um triângulo, um lenço de cabeça. Um espaço localizado no monturo da capital, persistindo, teimando em existir entre os sonhos e as necessidades de sujeitos excluídos.

Como já foi essa paisagem aqui um dia? O que esse lugar significa para os sujeitos envolvidos no processo de reterritorialização? Esse significado se diferencia para os que aqui habitam em relação aos que olham de fora? O que é esse Assentamento de Reforma Agrária para as pessoas que vivem aqui e para as que irão ler essa dissertação, e essa descrição? O que é um assentamento de Reforma Agrária, em pleno 2018, no Distrito Federal do Brasil?

Figura 4 - Mapa do Assentamento Três Conquistas.



O Assentamento Três Conquistas está localizado na área rural do Paranoá. Bioma Cerrado, relevo caracterizado por topo de morro, solo arenoso e plano com presença de cascalho em alguns pontos, principalmente onde começam a desembocar em grotas adjacentes. O assentamento está localizado às margens da rodovia DF 130, em uma área compreendida desde o Km 17 até o Km 23. No km 17 está a chácara número 01 (era a minha,

inclusive, vivi ali por 16 anos) e no Km 23 está a chácara 58, última chácara as margens da rodovia DF 130.

O espaço do assentamento foi, por décadas, explorado pela empresa Proflora - uma empresa que arrendou muitas terras no DF para cultivo da silvicultura de pinus e eucaliptos. Havia, ainda, alguns talhões de árvores de eucaliptos prontos para o corte. A maioria das áreas, após diversos cortes, caracteriza-se por apresentar grande quantidade de tocos, formigas, cupins e solo esgotado. Na área que compreende o Assentamento Três Conquistas não havia árvores ou arbustos, espécies típicas do bioma em questão, o Cerrado. Havia poucas árvores de eucaliptos e pinheiros, muitos tocos, cupins e plantas rasteiras.

O assentamento foi estabelecido com 65 chácaras de aproximadamente 12 ha, em média. Havendo chácaras com dimensionamento de 10 ha a 16 ha. Éramos somente 62 famílias ali acampadas. A FZ-DF se encarregou de completar o contingente com mais três famílias de sua escolha, provenientes de outros acampamentos, posteriormente. O processo de criação do projeto de Reforma Agrária para o Assentamento Três Conquistas almejou ser um projeto modelo. Projetou criar condições e infraestrutura, conceder os meios necessários para se produzir. Tornar os sujeitos Sem-Terra agricultores, e tornar esses agricultores, produtores rurais. De início, o projeto de assentamento de Reforma Agrária Três Conquistas foi pensado para o Distrito Federal como um projeto modelo, bonito, um cartão postal.

Houve a necessidade de se eleger um modelo de assentamento que atendesse os nossos desejos. Duas propostas foram apresentadas e discutidas em assembleia geral. A primeira proposta seria fazer o assentamento no modelo de Agrovila. A comunidade ficaria dividida em duas áreas, lotes menores para residência de cada família e lotes maiores destinados para o roçado. No formato de agrovila, ficariam lotes residenciais concentrados num ponto, e cada um teria uma parcela destinada para as roças, onde se poderia trabalhar de forma coletiva ou não. Com duas áreas distintas destinadas para cada família, seria possível centralizar os serviços de educação, saúde e segurança em um núcleo com iluminação pública, com saneamento e até comércio, se fosse o caso.

A outra área coletiva destinar-se-ia ao desenvolvimento de projetos produtivos maiores, cooperados, através de associação ou cooperativa. Houve assembleia geral para apresentar e defender cada proposta. A segunda proposta seriam chácaras individuais de aproximadamente 12 ha para cada um, e uma área de 2 ha destinada ao centro comunitário. A segunda opção foi aprovada pela assembleia geral com a maioria absoluta dos votos. A

comunidade não estava madura o bastante para pensar soluções coletivas e atuar de forma cooperada para o bem de todos - como também não está até hoje.

3.2 A primeira roça de arroz foi coletiva e em sistema de mutirão

Organizamos a primeira roça coletiva por meio de mutirão nos dois períodos chuvosos de 1997 e 1998, enquanto permanecíamos na condição de pré-assentamento, aguardando os trabalhos do GDF para o parcelamento e formalização do Assentamento. Nesse período, a participação da Administração do Paranoá e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, a Emater-DF, foi de fundamental importância. Viabilizaram máquinas, insumos e sementes. A comunidade foi fortalecida por meio de reuniões e palestras, e organizou o mutirão. Preparamos o solo, plantamos, colhemos e dividimos arroz. Fazíamos reuniões para definir os grupos de trabalhos, quem coordenaria, quem tomaria notas, quem faria o controle dos dias trabalhados por todos. Esses registros seriam importantes na hora de dividir a colheita.

Na hora da colheita, as roças ganham uma cor encantadora: o amarelo dos cachos de arroz nivelando simetricamente a paisagem, separando a terra e o céu. Os homens arrumavam um tipo de mesa de madeira onde batiam o arroz. Os pés da planta são cortados e transportados em feixes. Bate-se os feixes nessa estrutura com cara de mesa, e os grãos se soltam e vão formando um monte dourado muito bonito sobre a mesa. Depois, esses grãos são ensacados e transportados até onde exista uma máquina para beneficiar o arroz, tirar a casca dourada e deixar o grão limpo/descascado, branquinho, pronto para a panela.

Agora sim, arroz colhido, limpo, pesado e ensacado, passamos para o momento difícil: dividir a colheita, compartilhar. Chegou a hora de resgatar o caderninho com as anotações, os registros diários das participações e contribuições no roçado, somar dias e horas trabalhadas por cada acampado. Quem trabalha mais, ganha mais, essa era a proposta. As pessoas que participaram mais acabaram por ceder ao novo arranjo na proposta de distribuição. Estava difícil chegar a um consenso, dividiu-se uma quantidade igual para todos. Um exercício de solidariedade.

Contamos com muitos parceiros de força no período de pré-assentamento. Recebemos muitas visitas ilustres, representantes de órgão de governo, tratávamos coletivamente os assuntos. Como comunidade, fazíamos a autogestão dos nossos problemas.

3.3 A criação da primeira associação do Assentamento Três Conquistas e o acampamento geminado.

No ano de 1997 iniciaram-se os trabalhos para estabelecer uma instituição de representação, uma associação. Convocou-se uma assembleia geral, e um modelo de estatuto foi discutido e aprovado. A partir daí, criou-se o corpo diretivo e a primeira associação do Assentamento Três Conquistas, a ASTRAC - Associação dos Trabalhadores da Reforma Agrária do Três Conquistas.

A assembleia geral para definição dos nomes de quem comporia a diretoria, os cargos e funções, transcorreu com muito diálogo no barracão da escola sob o pinheiral. Enquanto se estabelecia, num quadro a giz, os cargos, e sugeriam-se os nomes para posterior votação, começou uma pequena discussão sobre se nomeávamos Raimundo Nonato ou Raimundo Cândido para um tal cargo lá... Logo, alguém falou:

- E para tesoureiro, quem se candidata? Quem pode ser o tesoureiro?

O meu filho Jorge, com 3 anos, levanta em meio à rodinha de crianças que desenhavam e recortavam papéis sentadinhas no chão, ali perto dos adultos, levanta a mãozinha de tesoura em punho e fala:

- Deixa eu, deixa eu ser o tesoureiro! Eu já tenho a tesourinha, olha!

Em duas reuniões – assembleias, na verdade – estava definido o quadro diretivo da instituição que nos representaria daí em diante, e esse foi também mais um momento que contribuiu para o afastamento do MST. A associação nos representaria.

Houve, ainda nesse ano de 1997, um trabalho de frente de massa do MST, que acolheu muitos outros trabalhadores desterritorializados em um grande acampamento, ao lado do nosso. Muitos sujeitos originários de todas as naturalidades brasileiras, vivendo na periferia de Brasília. As lideranças do MST atuaram fortemente com esses novos acampados. Esse acampamento ao qual me refiro é exatamente o que originou os acampamentos Cunha e Líder, no Entorno do Distrito Federal.

3.4 O esperado dia do sorteio das chácaras.

Um momento muito esperado em um pré-assentamento é o dia do sorteio das chácaras. As pessoas acampadas já conhecem bem a área, sabem onde o solo é melhor, têm as suas preferências. Já caminham nos arredores, olharam o todo e torcem para tirarem essa ou aquela

chácara. Perguntam-se onde será que vai ser a sua, qual chácara o destino lhes reserva? Foram dois anos aguardando esse momento, agora toda a área estava devidamente demarcada e mapeada. O GDF nos convocou para o esperado sorteio, chegou o grande dia! O Secretário de Agricultura, João Luiz Homem de Carvalho, Secretário de Agricultura do DF, convida a todos os acampados para comparecermos para o sorteio na FZ-DF. O Governo do Distrito Federal (GDF), através de seus órgãos representativos, formaliza o parcelamento das áreas, sorteia e distribui, tornando o acampamento um assentamento.

Logo após o sorteio das chácaras, houve um convite para um bom número de beneficiários comparecer à FZ. Vários pequenos problemas necessitavam ser resolvidos antes da assinatura da LOP (Licenças de Ocupação Provisórias), para posterior publicação no Diário Oficial do DF. Havia critérios a cumprir. Dentre eles, recorde que era necessário comprovar cinco anos de residência no DF, ganhar menos de cinco salários mínimos, ter mais de 18 e menos de 65 anos, não ter sido beneficiário em outros projetos de assentamentos rurais ou urbanos, não ter vínculo empregatício com o GDF, entre outros fatores de empecilho. Muitas pessoas acampavam solteiros e se arranjavam em relacionamentos afetivos, mas somente uma das pessoas poderia ser beneficiário. Inclusive, esse foi o meu caso. Conheci o pai da minha segunda filha no acampamento, e só um de nós poderia receber a terra.

Ele já havia se beneficiado de política pública de assentamento urbano do GDF, ganhou um lote em Santa Maria. Proprietário de um lote, não poderia receber mais uma terra do GDF. Como era viúva, eu poderia receber a sonhada terrinha. Com exceção de um, todos os outros casos de pendências foram solucionados. As famílias receberam suas licenças para uso da terra, não sem lágrimas, humilhações e até enfrentamento com a polícia. Somente uma não recebeu sua terra: a Ledir, do Seu Antônio.

3.5 A minha pendência

Vou relatar dois casos de pendências, começando pelo meu. Já nem fui para o sorteio das chácaras. Havia saído do acampamento pela segunda vez, fugindo de um relacionamento difícil, cheio de agressões. Meu consorte, o Anásio, daqui para frente chamado de *Com-azar*, apresentava descontrole quando fazia uso de bebidas alcoólicas.

A primeira agressão e fuga se deu na noite de 24 de dezembro de 1996. Chegando do trabalho, doméstica numa mansão no Lago Norte, me dirigi para a rodoviária de Planaltina

para pegar o único ônibus que fazia aquela linha à noite, saía as 21h. Por ser véspera de feriado, caprichei no visual e nas iguarias: um frango, umas frutas e uma bebida para comemorar o Natal. Lá vou eu, como sempre, carregada de sacolas. Na rodoviária, nem sinal do ônibus. Depois de mais de meia hora de atrasos, descobrimos, eu e mais umas três pessoas que aguardavam ali, que não haveria ônibus devido ao feriado. Optamos por pegar um táxi e compartilhar o valor da corrida entre nós quatro. Foi uma extravagância financeira, mas pelo feriado e pela saudade, valeria o esbanjamento dos caraminguás.

Nessa época, havia fila de espera e sorteios de números de celulares pela Telebrasília. Para você adquirir o seu celular, tinha que contar com a sorte. Sempre tive sorte, eu tinha o meu primeiro celular. Pegamos o táxi e o taxista me passou seu cartão para futuras corridas, se necessário. De Planaltina até o local do acampamento Três Conquistas foram ficando meus colegas de viagem, fui a última a desembarcar, já contava quase 23h quando cheguei no meu local de destino.

O acampamento ficava no pinheiral à direita da DF 130, na altura do Km 23. Tem uma faixa de terra de 50 metros às margens das rodovias. Nesse exato local, em frente ao acampamento, havia uma vala gigante - uns 2 a 3 metros de profundidade - que só podia passar a pé, carro não entrava. Então sugeri que o taxista retornasse ali mesmo, eu estava em casa. Havia neblina e chuva fina, o que deixou aquela noite muito rara. Desci do taxi, corrida paga, peguei um cartão de visita do taxista, descambei vala abaixo com minhas sacolas de comida e a alegria em reencontrar o companheiro *Com-azar*. Subi a vala em dois segundos, em mais alguns já estava em nosso barraco.

O companheiro ficou enfurecido, rasgou minha camisa. Vou contar, rasgou minha camisa nova de mangas compridas de cor rosa champanhe, que eu recém havia comprado na C&A. Até hoje estou com raiva! Me xingando e praguejando pelo adiantado da hora, duvidando que o transporte que me trouxe fora um táxi. Me humilhou, torceu meu braço, deixou as marcas de seus dedos impressas de roxo na minha pele molhada. Corri chorando, sob a chuva e pedi de volta o mesmo táxi. Essa foi a primeira vez que fugi dele.

A segunda fuga se deu quase um ano depois. Fomos a uma Folia do Divino, uma festa religiosa e cultural muito viva na região. Chegando à festa, desci do carro de nosso amigo Paulinho, enquanto este, junto com meu companheiro *Com-azar*, estacionava o carro. Um outro conhecido, o Evileudo, já bêbado, me cumprimenta com empolgação, quase gritando “Ceíça meu amor, que saudade”. Respondo com um sorriso, achando a situação somente cômica. Para minimizar o estrago e socializar a comédia e tanto “amor”, falo para o Evileudo:

- Tudo bem, como está você Evileudo? Você também está com saudades do meu marido? Olha ele ali.

Enfim, esse foi o motivo de, na volta para casa, eu ser outra vez humilhada, indagada, ameaçada, empurrada, entre outros catiripapos. E, dessa vez, eu estava com meu filho pequeno comigo, uma criança de 3 anos, a qual eu tive que acalmar, ensinar a controlar o medo e o choro diante da briga dos pais – melhor, da mãe com o padrasto. Chegando ao nosso barraco no acampamento, no pinheiral, orientei o menino para que se afastasse e me esperasse embaixo de uma árvore a uns 10m de distância. Então, enfrentei o homem, bêbado, me xingando e tentando me bater. Prossegui, desviando dos obstáculos e dos safanões, corri entre mesas fixas de troncos de eucaliptos, me esquivando e me protegendo. Um show dramático de pega-pega.

Fugi de novo no meio da noite para a casa de minha mãe, com meu filho pequeno e corajoso, e por mais esse motivo desisti da terra. Havia muitas outras memórias de brigas, discussões, intolerância, ameaças e violências. Não queria seguir sendo tratada dessa forma, mas quando a terra saiu, na mesma semana – na impossibilidade de sair para o tal companheiro, somente eu estava apta a tirar a terra –, me vi em uma encruzilhada. Não queria seguir com os maus tratos junto àquele homem, e não queria causar prejuízos. Muito tempo sob a lona para resultar em nada! Me dirigi, juntamente com o companheiro *Com-azar* até a FZ, fui recebida pela senhora Norma. Um desejo que trago até hoje é de reencontrá-la, para conversar novamente com ela, hoje em outros termos. Expus a ela que não queria mais tirar a terra, estava optando por dar outro rumo à minha vida. Perguntei se seria possível ele tirar a terra, ficar no nome dele, pois eu não queria de jeito nenhum seguir com aquela parceria. Não sei se passei a imagem errada de que não queria a terra por motivo fútil, ou motivo nenhum. O fato é que aquela mulher me humilhou de tal forma, que me fez chorar ali mesmo e ficar sem palavras. Uma das frases inesquecíveis dela foi:

- O senhor me permita dizer, mas o senhor escolheu mal sua companheira. Essa daí nunca passou um dia embaixo de uma lona, senão não estaria jogando fora um presente desses. Olha, moça, ou você pega a terra e seguem juntos ou nenhum dos dois. Vocês não estavam juntos? Ele não tem como receber outro benefício do GDF; você está apta. Quer ou não quer? Você vai fazer vocês dois perderem?

Sei que foi uma provação, uma conversa demorada cheia de lágrimas e palavras cravadas nas minhas entranhas e outras tantas silenciadas. Como dizer àquela mulher como eu me sentia, todas as humilhações e agressões vividas com aquele meu companheiro com cara

de homem sofrido, humilde, pobrezinho, 15 anos mais velho do que eu, a mocinha sem juízo de vinte e poucos anos, que fala que não quer mais a terra, que já estava há uma semana fora do acampamento.

Por fim, saí de lá da FZ envenenada pelas palavras silenciadas, magoada pela incompreensão de dona Norma, pelos seus julgamentos severos. Inconformada com a decisão que sobrou para eu tomar sozinha.

Decidi! Seguiria com a chácara e o relacionamento e me prepararia para as próximas agressões, sabia que viriam. Como de fato vieram, muitas e muitas. Estava me preparando, dentro de mim já estava claro: matar ou morrer, cemitério ou prisão. Da próxima vez, eu revidaria até o fim. Não aceitaria repetir a história de violência e maus tratos vivida pela minha mãe nas unhas de um amor intolerante, alcoólatra e machista.

Minha pendência com a FZ foi resolvida, minha história seguiu atrelada àquele homem por mais 16 anos, e ao Assentamento até hoje.

3.6 O despejo de Ledir

A pendência da senhora Ledir Macedo foi a única que não teve solução. Ledir tirou a chácara de número 10 no sorteio, e sua pendência foi mais difícil que a minha. Seu companheiro Antônio – apesar de não serem casados civilmente – era funcionário da Zoobotânica, atual Seagri-DF. Então, essa senhora não poderia ser beneficiária, tendo em vista que seu consorte, Seu Antônio, era funcionário da casa, como continuou sendo até aposentar-se, em 2015.

Essa situação não se resolveu por meios pacíficos. Ledir já habitava a casinha de placas de 5x5m, com o símbolo da ZO-DF na frente, criava galinhas e umas vaquinhas leiteiras, vendia leite na vizinhança. Todos os assentados, homens, mulheres e crianças que estavam disponíveis foram mobilizados e se somaram em um ato de resistência frente ao despejo forçado. Queríamos manter Ledir assentada conosco. Como se diz hoje: nenhuma a menos! O GDF procedeu ao despejo forçado da senhora Ledir mediante força policial e ameaça de máquinas pesadas. Fomos para o enfrentamento, Sem-Terras de mãos dadas, enfrentando uma decisão de despejo do governador Cristóvam Buarque, as máquinas e a força policial.

Logo cedo soubemos pelos militantes do MST que haveria o despejo. Então mobilizamos a comunidade, comemos muito cuscuz com ovo para dar sustança e seguimos

para a casa de Ledir. Definimos a estratégia de enfrentamento: um Sem-Terra ligado ao MST, o Paraná, ficaria na moita, atrás das curvas de níveis, camalhões de terra e tocos, fotografando o choque, a ação de despejo com uma boa Kodak. Os três celulares presentes na comunidade ainda não tinham a função de fotografar e filmar, como temos hoje. Mulheres, crianças e os homens faziam uma barreira humana, não deixaríamos despejar a Ledir, não depois de tanta luta. Éramos uma comunidade, queríamos todos juntos ali até o fim, beneficiados igualmente.

Foi um dia longo, ordem de despejo lida e explicada na presença de muitos carros de polícia, tentativas de argumentações, chamadas telefônicas, chegada de mais reforços policiais e, por fim, as máquinas pesadas chegaram. Rapaz, dá um medo quando você escuta aquele troço roncar e andar em sua direção!

Estávamos todos de braços dados num amontoado de gente, fazendo uma barreira em frente à casinha numero 10, todos apoiando a permanência da Ledir. Um empurra-empurra da moléstia. A polícia tentava arrastar as pessoas da linha de frente com chutes e puxões, pretendiam nos retirar do local para a máquina proceder ao despejo. No meio da confusão, o medo dá lugar aos mais antigos e fortes reflexos de sobrevivência do animal que há em nós, e também a solidariedade humana que fala mais alto no conflito. Um policial pegou um velhinho, seu Narciso, e o enfiou numa caixa d'água que estava bem próxima. Naquele momento não pensei em nada, só agi. Catei um cassetete de um policial próximo e desci na testa do outro que tentava afogar o velho. Avaliando a cena agora, acho que seu Narciso estava sentado sobre a borda da caixa d'água e, no empurra-empurra, o policial arremessou ele contra a tampa da caixa e essa se partiu. Seu Narciso parecia um bebê numa banheira gigante, afundando na água entre os cacos da tampa da caixa de Eternit que fazia parte do kit casinha de placa de 5x5m.

Fiquei sabendo depois que o policial agredido, quando sentiu minha paulada, sacou a arma e quase atira no Gaúcho Preto que estava na sua frente, pensando que este é que o tinha acertado com o cassetete. Foi um segundo PM que segurou a mão armada, e falou: “não foi esse, foi aquela”, se referindo a mim, enquanto outro PM me arrastava com safanões até a viatura. Lembro que as pernas da minha calça jeans ficaram cheias de rastros de terra dos coturnos que me agrediram.

Ainda consegui dar uma paulada certa na testa de um PM, representante, a mão armada do Estado. Fui detida, arrastada e contida na viatura, e de lá pude acompanhar com o olhar a confusão. Sem medo ou ressentimento, na verdade com uma pontinha de satisfação e orgulho, gosto de dizer que discordo do que discordo. Enfim, só deu para ver a bagaceira,

poeira cobrindo, mulheres chorando, meninos gritando, gente apanhando. Um policial corria meio distante, perseguindo o nosso fotógrafo, atirando para cima, outro dando umas pauladas no Sérgio, filho mais velho da dona Dionar, e do outro lado o Zé Alonso, outro Sem-Terra, se somava às vítimas do confronto. Recebeu uma meia dúzia de pauladas, cassetadas.

Por fim, fomos uns quatro detidos até a delegacia do Paranoá, tomamos um chá de banco de umas 6 horas, “pra entender quem manda”. Fomos liberados depois que assinamos uma declaração de que permaneceríamos no DF para posteriores esclarecimentos. Nem um pequeno sussurro vazou nos veículos midiáticos locais da época. Governo de esquerda, confronto! Ninguém de fora soube, sem alarde.

Apesar de três companheiros terem que fazer corpo de delito para comprovação da surra, ninguém morreu e Ledir foi despejada, teve que sair à força. Hoje analiso a situação: a mulher que mais merecia uma terra não estava apta. Ela vendeu uns bens e as vacas, e em menos de dois anos comprou uma parcela de um assentado de Reforma Agrária lá no assentamento Água Fria - GO, conhecido como Chico 10. Está lá até hoje, criando galinhas e vacas, e nas terças-feiras no final de tarde ela pode ser facilmente encontrada no estacionamento em frente à Faculdade UnB Planaltina, vendendo seus queijos artesanais e ovos caipiras. Ledir e Antônio continuam juntos na terra que compraram num assentamento. Vivem criando seu gadinho, vendendo galinhas, queijos e ovos até hoje.

Este incidente foi o último evento que contou com a presença do MST representando os interesses da comunidade. Esse despejo marcou definitivamente o afastamento do MST como representante da nossa comunidade.

3.7 Distanciamento do MST

Importante resgatar alguns momentos que culminaram com o afastamento da coordenação do MST da comunidade. O primeiro foi a chegada às escuras na área destinada para o Três Conquistas. Muitas pessoas passaram a reclamar do MST, argumentando que se sentiam excluídas do processo pelo fato de não terem tido a oportunidade de eleger a região de destino, com seus amigos ou familiares. Imprimiu na maioria uma sensação de que estávamos sendo tocados, como o sistema opressor sempre faz. O MST fez igual ao sistema, nessa ocasião. Vida de gado.

As informações essenciais sobre a transferência dos acampados ficou privilegiada aos coordenadores militantes nacionais do MST. O restante de nós não soube de muita coisa. Estes não repassaram para os grupos de acampados os detalhes referentes à mudança, por exemplo, quantas áreas estavam destinadas para nos receber, quantas pessoas podiam se dirigir para cada uma delas. Se podíamos permanecer juntos de nossos amigos e parentes, faltou comunicação.

Saímos da Fazenda Grotão, muitos ônibus e caminhões rumando para o nosso novo destino, a área destinada para o futuro assentamento. Saímos com a certeza de que estávamos a caminho de nossa sonhada terrinha. O único critério era o número de pessoas nos transportes: pela quantidade de pessoas nos transportes, eles definiam qual a direção do transporte: Estrutural, Paranoá ou São Sebastião.

3.8 A ocupação das chácaras individuais

Após o sorteio das chácaras, cada família acampada providenciou sua mudança para as áreas a elas destinadas. Buscaram fretes pagos ou amigos generosos. Enfim, cada um deu seu jeito e se mudou. A administração de Planaltina fornecia água duas vezes por semana com caminhão pipa para o acampamento, em dois pontos. Agora que todos os sujeitos estavam espalhados por suas chácaras, a distribuição de água teve que se readequar. A partir de uma demorada negociação, acordou-se uma nova logística na distribuição da água: o caminhão pipa deixaria água em vários pontos às margens da rodovia DF 130, somente. Cada assentado iria buscar água desde esses pontos, mesmo estando a 3km de distância. Importa dizer que as famílias que moravam mais afastadas das margens da rodovia destinavam muito tempo e esforço para buscar água às margens da pista com baldes, latas, galões, carrinho de mão. Muitos providenciaram abrir suas cisternas, porém algumas chácaras não conseguiram encontrar água.

Nesse período a fé se reacendeu e os casais se fortaleceram, comemorando essa vitória, apesar das dificuldades, sem água, sem luz, sem casa, mas com a definição de suas chácaras.

3.9 Instalação das infraestruturas básicas

Todo o trabalho, desde o planejamento, elaboração de projetos, definição de mapas, sempre esteve a cargo do GDF. As negociações relacionadas com o fornecimento de luz e distribuição de rede elétrica, abertura dos poços artesianos, tudo a cargo do GDF. Quando o governo quer, ele faz.

Os sujeitos acampados participaram de algumas atividades do planejamento inicial, principalmente referente ao modelo de assentamento. O parcelamento do espaço em 65 chácaras, abertura de estradas, construções de casas e agroindústrias, abertura de 14 poços artesianos a cargo GDF e da FZ- DF. Todas essas atividades foram diretamente executadas pela Fundação Zoobotânica, que hoje corresponde a SEAGRI-DF.

Foram construídas casinhas de placa de 25m² em cada chácara, implantados meio hectare de lavoura de milho, construídas agroindústrias, viabilizadas 40 galinhas poedeiras *Label rouger*, ração para os três primeiros meses e um pequeno galinheiro para cada chácara. A rede de distribuição de energia elétrica estabelecida, poços artesianos perfurados. Os serviços de assistência técnica da Emater disponibilizados. Foram muitas tardes e até dias inteiros de palestras e visitas de campo, muitos projetos discutidos e escritos. Toda esta estrutura posta em marcha, a partir da luta dos sujeitos para que aquele espaço pudesse, de fato, desempenhar a função para ele idealizada, que seria tornar-se um território de vivência e produção agrícola, um projeto de Reforma Agrária. A forma, a função, a estrutura e o processo, são condições do espaço que atuam mutuamente na construção do território, concordando com Santos (1985).

Cada chácara também recebeu uma pequena casa de 25m² de placas pré-moldadas, as quais construímos sob a coordenação de engenheiros da FZ-DF no regime de mutirão. O processo de construção das casinhas foi, assim, um sonho! Teve as controvérsias e insatisfações, imaginem que não permitiam a gente escolher ou mudar nem o lado da porta, mas como lá se diz: *“Cavalo dado não se olha os dentes!”*.

Dividimos os sujeitos da comunidade em grupos de 6 a 10 famílias, por proximidade e por qualificação, cada grupo desses deveria ter no mínimo um pedreiro. Cada grupo ficava a cargo de construir conjuntamente suas casas, trocando dias entre si. Assim, os grupos se responsabilizavam somente pela execução das casas deles. Os grupos formados por proximidade favoreciam a logística de deslocamento. Participavam homens, mulheres e jovens, quem tivesse disposição e boa vontade. Os trabalhos eram coordenados por engenheiros e outros profissionais da FZ-DF. As casinhas contavam com cozinha de

3,3x1,6m e o banheiro 1,6x1,6m e uma sala de 3,3x5m, com instalação para receber água e luz, quando estas se fizessem disponíveis.

Foi executada a construção das casas e das agroindústrias, tudo ao mesmo tempo. Eram caminhões de entregas de placas, cimento, telhas e madeiras, portas e janelas. Só para registro: foram as melhores janelas que eu já vi, em termos de qualidade. De ferro, fortes e bonitas. Conexões, fios, encanamentos, caixa d'água e madeiras. Era um movimento intenso de motores e pessoas, três equipes de profissionais da FZ destinadas a coordenar e executar as metas, trabalhando todos os dias, contando com todos nós nos mutirões. As metas eram deixar o assentamento pronto antes das eleições, levantar as casinhas, levantar as agroindústrias, preparar o solo, destocar, gradear, adubar e plantar as primeiras roças individuais.

Enquanto isso, a associação do pré-assentamento também mantinha uma agenda de atuação ativa. Participava de ações pela Reforma Agrária, buscava se apresentar como representante de um novo núcleo rural, o Três Conquistas. Atuando nos eventos coordenados pela Emater, participando no que fosse possível nas Regiões Administrativas de Paranoá e Planaltina.

3.10 Os projetos iniciais

Logo após o sorteio das chácaras, se seguiram muitas palestras coordenadas pela Emater do Paranoá para elaboração dos primeiros projetos. Houve um esforço do governo do DF, na época Cristóvão Buarque, em fazer um assentamento com infraestrutura que oferecesse condições para a produção e geração de trabalho e renda. Muitos projetos foram definidos e iniciados. Foram muitas reuniões e palestras promovidas pela Emater do Paranoá para apresentar à comunidade aspectos importantes de cada segmento que parecesse viável para a comunidade. Houve palestras sobre criação de galinhas poedeiras, seleção de ovos, criação e abate de ovinos, incluindo até visita técnica a um grande aprisco, um projeto de criação de ovinos e caprinos em Minas Gerais, para que os interessados conhecessem as instalações, mecanismos de cooperação, raças e técnicas de manejo, entre outras novidades.

No decorrer da implantação do assentamento, surgiram muitas ideias quanto aos projetos que desenvolveríamos. Começamos com muitas propostas produtivas baseada nas sugestões e interesses dos recém assentados. Nas reuniões coordenadas pelos técnicos da Emater, listávamos as atividades produtivas de interesse e, se estivesse dentro das possibilidades impostas pelas condições ambientais e recursos previsto no PROCERA

(Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária), passávamos para aprovação da proposta. A maioria das pessoas assentadas, num total de 35 beneficiários, optaram por iniciar um projeto de criação de ovinos. Esse projeto estava atrelado à proposta de se criar um abatedouro de ovinos e caprinos no Assentamento.

A definição dos projetos de produção agrícolas, previstos para serem custeados pelo PROCERA, ficou a cargo da Emater, escritório do Paranoá. Todos os projetos foram definidos em conjunto com os sujeitos assentados e elaborados pelos técnicos competentes. A Emater cuidava de orientar os futuros criadores e elaborar os projetos, e nós sonhávamos com os resultados. A presença e empenho da Emater na primeira década do assentamento foram destacados, elogiada e lembrada até hoje. Prestaram serviços com empenho superior. Suas participações na fundação do assentamento contribuíram positivamente em muitos momentos.

Diversos projetos foram idealizados, entre eles incluíam-se agroindústrias para pequenos grupos com diversas propostas produtivas, sendo o abatedouro de caprinos o maior sonho da comunidade. Pretendia-se transformar o Assentamento em um polo de produção e abate de ovinos e caprinos, pois muitos assentados poderiam criá-los, e outro tanto poderia constituir uma cooperativa de abate e comercialização.

Cinco agroindústrias foram construídas. Uma delas, para a produção de pães e doces que atenderia às cidades vizinhas. Outra agroindústria seria de fabricação de temperos, e esse era o projeto do senhor Zezinho, da chácara 51, pois este contava com mão de obra de seus filhos e sua experiência como feirante, para comercializar esses produtos seria fácil.

No centro comunitário do Assentamento foi construído um galpão de placas com banheiros e escritório, um espaço para as reuniões e treinamentos, uma agroindústria no padrão das outras quatro e, ainda, outra menor, pensada especificamente para selecionar e embalar ovos. Os ovos que todos iriam produzir, com suas 40 galinhas poedeiras. Todos os assentados ganharam em suas parcelas um pequeno galinheiro de placas com todos os utensílios necessários, 40 galinhas poedeiras da raça *Label Rouge* e ração para os primeiros seis meses.

A Emater merece um grande parágrafo. A atuação da Emater (escritório do Paranoá) na implantação do Três Conquista foi de grande destaque. Hoje fico pensando como foi desafiador para os seus extensionistas, técnicos, agrônomos e outros. Imagine incutir nos sujeitos arrebanhados, desde as periferias urbanas, o senso de agricultor. Trabalhar com um grupo tão diversificado, com pouca ou nenhuma experiência nos modos de produção agrícolas da região. A Emater do Paranoá, representada por seus funcionários na época, tinha como

gerente o senhor Tonim e vários extensionista, formados em diversas áreas. Lembro-me do Sérgio, Vando, Maria José, já falecida, mas muito viva em nossas memórias, entre outros. Desenvolveram diversas palestras, apresentaram um mundo de possibilidades e oportunidades. Fizeram um grande trabalho de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural). Apresentaram diversos segmentos produtivos mais adequados à nossa realidade, considerando o bioma, o clima, as áreas e os recursos com os quais poderíamos contar. Consideraram pouco a nossa inexperiência. Esclareceram dúvidas, elaboraram projetos com viabilidade econômica, capazes de serem aprovados pelo banco, como propostas ao PROCERA, a primeira linha de crédito que acessamos. Éramos apenas sujeitos da periferia urbana que tinham o sonho e o desejo de nos tornarmos agricultores e produtores. Nem sabíamos a distância entre esses dois termos e os desafios para tanto. Pudemos testemunhar o empenho e a garra de muitos outros extensionistas da Emater Paranoá ao longo dos anos, como: Paulo José, Lauro, Ana Amélia, Kedina, Gean, Gerlan, Thiago, Élcio Henrique, e me desculpem os demais que não recordo os nomes.

Diversos projetos agrícolas foram iniciados. Grande parte dos assentados, 35 das 62 chácaras, optou pela criação de ovinos e caprinos, projeto atrelado à construção de um abatedouro próprio. O abatedouro de ovinos e caprinos foi construído na chácara 23, e objetivava tornar-se uma cooperativa de abate e embalagem de cortes nobres de carnes exóticas. Pretendia gerar emprego e renda abatendo animais provenientes dos núcleos rurais adjacentes, e de todo o DFE. Outros quatro entraram com os projetos de agroindústrias, a saber: agroindústrias de temperos, doces, biscoitos e amanteigados, pães e massas. Outros quatro optaram pela cultura de maracujás, eu entre estes, mais quatro pela citricultura de limões e mexerica.

Uns sonhavam com produção nas agroindústrias, outros com uma cooperativa forte e próspera. Alguns optaram pela cultura de limões, poncãs e maracujás, outros pela horticultura, e todos estavam envolvidos na criação de galinhas poedeiras. Uns queriam uma oportunidade para ganhar dinheiro, ter um trabalho e renda, *se tornar alguém*. Outros queriam apenas uma terrinha, pura e simples. Um lugar tranquilo, sossegado, para se plantar e colher, um lugar bom de viver. Quase todos tivemos a oportunidade de acessar financiamento rural, crédito para investimento e custeio através do PROCERA. Hoje, a linha de crédito que existe se chama PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar).

Quando mudou o governo, travou todos os projetos e os investimentos feitos. Em parte, se perdeu devido à falta de apoio para formalizar as agroindústrias e abatedouro,

legitimar os produtos com marcas e código de barras, ter notas fiscais para viabilizar a comercialização. Não tínhamos mais com quem contar, até a placa de identificação da comunidade foi retirada. O serviço de transporte público, o ônibus que fazia linha do PAD-DF para o Paranoá foi suspenso.

Olhe, quando mudou o governo, aí as portas se fecharam mesmo. Perdi todo material que tinha na agroindústria, o povo da Emater não tinha mais meios de fazer o que tinham prometido, num teve jeito de concluir as coisas tudo. Os temperos se perdero bem aí, como é que vendia sem marca, sem nota? ficamo na mão, não tinha com quem contar... (José Neres, o Zezinho. Entrevista em 2018).

3.11 O principal projeto

Quando foram definidos os projetos para o Três Conquistas, devido a diversos fatores, optamos por tornar o Assentamento um polo de produção de ovinos e caprinos. Tínhamos como parceiros fortes e comprometidos com a nossa causa e com o projeto de desenvolvimento do assentamento, o governo do GDF, a Emater, a FZ, o Ceasa - DF (Central de Abastecimento do DF) através da SAB (Sociedade de Abastecimento de Brasília). Conforme o desejo do governador de Brasília, Cristóvão Buarque, iríamos ter um assentamento modelo.

O projeto de criação de ovinos com abatedouro foi abraçado por 35 pessoas entre os 65 assentados, devido ao fato de haver, entre os assentados, uma boa maioria de nordestinos com alguma familiaridade ou experiência nesse tipo de criação. Estabelecer uma pastagem seria mais fácil do que qualquer outra cultura nesse ambiente tão empestado por formigas cortadeiras, e ainda poderíamos contar com os eucaliptos presentes em algumas áreas do assentamento. Utilizaríamos parte dessas madeiras já disponíveis no local para construir os apriscos, fazer cercas. Dessa forma poderíamos baratear os custos iniciais de implantação do projeto.

Segundo relatos da Emater, a região adjacente, como Tabatinga e Rio Preto, já se destacava na criação de ovinos e caprinos, e não havia na região abatedouros para esse tipo de criação. Então a proposta era que 60% dos assentados iriam atuar na criação de ovinos. Construir um abatedouro para atender a demanda local, criar um produto diferenciado, entrar no mercado de carnes exóticas, abater, embalar e comercializar através de uma cooperativa que geraria empregos e renda na e para a comunidade, eram as metas. O projeto de criação de

ovinos com implantação de um abatedouro era o carro chefe do plano de desenvolvimento do assentamento. Toda a infraestrutura necessária para esse fim, criar um assentamento modelo, com um grande projeto de criação de ovinos e abatedouro, foi posta em marcha. Quando o governo quer, ele faz.

Foram perfurados 14 poços artesianos no espaço do Assentamento pela FZ, entregues com bomba instalada em cada poço e reservatórios de lona. Os poços atenderiam de 4 a mais chácaras, conforme a vazão de água disponível, e seria para uso coletivo. Foi implantada uma rede de distribuição de energia elétrica, monofásica, em todo o assentamento. A rede foi implantada gratuitamente para toda a comunidade.

Enquanto se elaboravam os projetos individuais de cada um para acesso ao crédito bancário do PROCERA, também eram feitas capacitações, treinamentos, visitas técnicas. A Emater levou os 35 assentados, futuros criadores de ovinos, para uma visita de alguns dias para conhecer uma cooperativa com abatedouro na cidade de Jequié, na Bahia.

A Emater treinava, orientava e elaborava os projetos, a FZ executava os trabalhos com máquinas pesadas no espaço do Assentamento, e o GDF fazia as parcerias necessárias, assinava e autorizava a execução dos projetos.

Quatro assentados optaram pela produção de cítrus, limões e mexerica. Outros quatro incluindo eu, optamos por produção de maracujá, mais quatro agroindústrias. Alguns dispensaram empréstimo, não queriam ficar endividados.

Após a inauguração do assentamento, a linha de crédito ficou também liberada. Houve muitos problemas com as liberações das parcelas. A primeira já saiu atrasada para preparo de solo e estabelecimento das pastagens. Os projetos de maracujá e limões foram iniciados. Abatedouro sendo construído, agroindústrias sendo entregues. Os sujeitos revestidos de esperanças, fazendo cursos e treinamentos, acessando recursos, equipando suas agroindústrias, preparando o solo, comprando mudas, começando a produzir ainda em 1998.

O projeto principal, Criação de Ovinos e Abatedouro, encontrou muitos desafios. Para começar, o abatedouro foi construído e nunca foi concluído. A linha de crédito para equipá-lo foi desarticulada com a troca do governo, virou um grande elefante branco, até hoje presente e sem uso na comunidade.

A construção dos apriscos previa utilizar as madeiras já existentes no espaço, usar os eucaliptos. A empresa Proflora, que arrendava a área, resolveu aparecer e proceder ao corte das madeiras. Recorremos aos parceiros e, por todos os meios, tentamos impedir a retirada total desses eucaliptos restantes, presentes em três ou quatro chácaras. Era coisa pouca. Por

fim, optamos por entrar com um pedido judicial em 1999, para que a FZ parasse o corte das madeiras. Perdemos a causa, e ainda nos restou pagar custas processuais ao GDF, uma dívida que perdura até hoje no CPF da presidenta da associação da época, eu. A FZ comprovou que não era responsável pelo corte da madeira e sim a empresa que explorava o solo daquele espaço, a Proflora.

Na hora de sair a segunda parcela do financiamento PROCERA, para continuidade dos projetos de criação de ovinos, foram tantos impedimentos que somente 15 assentados chegaram a acessar essa segunda etapa. Ainda assim, 23 chácaras ainda conseguiram construir os apriscos. A verba para a conclusão do abatedouro a cargo da FZ, que seria para aquisição dos equipamentos, também não saiu. As pessoas ficaram desmotivadas devido ao problema com a madeira, com os arrochos nos imposto pelo novo governo. Foram tantos os desafios que muitos foram obrigados a desistir dos projetos de criação de ovinos.

Somente cinco corajosos assentados concluíram o projeto de criação de ovinos, chegando a comprar uma quantidade menor de matrizes. Quando os recursos saíam, já não davam para cobrir os custos da proposta inicial, pois o poder aquisitivo do dinheiro não cobria os preços dos produtos. O dinheiro não dava para comprar a quantidade de matrizes propostas. Os cinco assentados que ainda seguiam com o projeto de criação de ovinos adaptaram o projeto para criação de caprinos, cabras leiteiras. Devido à paralização da proposta do abatedouro, criar cabras leiteiras seria mais interessante.

Os futuros criadores de ovinos desistiram, e os representantes do Banco do Brasil, agência de Planaltina, em reunião falou para todos ouvirem, “Se vocês desistirem agora, não terão que pagar nem a primeira parcela já recebida”.

Hoje eu fico pensando, como uma instituição financeira pode agir assim: dispensar dívida? Eu mesma respondo. Eles concluíram os processos, se apropriaram dos recursos restantes, quitando a dívida com 10% do valor. Semanas depois, saiu uma boa notícia de que quem quisesse, poderia quitar suas dívidas com apenas 10% do valor do débito.

O novo secretário de agricultura do DF em 1999 se chamava Agnaldo Lélis, um fazendeiro vizinho nosso, que vivia no núcleo Rural Tabatinga. A sua primeira medida referente ao Três Conquistas foi mandar retirar as duas placas de identificação do Assentamento. Em uma reunião conosco, dois anos depois, chegou a falar que “a teta que vocês mamavam, secou”. A frase ficou marcada, lembrada e comentada até hoje como um ícone do tratamento imposto ao desenvolvimento do assentamento em um governo de direita.

As agroindústrias sofreram um processo ainda pior. Perderam suas produções nas prateleiras. Sem continuidade das metas postas em marcha no governo anterior, sem concluir seus processos de estabelecimento como fábricas artesanais, sem bloco de notas fiscais, sem o código de barras, não podiam pôr seus produtos no mercado. Os sujeitos perderam os investimentos, os produtos e as esperanças. Como os investimentos para as agroindústrias saíram mais rápido, esses agricultores ficaram endividados até hoje. Não quitaram com os 10%, conforme a maioria dos beneficiários dos outros projetos. Hoje restam algumas em perfeito abandono.

Figura 5 - Agroindústria do Centro Comunitário – que jamais foi utilizada.



Foto: Arquivo pessoal da autora, 2018.

Paralelo a tudo isso, o Ceasa através de um contrato com a SAB, disponibilizou um kit de gotejamento para irrigar 5.000m², meio hectare completo, incluindo adubo para todos que quisessem produzir hortaliças. Um bom número de assentados pegou o kit de gotejamento, mas somente cinco pessoas tiveram acesso à água suficiente para produzir, ainda durante o governo de Cristovam Buarque. Houve relatos que, por três meses, cinco agricultores venderam bem suas produções no Ceasa, com apoio da Emater. Seu Carlos e Seu Zezinho, nossos entrevistados, são dois desses que produziram e comercializaram com a SAB.

Funcionava assim: eles produziam, mandavam para o Ceasa, e o que não vendesse lá, a SAB absorvia. O projeto previa ser pago com mercadoria da própria produção. No fim das contas, ninguém pagou, o governo deixou os kits a fundo perdido. Até porque mudou o governo, mudou tudo, acabaram até com a SAB.

Vamos explicar o porquê não se produziu mais com esses kits: Quando inauguram o assentamento, em junho de 1998, era um ano eleitoral. Então, se inaugurou no tempo possível para não incorrer em crime eleitoral. O Assentamento foi inaugurado com dois poços funcionando: o do centro comunitário era um desses, então quem estava perto teve acesso a água e pôde produzir irrigado. Os outros poços, quando concluídos, ficaram com as bombas dentro, enferrujando por mais de dois anos, sem nunca serem ligadas. Com a saída do governador Cristovam, todo o nosso projeto foi travado, parado por muito mais de dois anos.

A rede de luz foi instalada sem custo para comunidade. Inicialmente, foi cobrada mediante embromação e controvérsia. Imaginem que, em pleno dia de sábado, funcionários da CEB passaram de casa em casa na comunidade com uns contratos feitos em nome de cada um dos assentados, informando que seria necessário trocar a rede de luz por uma rede trifásica, para que os poços pudessem ser instalados, e que essa mudança da rede ocasionaria um custo que seria cobrado em conta. Todos nós assinamos, com exceção de um único morador, o Raimundo Rocha, da chácara 07. Na época, ele era o presidente da associação. Foi esperto. Todos nós pagamos a rede de luz e, no fim das contas, até hoje a rede segue monofásica. Era um contrato cobrando a rede que já estava instalada. Alguns poços foram apropriadamente utilizados pelos assentados. Em vários poços, as bombas enferrujaram e estragaram sem nunca terem sido ligadas.

No decorrer dos anos, e vendo a subutilização dos poços artesianos, durante uma reunião do Conselho de Desenvolvimento Rural, quando fui presidente daquela associação, fiz uma proposta para a Caesb. A proposta consistia em que a comunidade cederia os poços necessários, e a Caesb distribuiria água tratada para a comunidade. Foi aceita, e em alguns anos todos nós tivemos água em nossas casas. Porém, pagamos a conta normalmente. Inclusive pagamos a taxa de esgoto no mesmo valor da água consumida, sendo que não há sistema de esgoto no Assentamento. De todo modo, resolveu o problema de falta de água para o consumo doméstico. Houve chácaras no assentamento em que as cisternas comuns não lograram acessar água.

3.12 Descrição da paisagem atual

Na estrada principal que corta o assentamento, a 100 metros do asfalto DF 130 Km 21, se apresentam as estruturas do centro comunitário: uma quadra de esportes, uma Academia PEC (Ponto de Encontro Comunitário), um SAF (Sistema Agroflorestal), o galpão principal, que é o nosso centro comunitário, e duas outras construções com aspecto de abandono. O vento balançando a copa de uma árvore de florido amarelo enfeita a paisagem e inspira solidão. Esse quadro, essa mirada inicial, transparece a subutilização do lugar.

O assentamento, logo no primeiro olhar, se apresenta como uma comunidade parada. Quando entramos nas chácaras, nas casas e na vida de seus moradores, percebemos que a vida segue seu fluxo, fluindo conforme as estações. Hora desconsolado e seco, palha no sentido da cor. Hora exuberante, verde envernizados de luz *tim-tim-lante*, na renovação proporcionada pela estação chuvosa.

Seguindo a estrada, se observa casas distintas, casas novas com um estilo diferente do padrão da maioria. São as casas que abrigam os novos moradores que compraram e arrendaram terras por aqui. Alguns são do Rio Grande do Sul, outros do Paraná, todos tratados como gaúchos. Suas moradias e seu modo de cultivar a terra se destacam. São casas bonitas, com um pouco de árvores maiores ao redor, um trator, um caminhão, um carro e uma lavoura baixinha ao redor, parece uma pintura. Um quadro bonito e bem-acabado, essa é a impressão que passa. Algumas chácaras ainda mantêm a casa original, aquelas casas de placa de cimento de 25m², fornecidas pela FZ do DF no início do Assentamento.

Figura 6 - Casa no formato original de 25m². No entorno, plantio de soja, após venda do lote.



Foto: Arquivo pessoal da autora, 2018.

As chácaras dos pioneiros geralmente abrigam outras unidades habitacionais. São casas de filhos que se casam e moram ali mesmo, são casas de irmãos, ou mesmo dos pais. Algumas chácaras abrigam até oito casas. Conforme se constata na chácara 40, de Maria Domingas, além de sua casa, onde mora com o esposo e seus dois filhos, moram mais 6 irmãos, seus pais e ainda abriga uma igreja.

Era meu sonho. Eu falava assim que eu queria ganhar uma terra e trazer toda minha família para o assentamento. O povo me pergunta:

- Mas não tem briga, 6 irmãos casados morando aqui com suas famílias?

- Não, não tem briga. Na minha família só é paz, graças a Deus. Como se diz, todo mundo me respeita, tudo que eles vão fazer, eles me perguntam. Posso arar aqui, posso plantar ali, fazer uns quebra mola diante de casa? (Maria Domingas Ribeiro, Entrevista em 2018).

Hoje, 20 anos desde a sua fundação, a comunidade do Assentamento Três Conquistas mantém as linhas gerais do seu mapa, idênticas. Embora muitas chácaras tenham abrigado muitas outras unidades habitacionais para filhos e agregados. Essa ampliação das famílias promove o aumento dos moradores locais. Muitas chácaras também foram vendidas ou trocadas.

A paisagem mudou, se apresenta diversificada, tem lavouras de soja. Para ser mais exata, 28 chácaras hoje plantam soja, na totalidade ou em parte. Estas são chácaras que foram vendidas, e parte foi arrendada. Há pastagens e lavouras de eucaliptos, pomares de bananeiras e café, SAFs. Há reservatórios de água feitos com lona, onde se cria peixes. Alguns pomares de limões e outros de maracujás, algumas plantações de hortaliças, sendo que o que mais aparece são rocinhas de mandiocas e milhos. Nos famosos quintais, no domínio dos terreiros, os pés de mangas, jacas e abacates prevalecem.

Numa visão do todo, éramos 65 famílias pioneiras assentadas aqui. Nesses 20 anos, restam 22 pioneiros vivendo no assentamento, 19 faleceram e 44 venderam suas chácaras. Uma boa parte das chácaras foi vendida exatamente em consequência do falecimento do beneficiário pioneiro.

O militante nacional do MST, Valmir de Oliveira Mota, o saudoso Keno, foi assentado na chácara 2. Mudou-se para o Paraná em função da militância no MST, e lá foi assassinado pelas mãos de capangas a mando de fazendeiros grileiros de terras. Durante toda sua vida, lutou por justiça social. Partiu para nunca mais voltar.

As pessoas que compõe a comunidade do Assentamento Três Conquistas são de diversos estados brasileiros. Temos maranhenses, baianos, piauienses, pernambucanos,

mineiros, goianos, paranaenses. Enfim, uma diversidade de pessoas, com características e habilidades diversas. Aptidão em marcenaria, alvenaria, agricultura, criações em geral, artesanato etc. A comunidade conta atualmente com aproximadamente umas 350 pessoas. A maioria apresenta baixa escolaridade, muitos são beneficiários do Bolsa Família. As casas são de placas (pré-moldado de cimento) com telhas de amianto, e muitas já foram ampliadas em alvenaria. As moradias possuem água encanada tratada, fornecidas pela Caesb exclusivamente para uso doméstico, fossa séptica e luz elétrica.

Temos a presença de católicos, espíritas e em maior número os protestantes. Não temos nenhuma festa tradicionalmente nossa, do Assentamento. Nem festinhas comemorativas, como quadrilha, carnaval, não temos. Em tempos passados, quando a escolinha funcionava no assentamento, também não dava para fazer festinha. A maioria das crianças eram filhas de famílias protestantes, que não podiam participar de quadrilhas, carnaval... Desmotivava professores e alunos, e acabava não se fazendo nenhuma comemoração.

Algumas novas presenças se destacam: os gaúchos. A maioria dos novos moradores é de famílias paranaenses ou gaúchas, e suas chácaras retratam um desenho típico do seu meio rural. Uma casa, o pomar, a horta, um galpão para guardar ferramentas, trator e grãos. Geralmente, se vê um caminhão ou um trator parado no oitão da casa e ao fundo, o verde intenso da soja. Paisagem vista no período chuvoso.

A comunidade conta hoje com uma quadra de esportes, um PEC (Ponto de Encontro Comunitário), que é um espaço composto por equipamentos para a prática de exercícios físicos, e um centro comunitário amplo com escritórios, banheiros, uma cozinha completa com utensílios e eletrodomésticos. Já contou com sala de informática, equipada com computadores e internet, porém sofreu alguns roubos. Nesse espaço, acontecem as reuniões, cursos e eventos, além de ser utilizado para atendimento médico. Inclusive, esse é também um momento de vida social, conforme a fala da senhora Dionar: “As pessoas só se veem quando tem uma reunião ou na consulta médica, aí você encontra algumas pessoas”.

A comunidade conta com duas igrejas protestantes: uma está localizada no meio da comunidade, na chácara 40 da Maria Domingas, e a outra está adjacente ao perímetro do assentamento, próximo à chácara 12.

Figura 7 - Igreja conduzida por dona Abadia, localizada próximo ao final da chácara 12.



Foto: Arquivo pessoal da autora, 2018.

Essa é uma igreja pequena, localizada no alto, já descambando para as grotas do Capão da Onça. Oferece uma vista privilegiada e apropriada para contemplação e reflexão. Esta igreja está sob o mando de dona Abadia, uma pioneira e uma mulher de Deus, na fala comum. Ela ministra os cultos às quartas, sextas, sábados e domingos, e o seu filho caçula, o Samuel, transporta numa Kombi os irmãos, de ida e de volta, desde suas chácaras até a igreja.

A vida social da comunidade flui em uníssono com as atividades das igrejas protestantes. Não há uma vida social muito ativa. Conforme fala da senhora Cassilene, quando a comunidade se reúne é em nome de Deus, ou seja, para tratar de assuntos relacionados à igreja: “A parte cultural que domina e que dá certo, “só em nome de Deus”, minha filha. O resto é meio suspeito, mas o resto do mundo tá geral assim. Entendeu?” (Cassilene Ferreira Campos, Entrevista em 2018).

A senhora Dionar nos conta que, nos anos iniciais do assentamento, as extensionistas Maria José e Kedina promoviam cursos de bolsa, de pintura em tecido. Alguns treinamentos, algumas galinhadas e bazares juntamente com a associação, onde reunia toda a comunidade: esse era o lazer que se tinha. Lembra, ainda, os sábados culturais realizados pelo Projeto Agroflorestas. Fala que, por 2 anos, de 2013 a 2015, havia atividades que aproximavam as

pessoas, além de trazer conhecimentos novos. Ela prossegue em tom de lamento, lembrado o fato de que hoje em dia não há mais atividades assim, festivas, que reúnam a comunidade, que promova lazer.

Não tem, Ceiça. A gente nesse ponto aí tá esquecido. Você não tem, por exemplo, dia das crianças. Alguns pais comemoram em casa, se for o caso, mas dia das mães, semana santa, natal, são joão... Ninguém faz nada, eu acho assim, que pelo menos final de ano, devia ter, devia fazer alguma coisa. (Dionar José Monteiro de Souza, Entrevista em 2018).

A maioria dos sujeitos produzem lavouras de subsistência, como feijão, milho, mandioca, bananas, batatas, abóboras, entre muitas outras plantas de interesse alimentício. Comercializa-se o excedente nas redondezas, principalmente em Planaltina e Paranoá. Uns têm muita experiência com horticultura, e retiram dessa atividade a maior parte da renda que garante a assistência da família.

Um bom número de membros das famílias da comunidade busca trabalho nas fazendas próximas, por exemplo a fazenda do Pintado, uma espécie de fazenda e fábrica de processamento de milho e outros grãos, que é responsável pela contratação de muitos jovens locais. Esses espaços de captação da mão de obra se tornam importantes para a manutenção da comunidade, tendo em vista a necessidade de postos de trabalho, conforme fala de dona Abadia, que diz que “[...]deveria ter mais fábricas e fazendas que contratassem nossos jovens, né?” (Maria da Abadia Rodrigues Correia, Entrevista em 2018).

Alguns entrevistados percebem que estão ali porque a vida os empurrou por motivos diversos: falta de emprego, inadequação aos trabalhos urbanos, falta de recurso financeiros para pagar aluguel, decepção familiar, como traição, separação, fuga mesmo. Busca de outro lugar para viver.

No mundo rural, na vida modesta de quem vive o tempo da natureza, tudo parecia perfeito, só víamos um caminho: plantar, colher, crescer, casar e ter muitos filhos. Viemos de mundos pequenos, todos nós, mundos pequenos e completos em si mesmos, onde tudo parecia perfeito, tudo era bom. Não se sabe o que é ruim enquanto não se conhece o bom. Concordando com as falas de seu Zezinho:

A vida era muito boa. Até então, a gente não tinha costume com outro modo de vida. Aquilo era bom demais. Agente só foi ver uma diferença, quando a gente foi ver o outro lado da vida, morar na cidade, viver na cidade, os costumes, ver como era a forma de ser na cidade, aí que agente viu que lá era bom, mas que faltava muita coisa pra que a gente se sentisse completo como ser humano (José Neres, o Zezinho, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo descreve o processo de reterritorialização da comunidade do Assentamento Três Conquistas, no Distrito Federal, nas últimas duas décadas. Acampados e assentados, sujeitos provenientes de diversas localidades que ousaram sonhar com um outro modo de vida.

A história do Assentamento Três Conquistas demonstra que o território não é fixo, é fluido e construído pelas pessoas. O território nacional é um espaço de dominação política, um todo que contém uma multiplicidade de territorialidades simbólicas, fluidas e multi-identitárias. Esses aspectos são evidenciados na descrição do processo de reterritorialização rural dessa comunidade.

A história de reterritorialização de famílias no meio rural é atravessada por atos de solidariedade e disputa pela sobrevivência. Sujeitos que, a partir da vivência de novas práticas coletivas junto ao MST, resignificaram seus valores e construíram uma nova territorialidade. Adquiriram uma nova visão da realidade.

Importa destacar o papel fundamental das políticas públicas no processo de reterritorialização de famílias do meio rural. A regularização dos assentamentos de Reforma Agrária é uma questão de decisão política, depende das forças decisórias do Estado para a sua efetivação. Muitas políticas públicas, até recentemente, tiveram um papel importante na consolidação e manutenção dos assentamentos rurais. Outras, como o Projovem-Campo (Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Campo), por exemplo, criaram mecanismos de acesso à educação para a população do meio rural.

A consolidação do acesso à educação através do Pronera ou do Projovem-Campo são políticas de fundamental importância para a emancipação das pessoas. Não basta só o acesso à terra, um lugar para viver e produzir, precisamos coo-criar um mundo mais justo, além de uma nova visão de mundo, e a educação viabiliza as ferramentas para isso.

Ao longo dessa dissertação, passagens da minha própria história demonstram isso. O acesso à educação e à formação qualifica o sujeito e o impulsiona para um atuar efetivo, frente às necessidades do seu tempo, do seu mundo, da sua comunidade. Somos nós mesmos o capital social do nosso território.

A história de Três Conquistas, como de outros assentamentos, também revela as distintas funções do movimento social (MST), distinto – e, em larga medida complementar - ao papel das associações comunitárias para a construção dos sujeitos e seus territórios.

O MST representa a categoria dos sujeitos desterritorializados (Sem-Terra), *estejam* eles trabalhadores rurais ou urbanos, mas igualmente excluídos. É um sujeito coletivo representativo, em nível mais amplo, em nível nacional. Sempre com uma pauta de reivindicações e lutas gerais e abrangentes, envolvendo muitos outros segmentos que se entrecruzam nas diversas questões relacionadas ao rural atual, tais como políticas públicas para a educação do meio rural, para a produção orgânica e/ou agroecológica, por uma produção de alimentos livres de agrotóxicos, por acesso ao crédito também para jovens e mulheres, por manutenção dos direitos do trabalhador rural, entre tantas outras.

Cabe à associação, por sua vez, representar a comunidade nas esferas públicas, entre outras coisas. Compete a ela também articular parcerias, visando o desenvolvimento ideal ou possível da comunidade, bem como viabilizar soluções coletivas para as questões relacionadas ao funcionamento do assentamento e da produção.

As interações sociais que aparecem no estudo diferenciaram-se ao longo do tempo. Pudemos perceber que as reuniões, nos primeiros tempos de acampamento, promoveram impactos marcantes no processo de ressignificação dos sujeitos. Tem destaque o impacto positivo do MST e suas metodologias de gestão coletiva do acampamento. Os trabalhos em grupo, as ações e práticas coletivas, as manifestações e luta por reivindicações justas, as palestras frequentes, os encontros e estudos sobre a conjuntura do mundo na época, marcaram profundamente esses sujeitos. Sujeitos saindo de um contexto de exclusão social e competitividade por sobrevivência, adentrando um modo de vida solidário, pautado na ação coletiva. Um verdadeiro ritual de adequação do sujeito a uma nova proposta de sociedade.

O estudo sinaliza que, na atualidade, a comunidade não desenvolve muitas atividades coletivas e pouco se empenha em promover festas e momentos de lazer. Possivelmente devido ao perfil protestante da comunidade. Os espaços de socialidades, hoje, se restringem às raras reuniões da associação, às consultas médicas e às atividades das duas igrejas locais.

Os pequenos comércios foram mais intensos na fase de acampamento. As distâncias das chácaras os inviabilizam, atualmente. Tudo isso configura uma perda para a comunidade, tendo em vista que, no comércio, as trocas vão muito além dos produtos e seu valor. O comércio entre os sujeitos fortalece os vínculos entre as famílias, promove o melhor aproveitamento do potencial produtivo local e regula até a produção e a agregação de valores aos produtos da agricultura familiar. Faz com que os recursos financeiros circulem localmente, o que favorece a todos e promove maior diálogo e vivência comunitária.

REFERÊNCIAS

BORGES, Bárbara Loureiro. **Reforma Agrária e Abastecimento Alimentar: a agricultura camponesa do Distrito Federal construindo a segurança e a soberania alimentar.** Dissertação de Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

BRANFORD, Sue; ROCHA, Jan. **Rompendo a Cerca: a história do MST.** São Paulo: Casa Amarela, 2004.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola.** Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CALDART, R. S. ; Alentejano, Paulo (Org.) . **MST, Universidade e Pesquisa.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014. v. 1. 264p .

CARTER, Miguel (Org.). **Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil.** Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 461-478.

CHAM, Mbye. **História Oficial, Memória Popular: Reconfiguração Do Passado Africano Nos Filmes De Ousmane Sembène.** Tradução Victor Martins de Souza. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6439/9825>> Acesso em 20 de abril de 2019.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST.** São Paulo em perspectiva, 2001.

DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (Org.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro.** Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. 470p.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Acampamento In: CALDART, R. S. et. al (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2012. Pag. 23 - 27.

_____. **A formação do MST no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCO, Dino; MAURAI. **Caboclo na Cidade.** Música. composição de Dino Franco e Maurai.

HALBWACHS, Maurice **Espacio y memoria colectiva Estudios sobre las Culturas Contemporáneas,** vol. III, núm. 9, 1990, pp. 11-40 Universidad de Colima Colima, México.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas** Disponível em <www.ibge.gov.br> Acesso em 14 dez. 2018.

MEIRELES, Cecília. **Canção.** Poema. Disponível em: <www.pensador.com/frase/MjIzNjI2> Acesso em 15 dez. 2018.

MORISSAWA, M. **A História da luta pelas terra e o MST,** São Paulo, Expressão Popular,

2001.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura Familiar. In: CALDART, R. S. et. al (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. Pag. 34 - 42.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Longa Marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária**. Estudos Avançados. Vol. 15 nº. 43 – São Paulo, Sept/ Dec. 2001.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Questão Agrária e a Reinvenção do Campesinato: o caso do MST**. IN: Revista GEOgrafias. Belo Horizonte: Departamento de Geografia – IGC/UFMG, V.01, N.01 (Jul/dez), 2005, pp. 07-24.

RIBEIRO, S. M. et al. Agricultura urbana agroecológica: estratégia de promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 25, n. 3, p. 381-388, 2012

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SILVA, Marco Antônio Baratto Ribeiro. TESE DE DOUTORADO: **Questão Agrária e Luta pela Terra: a consolidação dos assentamentos de Reforma Agrária do MST no Distrito Federal e Entorno**, Universidade de Brasília 2017.

STEDILE, João Pedro. **Questão agrária e desenvolvimento** - Vídeo no Voz Ativa. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=bFoT_M_V0Y8> Acesso em 19 dez. 2018.

TIMÓTEO, Agnaldo. **A casa do sol nascente**. Música. Disponível em: <www.vagalume.com.br/agnaldo-timoteo/a-casa-do-sol-nascente.html> Acesso em 15 dez. 2018.

APÊNDICES

ROTEIRO DE CAMPO | ASSENTAMENTO TRÊS CONQUISTAS

ORIENTAÇÕES GERAIS

1. Escolha um grupo de famílias pioneiras – no mínimo 3 famílias – para serem entrevistadas e visitadas em suas casas e roças – quando houver.
2. Tome nota da composição da família – ou seja, quais são as pessoas que moram na casa (pai, mãe, filhos, sogros etc.). Tome nota também da idade (pode ser aproximada) dessas pessoas.
3. Procure saber como é a composição da renda da família: produzem alimentos para o consumo? Vendem o excedente? Quais são os produtos vendidos? Como é feita a comercialização (via associação ou individualmente, por encomenda, em feira ou mercado institucional etc.)? Alguém na família recebe aposentadoria? Recebe outro benefício (como bolsa família)?
4. Tome nota dos nomes completos de seus interlocutores (as pessoas que você entrevistar).
5. Agende as entrevistas com seus interlocutores previamente, em horário apropriado para eles. Explique que está fazendo um trabalho sobre a memória do assentamento e o modo de vida das famílias pioneiras.
6. Pergunte às pessoas se você pode citá-las no texto de sua dissertação ou se preferem ter sua identidade ocultada.
7. Procure conversar com homens e mulheres, na medida do possível, para ter acesso às diferentes perspectivas sobre essa história.
8. Procure também identificar as relações de parentesco entre as famílias entrevistadas – se houver.
9. Reúna informações gerais sobre a associação e o seu funcionamento (inclusive projetos em curso, se houver) e todas as outras informações sobre o contexto atual do assentamento.
10. Convém gravar as entrevistas e, havendo documentação relevante para a reconstituição da história do assentamento, disponível na associação, fazer cópias para posterior análise. Também tente identificar datas dos eventos citados por seus interlocutores.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS | ASSENTAMENTO TRÊS CONQUISTAS

1. Conte-me um pouco sobre a sua história. Aonde você nasceu?
2. Quando veio para o Distrito Federal e por que?
3. Quando veio para o Distrito Federal já tinha família constituída ou se casou aqui?
4. Como se envolveu na luta pelo assentamento Três Conquistas? Por que você decidiu participar desse processo?
5. Como foi organizado o acampamento? Quais eram as maiores dificuldades naquela época?
6. Quais foram os momentos mais importantes dessa luta, na sua opinião?
7. Depois da fase do acampamento, como se organizou o assentamento? O que mudou nesse momento? Quais eram as dificuldades?
8. As coisas foram como você esperava? Por que?
9. O que foi que ajudou você a permanecer no assentamento?
10. Como é a vida no assentamento hoje? O que você e sua família fazem para viver?
11. Como é o relacionamento entre as famílias no assentamento? São realizadas atividades coletivas regularmente? Quais?
12. O que você destacaria como coisas boas no Assentamento Três Conquistas, que te orgulham?
13. O que você destacaria como desafios, quais são as coisas que te preocupam?
14. Depois de lembrar a sua história e falar sobre o seu cotidiano no assentamento, como você se sente?
15. Quais são os seus planos de futuro? O que ainda gostaria de realizar?